

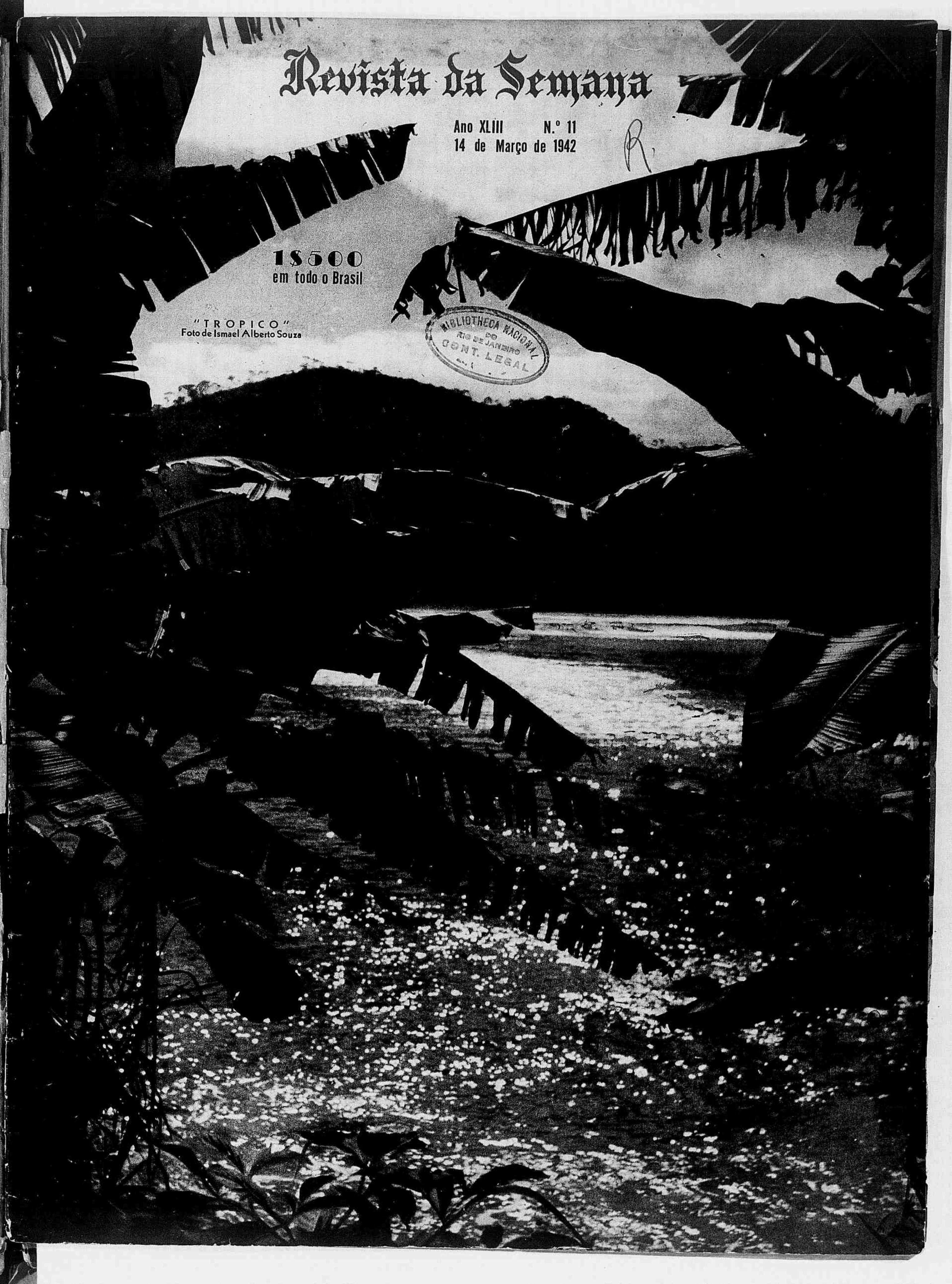
Revista da Semana

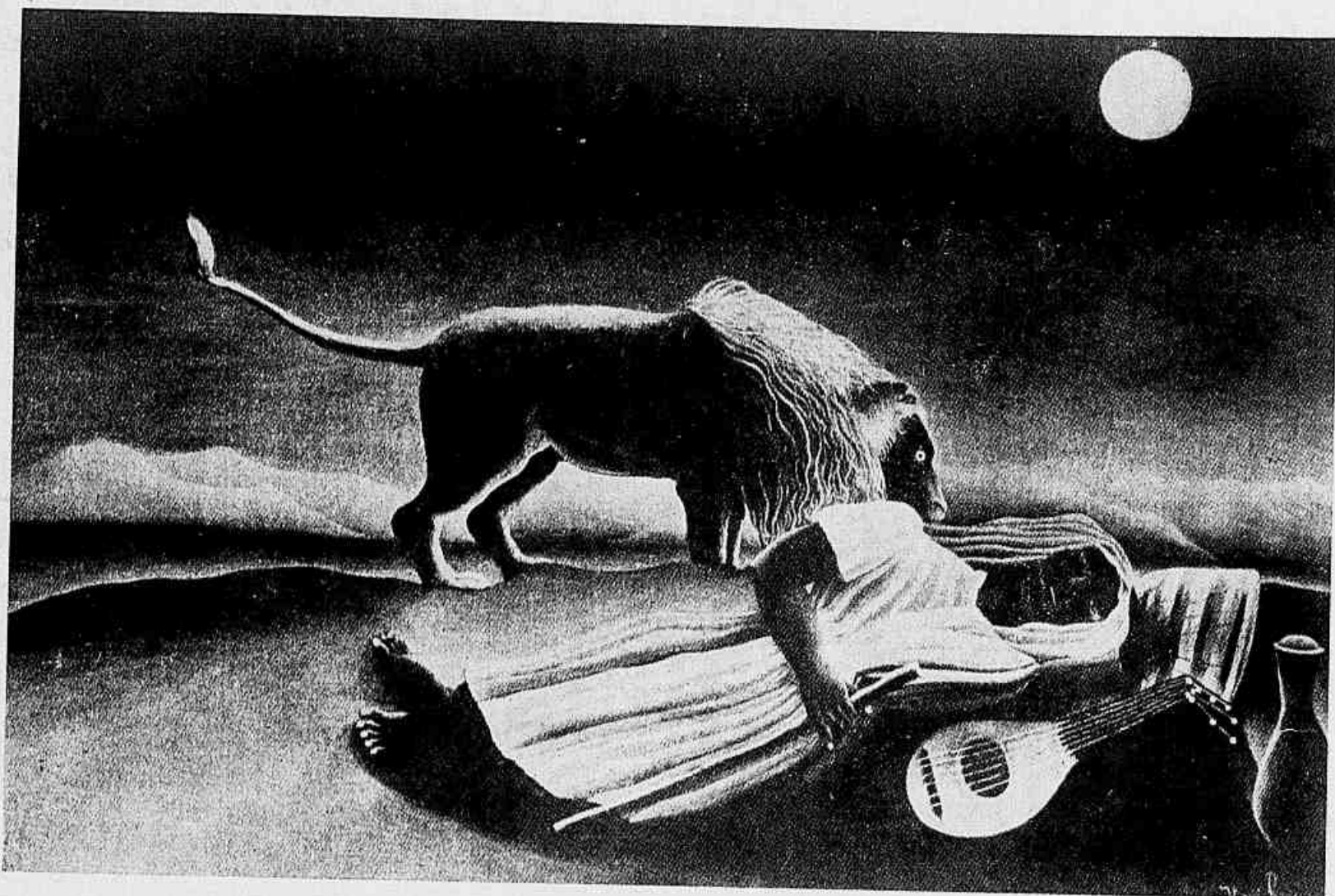
Ano XLIII N.º 11
14 de Março de 1942

R.

18500
em todo o Brasil

"TROPICO"
Foto de Ismael Alberto Souza





O SONO DO SERVO, de Henry Rousseau — Muito se tem dito da visão infantil que Henry Rousseau tem das coisas, mas na verdade ele compartilha essa qualidade com centenas de autodidatas "primitivos modernos". A pintura de Rousseau tem grande efeito decorativo e magnífica frescura.



DOIS ARLEQUINS E UM CÃO, de Pablo Picasso — A arte de Picasso pode ser descrita como uma luta de quarenta anos entre duas naturezas: uma violenta, experimental, arrogantemente inconoclasta; outra gentil, quase doce. Foi o Picasso gentil que pintou a obra que aqui reproduzimos, em 1905. Um ano depois ele surgiria como um leão em "Les demoiselles d'Avignon".

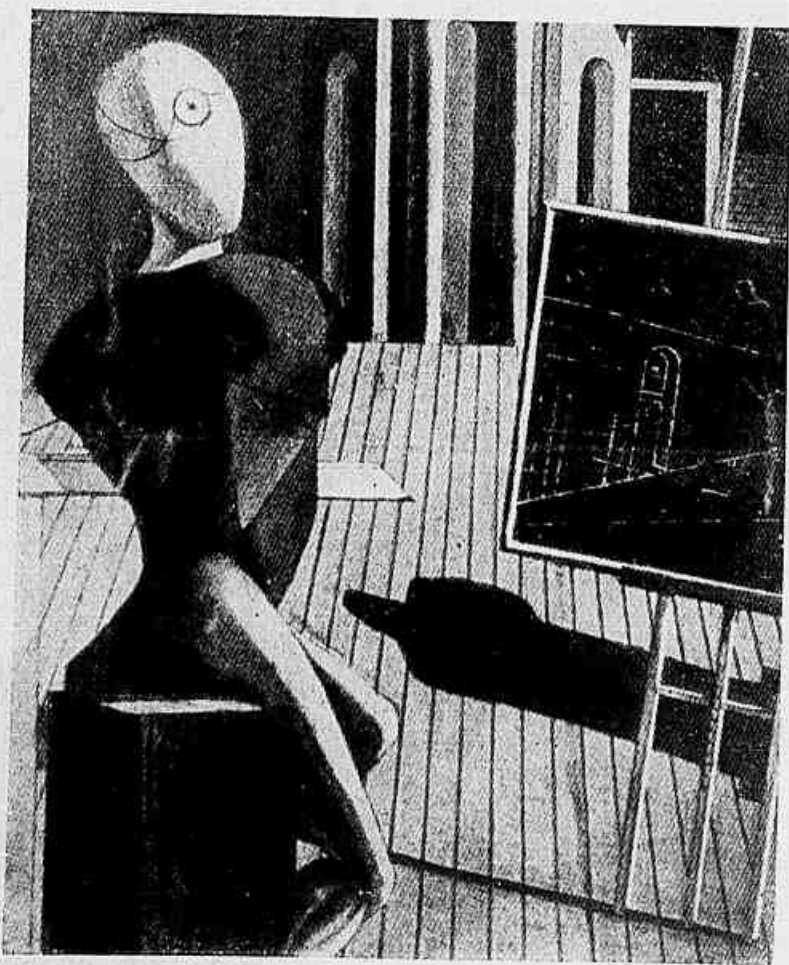
ARTE MODERNA

O Museu de Arte Moderna americano celebrou o seu décimo aniversário com uma exposição intitulada "Arte em nosso tempo", a qual inaugurou o novo edifício dessa instituição em Nova York. Alfred H. Barr Jr., diretor do Museu, fez uma seleção de obras expressivas de fases da arte moderna, algumas das quais reproduzimos nesta página. Referindo-se à sua seleção, Mr. Barr

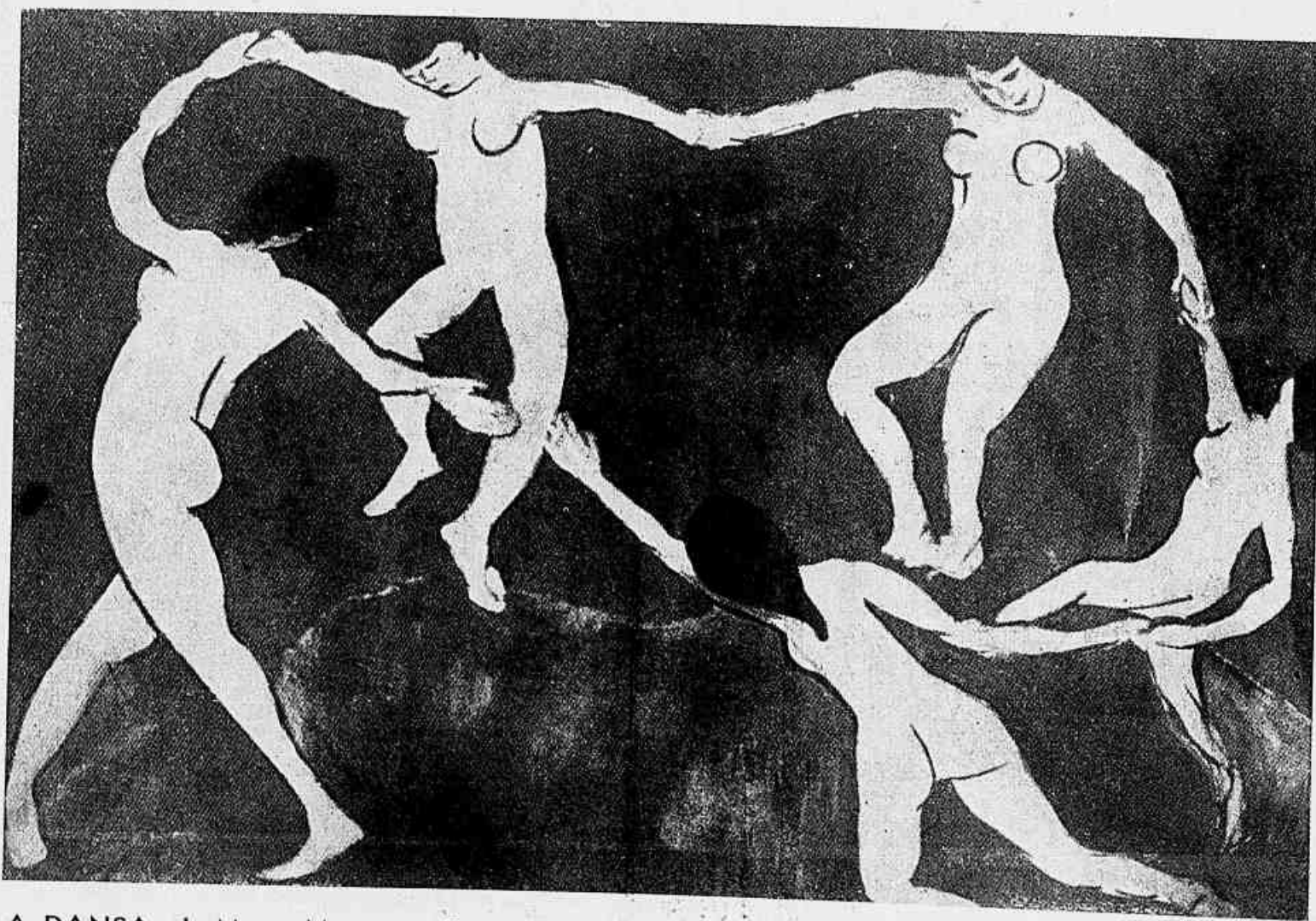
disse: "A arte moderna é uma aventura dos olhos e da inteligência. Para entender a arte moderna não se faz necessário grande esforço de intelecto, mas apenas alguma iniciativa e imaginação. A arte moderna não se dirige a homens tímidos ou complacentes que se não desejam furtar a uma serenidade artificial, mas aos ativos, arrojados, aventureiros".



CÃO PELA CORRENTE, de Giacomo Balla — E' provável que os futuristas italianos de antes da guerra tenham sido os maiores responsáveis pelo sentimento despertado no público de que a arte moderna é uma violenta revolução fundada em princípios teóricos. Examinando-se a obra acima percebe-se que ela é nada mais do que um estudo de movimento.



O PROFETA, de Giorgio de Chirico — Somente alguns artistas na história têm sido capazes de criar um mundo tão estranho e original como Giorgio de Chirico: um mundo de arquitetura silenciosa, de luz fria, sem tempo e sem ar, e povoado de autómatos enigmáticos. De seus trabalhos, feitos vinte anos atrás, vêm muitas das idéias dos surrealistas.



A DANSA, de Henry Matisse — Esta obra, a mais famosa de Matisse, foi concluída em 1910. A côr, "o mais azul dos azues, o verde das arvores, o vibrante vermelho dos corpos" (palavras de Matisse) casa com o desenho vigoroso e a dinâmica dos ritmos.

Da tela para a cela

HÁ pouco mais de três lustros, uma grande figura feminina do palco trocava o ruído quente dos aplausos populares pelo silêncio místico de um convento.

Era um acontecimento impressionante e possivelmente inédito; mas, afinal de contas, a renúncia é um apanágio da mulher, e o eco das portas que se fecharam para ocultar a criatura humana que voltava as costas ao mundo em breve se apagou.

Hoje, volvidos bastantes dias, ainda repercute o episódio que data quase de um mês e que é, de certo modo, uma repetição do de alguns lustros atrás.

Por que?

Há uma diferença cada vez mais profunda entre um palco e uma tela. Põem ambos em contacto os artistas e as multidões; mas o palco é alguma coisa de restrito, porque se fixa em determinado lugar e só por tradição deixa que a lugares outros chegue a fama dos que o animam. E', portanto, um pequeníssimo criador de celebridades.

A tela, entretanto, é universal. Dá ao artista o verdadeiro dom da ubiquidade, porque o torna visível e o faz ser ouvido simultaneamente em bairros diferentes da mesma cidade e em diferentes países de todas as latitudes. Foi assim que José Mojica pôde ser admirado ao mesmo tempo no Brasil e na China, na Turquia e no Cabo, como na Groenlandia — se lá existe o cinema... — e na Terra do Fogo.

O palco populariza; a tela universaliza.

A figura feminina que trocou o teatro pelo convento vivia no conhecimento de bem pouca gente. Não fosse a pequena divulgação fotográfica do seu tipo, naquele momento de renúncia bem poucos poderiam fazer uma idéia da nova professante e imaginar si era bela como Helena ou feia como Carlota Joaquina. José Mojica, porém, era conhecido do mundo inteiro. Ainda quando não havia saído do seu México poético e ardente, já era visto e ouvido em toda parte, nos quatro cantos do universo, como si acaso estivesse presente, como um deus, em todos os recantos do orbe, vivendo intensamente os lances de drama e de comédia, as cenas de aventura e de galantaria, e envolvendo todo o desenrolar dos motivos que criara na harmonia sugestiva de sua voz.

O cinema adquiriu o privilégio de ser o maior divulgador de personalidades. Uma divulgação capaz de gerar, inconscientemente, exageros e injustiça. Porque, não se pode deixar de reconhecer, são contadas aos milhões as criaturas que não sabem quem foram os heróis, os inventores, os sábios, os escritores, os músicos, as figuras máximas da humanidade, mas que identificam perfeitamente as feições, os gestos, a voz de Bette Davis e Mickey Rooney, de Martha Eggerth e José Mojica.

Pode o artista morrer, e a película ficará a perpetuá-lo, reproduzida num infinito de cópias espalhadas aos quatro ventos. Destina-se a fazê-lo ressurgir, quando se quiser, numa imortalidade luminosa.

José Mojica esplendeu na tela. Tornou-se uma das mais cativantes e prestigiosas figuras do écran. Os seus filmes arrastavam multidões. A sua voz tinha a propriedade caricosa de enlevar. Brillou como um astro e ficou, pelo consenso de todos, sendo um astro de um céu criado pelos mortais. Ele, porém, preferiu, à certeza desse céu precário que os homens idearam, a perspectiva do outro Céu, criado por Deus. E fechou sobre si mesmo as portas da Terra, para ir bater, sozinho, recolhido, às portas do Paraíso.

Mojica devia ter tudo no mundo. Possivelmente, nada lhe faltaria, a ele em quem sobrava a mocidade. Mas fugiu ao mundo, precisamente quando o mundo o chamava. Talvez fosse pouco o que tinha... Despediu-se das criaturas e foi em busca do Creador.

Andaram por toda parte, durante algum tempo, os rumores da resolução do artista. Não era possível!

Qual a razão? Não lhe conheciam romances na vida que pudessem gerar desilusões. Então, por que seria? Não era possível!

Mas a realidade sobreveio e o mundo aceitou como um fato consumado aquilo de que duvidava.

Há agora para uma só pessoa duas vidas paralelas: a secular e a monástica. Uma, é a continuidade na reviviscência; outra, é o início de uma aspiração. Uma, é uma perpetuação visível a perpassar no retângulo da tela; outra, é um mistério invisível no cubo de uma cela.

Mojica, ator, deve muita vez ter sido espectador e contemplado a sua própria figura a mover-se, ora calma, ora agitada, no enredo das películas. Não poderá deixar de rever-se, em algum instante de descuido, nas quatro paredes da prisão voluntária, fechadas pelo chão que lhe dá a impressão da terra em que ainda está, e pelo teto, que se lhe afigurará o céu aonde quer chegar...

Mas, acima de tudo, sentirá o peso inevitável e contingente de uma verdade que não poderá destruir. Outros e outros teem, como ele, renunciado ao mundo, fugido do convívio dos mortais, e ido viver na contem-

plação, na penitência, na adoração silenciosa de Deus. E, em verdade, deixam por completo o mundo, levando consigo tudo o que tiveram na terra. Ele, porém, ficará sendo o único monge que, segregado do mundo, continuará a viver no universo. Duas existências — o passado e o presente.

Cá fora, ninguém saberá da sua vida presente. Todos, entretanto, continuarão a vê-lo como ele sempre fôra, um mortal igual aos outros, tornando a aparecer na tela na Groenlandia e na Terra do Fogo, onipresente, cativando com os gestos, enlevando com a voz, o José Mojica apenas... Porque aquele que renunciou ao mundo já é diferente, até no nome: Frei José Francisco de Guadalupe.



José Mojica ao chegar ao Rio, quando da sua única visita ao Brasil.

após mais meia dúzia de passos e rouquejos de tosse seca, ouviu três pancadinhas, abatidas com as norças, na sua porta.

— Entre, faça favor — disse de dentro.

Com grande espanto, porém, viu um homem, também com aspecto de doente, romper da sombra, de roupão escarlate e pijama de flanela às riscas. Acercou-se solícito, a indagar:

— Não está bem?

Tiago teve acanhamento de lhe pedir auxílio. Limitou-se a implorar:

— Queria que me fizesse o favor de chamar qualquer enfermeiro. Estou aqui num lago de suor.

— Pois aqui me tem. Ernesto Ramos, um seu criado — apresentou-se polidamente.

Era um indivíduo de tez clara, olhos azuis hospitaleiros, sorriso franco, cabelos sobre o fulvo, distinto de aspecto, se lhano e amável.

Disponha-se Tiago a recusar o obsequio; mas o cavalheiro, com extremos de amabilidade, insistiu:

No Caramulo — disse — não havia agradecimentos ou qualquer outra espécie de cerimonia entre os doentes. Fazia regra, antes, o espírito de solidariedade, mais do que de solidariedade, o auxílio mútuo, sentidamente humano, por intimamente devotado. Não havia lágrimas que não merecessem lágrimas, nem agonia que não merecesse piedade fraterna. E' que todos se sentiam irmanados pelo estigma fatal da desventura que ali os reunira, como em redil de párias. Porque assim era, levantara-se contente da sua cama, para cumprir, religiosamente, o preceito altíssimo da camaradagem no infortúnio. Quisesse perdoar; mas já dali não arredaria pé sem lhe prestar os seus serviços.

E como para Tiago já era insolência recusar, aceitou constrangido o arrimo que se lhe oferecia.

Ernesto Ramos dispôs ainda a melhor alcance do enfermo varios objetos de eventual precisão, meteu-lhe o termómetro, tomou-lhe o pulso e, depois de lhe dirigir palavras de alento e confiança, saiu finalmente, com a promessa de ali se apresentar de novo logo ao primeiro sinal de campainha que sentisse.

Breve se diluíram seus passos, flebilmente, na passadeira do corredor. E o silêncio de morte voltou, mais compacto e mais triste.

Lá fora, entre a noite tenebrosa, cães latiam pelos quinchos, como que açoitados contra sombras fúnebres de almas penadas que errassem no descampado. Nos caixilhos da janela, no exterior, uma guieira desabrida gemia infinitamente.

Uma grande solidão tofa fúnebre e desolada.

E, no tope do corredor, o relógio de pendula, a martelar tristemente os segundos com tic-tac cadenciado que lembrava gotas geladas a caírem de aresta viva de estalactite em água estagnada, bateu com estridor as três horas da manhã.

—oOo—

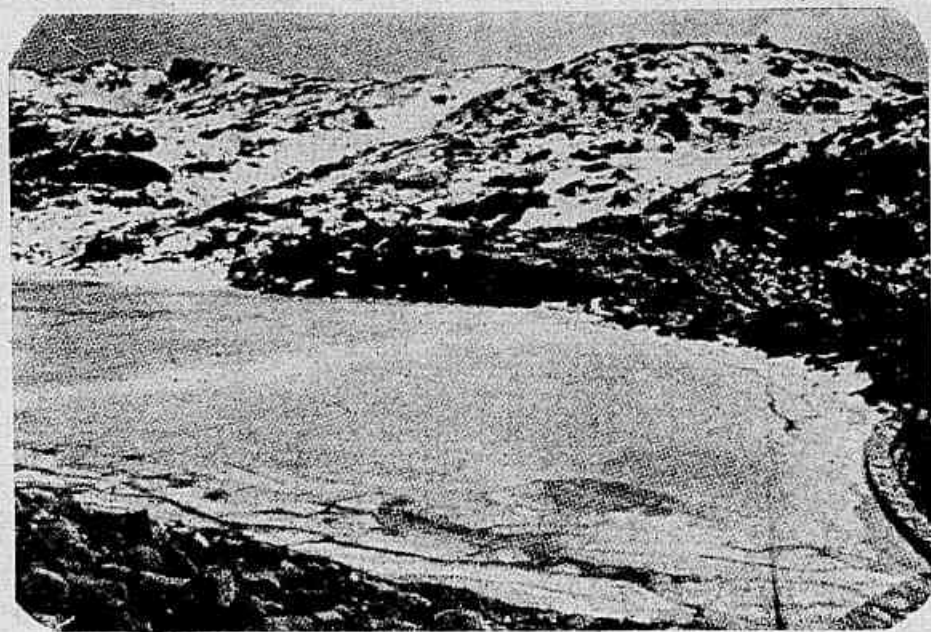
Mas os dias passavam e as melhoras não vinham. E Tiago, esvaído da caminhada da esperança, principiou

de resvalar pouco a pouco áquele nível de cobardia moral em que a lepra do desalento entra de corroer, pela febre desabrida da renúncia, aquelas derradeiras energias que são anteparo e defesa do baluarte mesquinho da vida de um tuberculoso. A recuar, dia após dia, acoissado pela desfortuna, bem lhe avultava que não deixaria de tombar, dentro de pouco, na arena inhospita em que lutava sem fé.

Carecido de forças, principiou a deixar de levantar-se. Prostrado no leito, a ler intimamente a sua desdita, passava os dias amarfanhado contra si mesmo, a viver, instante por instante, as horas tenebrosas daquela existência amarga. Nas tardes intermináveis passados os olhos pelo jornal — um discurso façanhado do Hitler ou a narrativa de qualquer sortida heroica dos guerrilheiros do Negus, na Abissínia — Tiago ficava horas inteiras entregue a si mesmo, á sua solidão, isolado de tudo e de todos.

Em breve, porém, alguém se lhe abeirava a levar dia a dia á sua Tebaida esmola de carinho e solicitude, alguém que, pouco a pouco, se foi tornando imprescindível na mansão triste, tão metódicas e pontuais entraram de ser as suas visitas — era ainda e sempre Ernesto Ramos. Vinha dar a sua ajuda a Tiago, na escalada agreste de tão agreste calvário. Sentava-se tardes inteiras á cabeceira do desventurado, a animá-lo e a confortá-lo. E tinha o condão de lhe dar alívio, pelo exemplo vivo, que lhe levava, da conformidade e da resignação.

A's vezes, quando o estado de saúde de Tiago se agravava, Ernesto Ramos tinha sempre um conselho proveitoso, um expediente que não raro resultava prontamente benéfico. Outras vezes, porém, quando eram mais violentas as crises e falhavam todos os recursos que lhe havia ensinado a sua experiência de tísico de velha data, Ernesto Ramos, em ultimo extremo, pedia ao amigo que rezasse consigo. E as tristes almas atribuladas arrimavam-se então para Deus a pedir a esmolinha da saúde que a vida lhes negava, mãos erguidas e corações erguidos, a impregnar-se da derradeira esperança da fé superior ao homem, aquela fé á sombra da qual se morre mais conformado com o destino implacável. Olhos fitos nos olhos, no quartinho estreito, um, arquejante e miserrimo, recostado aos travesseiros, a fimbria dos cobertores alandorada peito acima, até quasi o pescoço; o outro, de pé, frente ao amigo, costas voltadas ao guarda-fatos — os dois doentes erguiam entre si prece



Serra da Estrêla. Surpreendente espetáculo das lagoas geladas.



Serra da Estrêla. A "Cabeça da Velha", um dos mais notáveis entropogilifitas do mundo.

Até o Gênio! Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

Regulador Gesteira é o Remédio de Confiança para

tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dóres do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dóres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **REGULADOR GESTEIRA**

altíssima ao Todo-Poderoso, na vaga esperança de um retumbante milagre que infelizmente tardava tanto.

Depois, quando vinha a noite e finalmente se separavam, Tiago, largo tempo desperto, ficava a contar, sozinho, minuto por minuto, as horas infinitas, sempre com o tic-tac, nos ouvidos, da pendula do corredor, de muito em muito longe batendo horas sonolentas que só ele ouvia, que só ao seu coração soavam como balizas fatais do breve espaço de vida que ainda lhe restava.

—oOo—

Uma tarde — já Tiago, vendo o sol levantar-se em cada dia, perguntava a si mesmo se ainda assistiria ao ocaso — apareceu Carlos no Sanatório da Lomba. Entrou no quarto, de certo modo inquieto; e sem reparar sequer no deplorável aspecto do irmão, foi-lhe dizendo, em transporte de júbilo, a passear de lado para lado, que se alegrasse! que se alegrasse! pois lhe trazia uma grande boa nova! E era que um grande médico francês havia descoberto tratamento efficacíssimo de doenças pulmonares, tratamento que estava a ser praticado em Lisboa por clinico de grande reputação, que até tinha estado em Paris, a instruir-se, com o sabio, do método maravilhoso! Que se alegrasse! Que se alegrasse! Tinha já todos os dados, estava informado de tudo. E vinha então decidido a levá-lo a ele, Tiago, imediatamente para Lisboa. O carro já ali estava a postos. Arranjava-se um enfermeiro que os acompanhasse... Não havia que pensar! Não havia que pensar! Era só... partir!

Falando com desembaraço, Carlos gesticulava, animado. Tiago, por seu turno, ia ouvindo impassível. Seus olhos desmesurados de etico fitavam os objetos com impressionante fixidez, e a respiração, atropelada e ofegante, dava ideia de que vinha de escalar montanhas, a marchas forçadas. Recostado ás almofadas, sobre o espaldar do leito, tinha o braço esquelético e desnudo estendido ao longo do corpo, combalido e exausto. E parecia divisar-se a vibração das veias entumecidas á cadencia da respiração, na luta pela existencia.

Quando Carlos terminou, Tiago, voz cava e difficil, murmurou, com amargo sorriso:

— E o que mais, depois de tudo isso?

Espantado da descrença, Carlos não achou resposta pronta. O doente, entretanto, prosseguiu:

— Morrer em Lisboa... ou morrer no Caramulo... não será tudo o mesmo? E, instantes após, depois de observar o desconcerto do irmão:

— Sim; não será tudo o mesmo?

Carlos tentou então, contrafeito, a jovialidade:

Que ele, Tiago, estava tragico!... — e arremedou uma gargalhada. — Se queres, lá dali já rogar o padre e encomendar o caixão. Ora, ora!... Que grande disparate!... Não queria negar que naquele caso, o Caramulo falhara estrondosamente; obtivera porém a explicação. E vinha a ser que as altitudes ocasionavam, frequentemente, certas complicações cardíacas, contrariedades, trapalhadas. Era em verdade o que ali acontecia. Ora, em Lisboa, não podia suceder outro tanto. Além do que, já havia casos de cura verdadeiramente extraordinários!

Tiago mantinha-se cético; mas Carlos não deixava de aduzir razões e mais razões.

E porque tira, e porque deixa, viu-se Tiago forçado a dar a sua razão primordial. Como quem se confessa, declarou então que pouco lhe restava já das escassas economias que conseguira amealhar em tempos mais felizes. Não sabia mesmo se os socios não estariam já impacientados com a retirada quasi global dos seus suprimimentos na casa comercial. O que lhe restava, portanto, fazer? Desgraçadamente — continuou — o direito á vida também custava dinheiro, dinheiro que lhe fôra rareando á medida que procurava salvar-se. Ora, que lhe constasse, os medicos de Lisboa não eram mais generosos do que os do Caramulo... Depois... a mulher... os filhos... Teria direito? — sim!... — teria direito de jogar... assim... á doida... sobre o pano verde das suas esperanças... o pouco que lhes podia deixar?

A comoção embargou-lhe a voz; mas Carlos acudiu logo, com generoso entusiasmo:

Não, não lhe concedia que assim o medisse a ele, Carlos, pela rasa comum de vesgo egoista, sem alma e sem devoção. Compreendia bem que não era santo; mas

estava, ainda assim, convencido de que também não era um destituído daqueles sentimentos que dão realce e grandeza ao âmbito de vida entre os homens. Queria levá-lo já, *mas já!*... para Lisboa. Custasse o que custasse. Mesmo que fosse preciso ficar sem a camisa do corpo; mesmo que fosse preciso roubar — ouvisse bem!

Com breve *dá-me licença?* abriu-se a porta do quarto. Era Ernesto Ramos. Ouvindo de seu quarto a alteração, acudia a pôr-lhe termo, para poupar o amigo.

Carlos dirigiu-se-lhe então, de coração nas mãos: Ainda bem que chegava o senhor Ernesto Ramos. E já que, por sua devoção e carinho para com o enfermo, naquela assembleia merecia ser considerado como irmão, queria pedir-lhe para ser árbitro e juiz em questão importante a derimir entre si e Tiago. Chegava o momento de se falar abertamente e com todas as letras. Era preciso pôr o dilema ali ao Tiago, com a necessária, embora rude, sinceridade: Ou ficar no Caramulo, evidentemente hostil à sua debil compleição, e morrer, ou seguir para Lisboa, com noventa e nove por cento de probabilidades de cura. Compreendia-se que o senhor Ernesto Ramos, por exemplo, não abandonasse o Caramulo, já que por ali ia encontrando qualquer alívio dos seus padecimentos. Mas, era preciso ver que, com Tiago, sucedia precisamente o contrario. Mas era urgente sobretudo, averiguar se um homem que deixa em casa mulher e filhos tinha ou não direito a dispor do produto do seu trabalho e economias, em proveito da própria existência. Ou se tinha por dever deixar-se naufragar estupidamente, como cousa sem prestígio, em holocausto a essa mulher e esses filhos? Pois não seria isso, em verdade, um pessimo serviço?

Extenuado, Tiago, achegando-se do leito, deixara pender a face sobre a mão esquerda, espalmada, assente no travesseiro — olhos coruscantes no vago, lábios entreabertos, narinas ofegantes, a alma fita na mulher e nos filhos, vítimas inocentes, que se lhe afiguravam, daquela sua ansia de salvação.

E quasi resignado, sem soluços — de alma negra e coração negro — lagrimas deslisaram-lhe das orbitas fundas.

—oOo—

Dirigia-se para o carro com o chapéu derrubado sobre os olhos, *cache-col* de lã cruzado sobre o peito, a gola do casaco levantada, a abafar-lhe a nuca cavernosa e o pescoço. Alto e esguio de figura, as narinas dilatadas pela respiração acelerada, olhar de impressionante fixidez — caminhava a custo, amparado dum lado pelo irmão e do outro pelo enfermeiro encarregado de acompanhá-los a Lisboa. Suas mãos flácidas de tísico tinham a brancura, a transparência, quasi, de folhas mortas levadas pelo vendaval, em outono desabrido.

Ao lado, a completar o grupo, transportando nos braços qualquer abafado necessário, caminhava o amigo devotado das horas amargas — Ernesto Ramos. E, que se ouvisse, apenas o triturar dos passos lentos no saibro do arruamento, como se os animos confrangidos não admittissem mais do que colloquios intimos das almas consigo mesmas.

Era a abalada da desgraça, canto em esquina do mundo, péla jogada ao Deus dará da sorte, de esperança em esperança, às cegas, sem rumo e sem destino, no enalço da salvação.

Chegados ao pé do estribo, detiveram a marcha. O *chauffeur* acudiu solícito, a prestar auxilio. Mas Tiago, sem forças, pediu que o deixassem descansar. Um *ric-lus* inexplicável de angustia franziu-lhe a máscara estranha de sacrificado, qualquer expressão que não era de riso nem de pranto, mas a fisionomia amargurada de quem emborça o calice de fel, na hora da desgraça.

Estingido, apagado, seus olhos, mais impressionantes e mais fundos, divagaram ao acaso — no rosto do irmão, no do enfermeiro, na porta do Sanatório por onde saíra... Até que foram cair em Ernesto Ramos, o homem que tantos espinhos embotara no seu diadema de mártir, o Cireneu da sua Cruz, aquele de que se arri-mara em tantas horas de agrura e desconforto moral.

Fundo arrepiou crispou então, repentinamente, a fisionomia de Tiago.

Metrolina

**antisséptico
adstringente
bactericida**

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 7 horas da noite

**DEPOSITOS,
DESCONTOS
CAUÇÕES**

ALFANDEGA, 50

Ereto, como que suspenso de si mesmo, abriu, numa alucinação, os braços esqueleticos, pronunciou em voz cava, a chorar perdidamente:

— Adeus, meu amigo!...

Num impulso, Ernesto Ramos avançou, também a chorar.

E, irresistivelmente, os dois doentes precipitaram-se nos braços um do outro, em explosão irremediável de afeto, soluços confundidos e almas confundidas, a despedir-se na bifurcação da sua via-sacra de tuberculosos — um para Lisboa, outro no Caramulo — a despedir-se, talvez para sempre, que dentro de pouco se lhes apagaria a existência breve de reprobos e de condenados. Irmanava-os a grande realidade da mesma desventura, na visinhança do sepulcro, ao qual jamais qualquer de ambos baixaria sem levar consigo um pouco da alma do outro. E o osculo que trocavam, era selo de bemquerença entre infelizes nivelados pela consciência agreste daquele infortunio irreparável.

—oOo—

E o carro zarpou, de manso, de mansinho, quasi em silencio, como que a separar, cautelosamente, as pobres vidas cançadas, com medo de um desenlace.

Tarde moribunda de Março em meio, um sol tímido de primavera ainda em começo a aquecer as almas, somente as almas, que os corações mal emergiam do regelo da desesperança.

Uma guieira álgida açoitava escarpas de Guardão em fora; e as folhagens inquietas pareciam murmurar entre si historias de infortúnios ignorados que por ali tinham seu palco e seu epilogo, nos catres dos sanatórios e na campa rasa.

Vale de Besteiros além, purpura em poalha inundava a campina; e, na quietude da tarde, o casario ingenuo espalhado a esmo pelas faldas do Caramulo, parecia inquieto e temeroso á ideia dos terrores da noite que se aproximava.

Lá mais além, a servir de pano de fundo ao presepio encantado, a mole gigantesca da Serra da Estrela, esbatida da luz mortal do sol em declínio, parecia trono reluzente de capela antiga, em dia de Senhor Exposto. A silhueta grandiosa, porém, infundia um terror vago de fatalidade imanente a desprender-se das mãos de Deus sobre os pobres seres oprimidos e desconfortados.

A servir de corcova ao imenso dromedario, e todo aureolado de claridades anemicas, o denticulo dos Cântaros, envolto em jaspe de neves purissimas, lembrava a pomba do Espirito Santo a ascender ao infinito.

Deus erguia-se ali alto e severo, mais alto e mais severo do que no pão bento da Eucaristia.

Errava no ambiente um vago misticismo, assim como unção de prece em que se diluem sons de órgão em nave de catedral. E até os piaheirinhos, esparsos na paisagem, pareciam de mãos postas.

E da banda de cá, no Guardão, em extasis diante do altar portentoso, toda recolhida e silenciosa assim como eremita em hora de meditação — a penha adusta do Caramulinho, sentinela eterna de sombras de viventes que se estiolam aos poucos e se vão apagando uma por uma — parecia a orar a Deus pelos vivos e pelos mortos, pelos que findaram e pelos que findavam, uns ainda arrimados ás suas esperanças, outros já na crueza do desengano — tropel angustioso de párias que povoam sucessivamente o Caramulo, sempre com os olhos fitos na ampulheta que lhes conta os minutos da existência, sempre á espera de que se vença a letra que a desventura lhes apresentou, aceita irrevogavelmente pelo preço incomensurável da vida, e com vencimento, a breve prazo, na hora agreste da crucificação — na sepultura.

S. João da Madeira (Portugal)

JOÃO DA SILVA CORREIA

ENCICLOPEDIA DE ALGIBEIRA

Que é a ventriloquia? Como dormem as ostras? Qual a origem do nome do Canadá? Como se conserta porcelana? Quem foi Barba Azul? Quantos automoveis há no mundo? De quando datam os cachimbos? Origem do magnetismo. Que povo tem o record da longevidade? Qual a maior flôr do mundo? Qual a maior pepita de ouro? Quem inventou o pifano?

INVENÇÕES E DESCOBERTAS

Quem, quando e como inventou o telefone? — E o telefone elétrico? O fonógrafo? A fonografia? Quem inventou os faróis? Como surgiram as armas de fogo?

ASSUNTOS RURAIS

Guerra de formigas — A plás-

tica do café — Feno artificial — Máquina infernal contra insetos — Medidas gerais para a criação de aves domésticas — Congresso Inter-Americano de Agrônomos — Sisal, fonte de riqueza — A caça no Canadá — Arte e montaria.

NOSSA TERRA

Efemérides cariocas — A população do Brasil — Ministros da Marinha do Brasil, desde 1808 — Os primeiros presidentes das provincias.

DIVERSOS

Quebra-cabeça — Charada, enigmas, palavras cruzadas. Ane-dotas.

Tudo isto se encontra no

**ALMANAQUE EU SEI
TUDO para 1942**

Redação — Rua Maranguape n.º 15
RIO DE JANEIRO

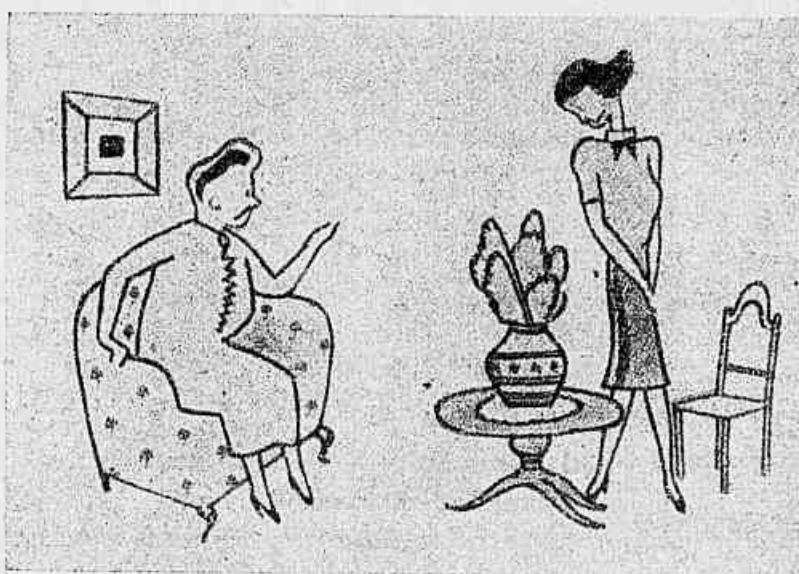
OUTROS RIRAM...

Uma pérola



A dona de casa poz anuncio de «precisa-se» para serviço domestico e apareceu-lhe uma infinidade de candidatas ao emprego, que absolutamente lhe não agradaram.

Chega por fim uma moça modesta, asseada, simpática ao extremo. Começam as formalidades do «trato».



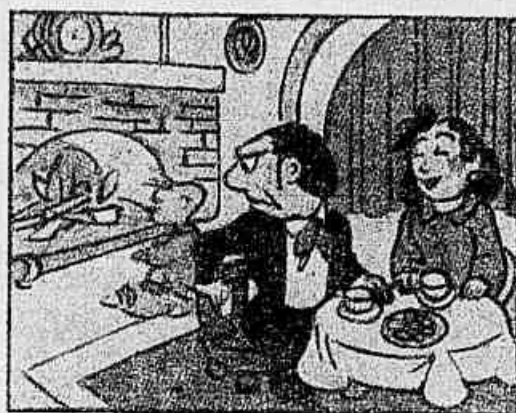
- Sabe cozinhar, arrumar, lavar?
- Sim senhora.
- Quantas vezes quer sair por semana?
- Nenhuma.
- Nem aos domingos?
- Nem aos domingos.
- Quantas vezes encera o soalho?
- Duas por semana.

A dona da casa continuou interrogando:

- Gosta de crianças?
- Adoro-as.
- Quanto tempo esteve na ultima casa?
- Quatro anos.
- E despediram-na ou saiu por sua vontade?
- Por minha vontade. Fizem tudo para que eu não saísse.



- Qual é o seu ordenado?
 - Cincoenta mil réis.
 - E quando começa a trabalhar?
 - Agora mesmo se a senhora quizer.
- A dona de casa não cabe em si de contente... Nesse momento um homem de uniforme rompe pela casa exclamando:
- Até que enfim a encontramos!
- E, voltando-se para a dona de casa, explica:
- A senhora queira desculpar esta invasão, mas... É uma internada que fugiu do Hospício!



— Parece que seu filhinho acaba de atirar ao fogo o meu livro de versos.

— Impossível! Ele não sabe ler!



— Está bem, colega, o senhor me proíbe de beber wiskhey... Mas veja bem o que faz, porque, na primeira ocasião, eu o proibo de fumar!



— Palavra de honra que, perto de você, fico outro!

— Também eu, meu bem, a seu lado fico outra!

— Mas, então, vamos a saber: Que somos nós ambos?

... dias tranquilos

mercê do
OVARIUTERAN
Contém o hormônio
feminino

Um produto ★ Raul Leite ★

SA. HA. RIO.

Santos e Efemérides da Semana

MARÇO

14 São Lubino. — Monge. Visitou Santo Avito em Perche. Ordenado padre por Etero, bispo de Chartres, tornou-se abade de Brou e subiu o sólio de Chartres em 544. Assistiu aos concílios de Orléans de 533, 538 e 541, e morreu em 557.

— **Santo Eutiquio.** — Foi massacrado, assim como seus companheiros, por Evelid, rei dos árabes.

— **Santa Matilde.** — Filha de Thierry, poderoso conde saxônio, casou-se muito jovem com o rei da Germânia, Henrique — o Passarinheiro, e teve três filhos: Henrique, duque de Baviera; Oton — o Grande, imperador, e São Bruno, arcebispo de Colônia, e duas filhas. Mostrou-se, no trono, piedosa e caritativa, fundou vários conventos, entre os quais o de Quedlinborg, onde morreu em 968.

— Nasce em São Paulo José Arouche de Toledo Rendon, magistrado, tenente-general, diretor da Academia de Direito de São Paulo, falecido em 26 de Julho de 1834 na mesma cidade (1756). — Morre em Aracati, no Ceará, José Pereira da Graça, barão de Aracati, ministro do Supremo Tribunal, que faleceu em 29 de Janeiro de 1889 no Rio, sendo inhumado no cemitério de S. João Batista (1812). — Nasce no Rio José Maria do Amaral, diplomata, poeta, escritor, falecido, em 23 de Setembro de 1885 em Niterói (1813). — Nasce em Nápoles D. Tereza-Cristina, filha do rei das Duas-Síccilias, terceira e última imperatriz do Brasil, falecida em 28 de Dezembro de 1889 em Portugal (1822). — Nasce na Bahia Castro Alves, grande poeta, patrono da cadeira n.º 7 da Academia Brasileira, falecido em 6 de Junho de 1871 na cidade do Salvador (1847). — Falece no Rio, onde nascera em 9 de Agosto de 1821, José Ribeiro de Souza Fontes, visconde de Souza Fontes, marechal-de-campo, catedrático da Faculdade de Medicina (1895).

15 São Zacarias. — Eleito papa em 28 de Novembro de 741, como sucessor de Gregório III, fez sábios regulamentos, reprimiu abusos, reuniu vários concílios, ornou Roma de várias e belas igrejas, fundou asilos para os pobres e peregrinos, e deu início à biblioteca do Vaticano. Morreu em 752.

— **Santa Luiza de Marillac.** — Nasceu em Paris em 1591. Viuva, discípula de S. Vicente de Paulo. Foi por instâncias deste último que fundou o Instituto das Filhas da Caridade. Morreu em 1660.

— **Santa Leocécia.** — Nasceu em Córdova em meados do século IX, de uma família mussulmana. Convertida e perseguida pelos pais que queriam fazê-la voltar aos princípios do Alcorão, fugiu da casa paterna e viveu solitária, entregando-se a mais ardente piedade. Descoberta, sofreu vários suplícios que não conseguiram levá-la a abjurar a fé e, por fim, foi decapitada e seu corpo atirado no Guadalquivir.

— Joaquim Silvêrio dos Reis denuncia a Conjuração Mineira ao visconde de Barbacena (1789). — Nasce no Rio Antonio da Costa, doutor por Montpellier, notável cirurgião (1816). — Falece na Paraíba do Sul o conselheiro Luiz Antonio Barbosa (1860). — Falece no Rio o padre José Martiniano de Alencar, participante da revolução pernambucana de 1817, senador, presidente duas vezes de sua província natal (1860). Falece no Rio, sendo sepultado no cemitério de S. João Batista, Esperidião Eloi de Barros Pimentel, ministro do Supremo Tribunal, nascido em 18 de Novembro de 1823 em Alagôas (1906).

16 Santo Heriberto. — Arcebispo de Colônia em 999, entregou-se por completo aos cuidados da sua Igreja. Sobrevindo uma fome terrível que assolou a Alemanha, Santo Heriberto deu, em Colônia, hospitalidade a todos os desgraçados que aí se refugiavam e excedeu-se a si próprio para dar-lhes os socorros necessários. Morreu em 1021.

— **Santo Abraão.** — Eremita. Viveu dez anos em contínuas penitências. Ordenado padre, converteu uma multidão de pagãos e retirou-se para o deserto (século IV).

— **Santa Eusébia.** — Nasceu em 637. Filha de Santa Rictudes e do barão franco Adalbaldo, foi educada pela abadessa de Hamay. Eusébia tornou-se de tal modo piedosa que, por morte da abadessa, foi escolhida para sucedê-la, embora não tivesse senão doze anos. Governou a comunidade muito mais ainda pelos exemplos do que pelas palavras e morreu após um governo de nove anos, que foi uma bênção para o convento.

— Alvará régio, pelo qual o serviço dos correios passou a constituir administração do Estado (1797).

— Nasce na cidade do Salvador José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, ministro da Marinha, da Guerra, dos Estrangeiros, e da Fazenda, senador, professor, diplomata, estadista, patrono da cadeira 40 da Academia Brasileira, falecido em 1 de Novembro de 1880 no Rio de Janeiro e sepultado no cemitério de S. Francisco Xavier (1819). — Termina a revolução conhecida por "Sabinada" (1838).

17 São Patricio. — Padroeiro da Irlanda. Nasceu, entre 372 e 387, provavelmente na Armórica. Sua legenda é semeada de fábulas. Foi, ao que se diz, raptado muito jovem na costa armoricana pelo rei O'Neill, da Irlanda, conseguindo libertar-se e tornar à Gália. Voltou à Irlanda em 432 e aí pregou a fé até à morte, ocorrida em 461.

— **Santa Gertrudes.** — Filha de Pepino de Landen, mãe do palácio dos reis da Austrásia, nasceu em 626. Fundou o convento de Nivelles e aí morreu em 659.

— São supliciados no Rio João Guilherme Ratcliff, Joaquim da Silva Loureiro e João Metrowich, implicados na Confederação do Equador (1825). — Falece em Niterói José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, nascido na Bahia em 27 de Setembro de 1819, diretor da Biblioteca Pública (1853). — Falece no Rio o cego José Alves de Azevedo, o primeiro que professou no Brasil o sistema de instruir os cegos (1854).

18 São Cirilo. — Nasceu em 315 em Jerusalem. Elevado ao episcopado dessa cidade, foi deposto e banido em consequência das intrigas de seu rival, Acácio, bispo de Cesaréia. O imperador Teodósio, rendendo justiça aos seus méritos, restabeleceu-o no episcopado, e ele governou desde então a sua Igreja até 386, data da sua morte.

UM LIVRO PARA TODOS

V. S. ainda poderá encontrar nas livrarias e bancas de jornais o **"Almanaque Eu Sei Tudo"** para 1942, em cujo texto constam, entre mil assuntos, os seguintes:

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo. A paternidade das frases célebres — Provérbios de todos os povos — O Canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chaman Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? A árvore fatal — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos da felicidade — Calendário de 1942.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" — Maravilhosa edição à venda por 5\$000, no Rio, e 6\$000 nos Estados.

Redação: Maranguape, 15 — Rio.

— **Bemaventurada Pierrina Hergodz.** — Nascida nos Países-Baixos, de pais muito pobres, consagrou a vida à oração e às penitências, e morreu com a idade de cinquenta anos num eremitério, perto de Gand, em 1472.

— E' elevada à categoria de cidade a vila de Vitória, capital da então província do Espírito-Santo (1823). — Falece no Rio o senador José Tomaz Nabuco de Araújo (1850). — Falece no Rio o eminente cientista canadense Carlos Frederico Hartt (1878). — Falece no Rio Ladislau de Souza Melo e Neto, nascido em Alagôas em 27 de Junho de 1838, diretor do Museu Nacional, notável antropólogo, arqueólogo e etnógrafo (1894).

19 São José. — Foi o esposo da Virgem Maria. Via em Nazareth na pobreza e aí exercia o ofício de carpinteiro. Já idoso, desposou Maria e foi logo avisado por um anjo do mistério da Encarnação. Salvou o Menino Jesus, levando-o para o Egito.

— **Santa Sibila de Biscossi.** — Nascida em 1287, em Pavia, de pais cristãos, ficou cega com a idade de doze anos. Tendo recobrado a vista por milagre, consagrou-se a Deus e viveu até 1367, ano da sua morte, na penitência e oração.

— Nasce José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil (1534). — Nasce na Bahia Cornélio Ferreira França, ministro do Supremo Tribunal, que faleceu em 6 de Junho de 1878 no Rio, sendo sepultado no cemitério de S. Francisco de Paula (1802). — Falece João da Silva Machado, barão de Antonina, senador do Império (1875). — Falece no Rio o marechal-de-campo Severiano Martins da Fonseca, barão de Alagôas (1889).

20 São Joaquim. — Esposo de Sant'Ana, pai da Virgem Maria. Faleceu no século I. Muito pouco se sabe sobre a sua vida.

— **Santa Alexandrina.** — Foi, com suas companheiras, Cláudia, Eufrásia, Matrona, Juliana, Eufêmia e Teodósia, martirizada, quando da perseguição de Diocleciano, no século I, em Amida.

— Nasce em Santa Catarina Joaquim Francisco do Livramento, "Irmão Joaquim" (1761). — Falece no Rio a rainha D. Maria I, mãe de D. João VI (1816). — Nasce no Rio Antonio Pereira Pinto, presidente do Espírito Santo e de Santa Catarina (1819). — Vila-Rica, capital da província de Minas Gerais, e Desterro, capital da província de Santa Catarina, são elevadas à categoria de cidades, tomando aquela o nome de Ouro-Preto (1823). — Falece na Bahia, onde nascera a 10 de Outubro de 1786, Domingos Borges de Barros, visconde de Pedra Branca, senador, diplomata, patrono da cadeira 13 dos sócios correspondentes da Academia Brasileira (1855). — Nasce no Rio Grande do Sul Enéas Galvão, chefe de polícia do Rio de Janeiro, ministro do Supremo Tribunal, falecido em Terezópolis em 24 de Novembro de 1916 e sepultado no Rio, no cemitério de S. João Batista (1863). — Nasce em S. João do Príncipe, hoje S. João Marcos (E. do Rio), Alfredo Pujol, orador, político, bibliógrafo, membro da Academia Brasileira, que faleceu em 20 de Maio de 1930 em São Paulo (1865).

— Falecem os ministros do Supremo Tribunal Antonio da Costa Pinto, no Rio (1880), e Leoni Ramos em Niterói (1931).



Nos dias
quentes, como nos dias frios, o "Sal de Fructa" ENO é indispensável para regular o sistema intestinal. Exija o legítimo e único "Sal de Fructa": — ENO.

Não sendo em vidros, não é "Sal de Fructa".

ENO "Sal de Fructa"

George Sand e a emancipação feminina

Aurora Dupin, mais tarde George Sand e baronesa Dudevant, nasceu em 1804 em Paris. Levava no sangue um misto de nobre e plebeu. O pai, Maurício Dupin, era neto do conde Maurício de Saxe, filho natural de Frederico II e da condessa Aurora Koenigsmark. A mãe, Sofia, era filha de um parisiense, um desses milhares de parisienses que andavam pelas ruas da Capital á procura de um biscate para ganhar o pão de todos os dias.

Esse misto de descendência talvez tenha sido a causa direta da interessante formação psicológica de George Sand e dos traços de genialidade que caracterizaram a sua vida e a sua obra.

Estivesse a pequena Aurora submetida á observação dum arguto psicólogo desde as primeiras manifestações do seu carater e do seu temperamento, teria, sem grande dificuldade, previsto o futuro tumultuoso e, mais tarde, glorioso daquela menina precoce e tão singular nas suas atitudes e gestos infantis. Mas naquela época em que a psicologia se confundia com superstições e misticismos de toda espécie e em que as manifestações psicológicas eram abafadas pelo tenaz conservantismo de preconceitos de toda a sorte — atitudes e gestos de uma criança, lampejos que prediziam um grande futuro mas que não se enquadravam nos conceitos da sociedade de então, eram tremendamente reprimidos pelos pais ou pelos educadores.

Assim, a aversão que a pequena Aurora tinha ás bonecas, a sua extraordinária vontade de ouvir histórias, o seu isolamento voluntário, as suas constantes meditações, os seus sonhos e as suas fantasias eram tachados de anormais e a menina passou a ser encarada com infinita compaixão por quantos a rodeavam...

Com a morte do pai, surgiu para a precoce criança uma situação que contribuiu ainda mais para a formação do carater e das idéias da futura autora de "Ela e Ele". A sua avó, senhora da nobreza francesa, não pôde consentir que a neta fosse educada pela mãe, mulher vulgar e plebéia, que lhe tirou o amor de seu filho. E tudo fez para separar as duas criaturas, mãe e filha, que tanto se amavam. E conseguiu. Alastada da sua progenitora, a menina passou a sofrer a rudez de uma educação aristocrática á qual o seu temperamento jamais pôde afeiçoar-se. Aurora sentia a necessidade de um amor sincero e puro que compreendesse as suas atitudes, os seus anseios de criança diferente das demais, e não a austeridade duma educação que os preconceitos da aristocracia lhe impunham contra a sua vontade...

Mais tarde encontraremos na vida e na obra de George Sand as consequências diretas e negativas desse sofrimento psicológico que caracterizou a meninice de Aurora.

—oOo—

Com a morte de sua avó e com o avanço de sua idade, a Mlle. Dupin adquiriu a tão desejada liberdade em tudo quanto dizia respeito á sua maneira de encarar a vida. A leitura de filósofos como Montesquieu, Pascal, Montaigne, Bossuet, Chateaubriand e outros contribuiu para a formação das suas concepções a respeito

da religião e da vida em geral, concepções essas que se irão refletir, mais tarde, na sua obra literária.

Para Mlle. Aurora Dupin começa a se abrir uma outra cortina da vida que ela ainda não conhecia: o Amor. E a sua vida passa a caracterizar-se pela necessidade absoluta que ela sentia dum verdadeiro amor espiritual que pudesse satisfazer os seus anseios de mulher diferente — e que, ao que parece, jamais encontrou. Muitos homens passaram pela sua vida além do seu primeiro marido Casimiro Hipólito: o inquieto poeta Alfred de Musset, o romântico compositor Chopin, o novelista Mérimée, o cientista Pagello e mais outros obscuros e efêmeros amores... E George Sand continuou em busca do amor...

Começa a sua carreira literária por "Aimée" e durante a sua existência escreveu nada menos de 110 obras, entre as quais "Indiana", "Valentina", "Consuelo", "Ela e Ele", "Laura", "O Marquês de Villemer", todas elas de grande valor literário, num estilo harmonioso e elegante, e de um poder psicológico até então desconhecido na capacidade intelectual feminina.

—oOo—

Mas o papel que George Sand desempenhou na história da literatura é, evidentemente, menos importante do que o desempenhado na evolução do movimento de emancipação intelectual da mulher. Com as diversas posições que tomara na política e na sociedade, a autora de "Aimée" assegurou, certamente, a posição ativa na vida que, mais tarde, a mulher iria ocupar.

George Sand, se não foi a precursora do importante movimento de emancipação feminina — pois esse movimento é tão velho quanto a própria humanidade — foi, sem dúvida, a que com maior veemência soube reclamar o direito que assiste á mulher de participar da secular tarefa de criação de um mundo melhor. Sua vida, tão ultrajada pelos espíritos miopes e recalçados do seu tempo, foi uma heroica revolução contra quantas convenções estúpidas existiam para entravar o desenvolvimento intelectual da mulher, direito esse que lhe assistia já pelo simples fato de possuir um cérebro.

Muito antes dela, outras representantes do "belo sexo" haviam provado em terrenos outros, em manifestações isoladas e esporádicas que a mentalidade feminina não era natural e deciddidamente inferior á do homem. Viu-se que, dando-lhe liberdade para desenvolver o seu intelecto, a mulher podia ser aproveitada, além da sua sagrada tarefa de procriadora da espécie e educadora dos filhos, também em outras missões elevadas como sejam o progresso das artes, da literatura, da poesia, da ciência, da Civilização, enfim.

E para tanto muito contribuiu a mulher que, para dar livre curso ao seu precioso talento, viu-se obrigada a adotar um nome masculino: George Sand.

ADOLFO SCHWEITZER

ORGANDY DE BAZIN

Os perfumes têm, como as artes e as letras, os seus grandes mestres e as suas obras primas. ORGANDY de BAZIN é a grande obra prima da perfumaria.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

EXTRACTO Nº 1210 C/CX. Nº 1217 C/CX.

SABONETE Nº 1280

BRILHANTINA Nº 1212

PO' Nº 1250

EXTRACTO Nº 1200-F Nº 1201-F Nº 1202-F

EXTRACTO Nº 1211 C/CX. Nº 1211 S/CX. Nº 1211-M

T. TARRUINO

O FILHO

Conto de
Paul Civières

— Mamãe, eu lhe proibo, ouviu? Eu lhe proibo dizer mal... de minha mamãe.

A boa velhinha ergueu para o filho, jovem escultor às portas da celebridade, uns olhos cheios de ternura e de orgulho, suspirou, pôs em duas palavras pequeninas a imensa doçura do seu amor.

— Meu João!

— Sim... confirmou ele, todo risonho e mimento — eu sou o seu João e você a minha mamãe.

Ela, humilde camponia, com a sua touca branca, sob a qual o rosto enrugado e brunido pelo sol parecia mais amarelo e mais gasto, ele, rapaz dos seus trinta anos, forte, airoso, elegante, estavam sentados num sofá, no acanhado mas agradável atelier que o artista alugara um ano antes, bem ao alto de Montmartre. João, que tinha entre as suas as mãos enrugadas da velhinha, prosseguiu:

— Julgava então você que eu a ia esconder, que tinha vergonha da sua touca branca, do seu vestido singelo? Velhinha adorada, de quem poderia eu sentir-me mais orgulhoso do que de você? Sim, do seu amor, da sua força de vontade, do seu heroísmo. Si agora se começa a falar no meu nome, a quem devo eu isso? Não me diga, como sempre se dís nestes casos, que, em quaisquer condições, forçosamente, o talento acaba por triunfar. Os que assim falam não sabem, não imaginam quantas vezes a miséria inutiliza o genio.

A mãe protestou com um gesto tímido; ele, porém, continuou:

— Mas reflita, reflita... Trabalhar um homem com o seu cérebro, impondo-lhe o esquecimento de tudo o que não seja a idéia que germina, desabrocha, a forma que nasce, a harmonia que se define — quando a fome lhe cava o estômago, o frio lhe inteirica os dedos e o seu espírito é assaltado por todas as apreensões duma vida de miséria... Que horror! Pois bem: todos esses cuidados, todos esses pesadelos, você m'os evitou. Graças a você, pude aborver-me inteiramente no meu trabalho... e esperar. Mamãe querida... Quantas vezes você sofreria privações, para me socorrer, a mim. Aceitei os sacrifícios que você fazia por saber que a sua confiança no meu futuro não podia ser desmentida. Hoje, pode estar sossegada. Já a sorte francamente me sorri. E amanhã seremos ricos!

— Meu João!

— Agora, ouça... Já que deixou a nossa aldeia por alguns dias, que me veio fazer esta surpresa, hoje que, pela primeira vez, recebo pessoas ilustres e de grande influencia — imagine: Murier, Soutergat, Vautel, do Instituto — já que você aqui está, quero que fique comigo assim mesma; e quando chegarem esses figurões importantes, condecorados, apresente-la-ei altivamente: "Senhores, minha mãe!"

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.
Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.
O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.
Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.
Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

Sucursal em S. Paulo: Largo do Paissandú n.º 124. Telefone: 4-6070

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originais enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito —

A camponia chorava de alegria:

— E' serio? Você quer mesmo fazer isso? Mas veja lá... Esta blusa de aldeia, estas mãos calosas...

João levou aos lábios as velhas mãos deformadas pelo trabalho.

— Além disso... insistiu ela — vou me sentir fora do meu lugar entre as pessoas que você convidou, grandes artistas, grandes sabios... Já esta sala me impressiona, com tantos moveis e tão bonitos...

O artista riu franca, ditosamente:

— Esta sala... Mas é o meu atelier, mamãe! E até hoje é a única peça que pude mobilar decentemente. O dinheiro ainda é pouco e preciso de aparentar. O indispensavel *bluff*! Tenho aqui moveis custosos, objetos de arte, mas ainda durmo num sofá e o meu quarto está completamente vazio. Bom, mamãezinha, não insista, não discuta. São sete e meia. Os meus convidados chegarão às oito horas. Quer ir ver si a cozinheira — chama-se Julia — dará a tempo conta do recado? Este jantar tem para mim tanta importancia... Imagine que, graças a ele, poderei arranjar encomendas magnificas... Oxalá que tudo corra bem!

A velhinha tinha-se levantado; e ainda o escultor não acabara de falar já ela se encaminhava para a cozinha. Momentos depois, porém, voltava, pálida de emoção:

— A cozinheira adoeceu... anunciou em voz trêmula — Deu-lhe uma coisa... Não se pode ter em pé...

João correu à cozinha. Julia torcia-se, gemia de dor. Tinha desmaiado, caído desamparadamente ao chão; e esfregava agora, choramingando, o ombro que maguara na queda.

— Não há de ser nada... assegurou o artista, para lhe dar ânimo. — Vamos! Tomando aí qualquer coisa logo fica boa... Um pouco de *rum* ou de *cognac*...

Mas Julia recusava, continuando a gemer e com os dentes a bater de medo:

— E' tifo! Com certeza! Fui visitar a mulher do porteiro no hospital e apanhei a doença. Estou perdida!

O artista disse alguma coisa mais para a chamar à razão. — Qual o que! Uma simples vertigem, nada mais. Que sossegasse... Que se acalmasse... O tifo não vem nunca assim, de repente... — Mas a criatura, com a cabeça perdida, a nada atendia. Queria ir para o hospital! Que chamassem um carro, para a levar sem demora! — João sentia ímpetos de lhe bater. Contudo, teve que ir buscar o carro, ajudar a metê-la lá dentro.

Quando ele voltou ao atelier, davam oito horas. Iam chegar os convidados. Que fazer? Quem poderia substituir a cozinheira? E de mais a mais assim, no último momento...

Tocaram a campainha. João ficou diante da velhinha, desanimado, sem poder fazer o menor movimento.

— Escute! disse ela — Estão tocando!

Atou à cinta o avental branco de Julia; e, como o filho fosse protestar, pôs-lhe na boca, com um gesto de carinho, a enrugada, calosa mão de trabalhadora:

— Deixa. Eles nunca saberão.

Tocaram de novo. O artista baixou a cabeça, consentindo mais uma vez que o amor a sublimasse e ela sacrificasse a divina alegria que, há momentos, pregosava, de ser apresentada como sua mãe.

E, chegado o último dos convivas, a velhinha abriu a porta do atelier e disse simplesmente:

— Senhor João, o jantar está na mesa.

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

A Irlanda ofereceu na ultima semana uma noticia verdadeiramente sensacional: a da descoberta de uma navalha de bronze que — dizia o telegrama de Dublin — deveria pertencer á idade do ferro...

Em um campo de turfa foi que surgiu o objeto prehistorico, que hoje tem as honras do museu.

Adianta o telegrama que alguém tentou usar a estranha lamina de bronze e que afirmou que, ao seu tempo, deveria ela ser tão boa quanto a melhor que hoje se possa encontrar...

O precioso achado deve datar de seis seculos antes de Cristo, isto é, deve contar a bagatela de 2500 anos!

O "descobridor" ficou sabendo que naquele tempo já havia gente elegante que se dava ao luxo de fazer a barba. Pode ser...

O que, todavia, não parece certo é a afirmativa do tecnico que procurou fazer a navalha voltar á atividade e a achou capaz de suplantar as dos nossos dias. Não é possível.

No minimo, ela deveria ser como a daquele barbeiro da roça, a qual era unica no genero, porque enquanto as outras todas tiravam couro e cabelo, a bichinha conseguia tirar apenas o couro e deixar o cabelo...

—oOo—

E E' CHEFE!... — Noticiam os jornais que foi proibida a entrada nas repartições do Ministerio da Fazenda a um individuo chamado Arthur Chefe.

As proibições semelhantes não são raras; a raridade está em recair na pessoa em que recaiu.

Porque não será difícil que se ouça um dialogo assim:

— O sr. não pode entrar aqui!

— Eu?! Mas por que?

— Porque a sua entrada está proibida.

— E quem é o sr. para falar-me assim?

— Eu sou o chefe.

— Chefe?! Chefe sou eu, e sempre o fui.

— O sr. quer divertir-se?

— Não. Há quanto tempo o sr. é chefe?

— Há dois anos, embora isso não seja da sua conta.

— Pois eu sou Chefe desde que nasci!

— Mas não entra, e não entra mesmo, está acabado!

E o Chefe não entrará.

—oOo—

O INSTINTO DA MATERNIDADE. — São sem conta os exemplos que há sobre atitudes maternas em varios irracionais.

E' típica no Amazonas a paciencia com que o jacamim se encarrega, durante o dia, de uma ninhada de pintos. Não há quem já não tenha visto cães mamando em gatas e gatinhos sendo amamentados por pacificas cadelas.

O que, porém, ainda estava por ser visto foi o que um diario do Rio relatou, documentado com interessante fotografia: dois tatús sugando o leite de uma gata!

Diante disso, quem é que pode estranhar a coragem daquele sujeito que mama-va em onça?

—oOo—

CARNAVAL, A QUANTO OBRIGAS! — No Paraná, um cavalheiro adorador de Momo que queria divertir-se e não tinha com que, apanhou as joias todas da esposa, pô-las no "prego" e caiu no mundo.

No fim é que foram elas!

Ele, homem de expediente, teve uma ideia luminosa, ao sentir que lhe era impossível "despregar" as joias: fingiu um roubo e apelou para a policia. Esta, agindo com extrema finura, descobriu que o ladrão havia sido ele proprio e fez o que tinha de fazer: meteu-o na cadeia.

E agora a mulherzinha — se fôr caridosa — dispensará as joias empenhadas e no auge do amor, terá de dizer:

— Coitado do meu maridinho! Era mesmo uma joia!

—oOo—

SERA' VERDADE? — Aparecem noticias que nos deixam muitas vezes boquiabertos. Do Recife chega-nos uma dessas, digna de registro, porque representa um super-prodigio.

Trata-se de uma festa de arte promovida pela Orquestra Sinfônica de Pernambuco, cousa, de resto, naturalissima e que merecerá fartos aplausos. Por aí não pega o carro...

O estranho da noticia está no que ela propria classifica de nota curiosa: "a audição será dada pela solista, uma menina de três anos", que tocará violino.

Não era só S. Tomé quem dizia que só depois de vêr poderia acreditar. Nós também.

Não estamos dizendo que é mentira; perguntamos apenas: será verdade?

—oOo—

A PAIXÃO TRAGICA. — Um jovem de Campinas apaixonou-se por um creaturinha de quatorze anos. Nada mais natural. A garota, porém, não lhe ligava importancia e ele como se pode presumir, não achava que isso fosse natural. E tanto não achava que foi á Catedral, onde ela se encontrava e alvejou-a a tiros, procurando suicidar-se em seguida.

Já que não era possível o casamento na igreja, que morressem na igreja os dois!

Entretanto — ainda não ficou dito — o apaixonado era surdo e mudo.

Se ele não lhe dizia nada, como poderia ela entender? Se ela lhe falava, pedindo-lhe que a deixasse, como poderia ele ouvi-la?

Se ás pessoas que falam e ouvem custa-lhes muito entenderem-se, como seria possível um entendimento entre eles?

—oOo—

SERIAM RATOS? — Um agricultor na Colombia ao atravessar um bosque, foi assaltado por um verdadeiro exercito de ratazanas gigantescas que, a despeito da reacção do pobre homem, o devoraram em instantes.

Diz o telegrama em que se relatou o acontecimento que, dias atrás, os mesmos roedores devoraram uma vaca, na mesma região.

E' tão notoria a existencia das ratazanas nesse trecho do bosque, que os camponeses preferem dar voltas e mais voltas, contanto que deixem de passar por aí.

E que é que faz essa gente toda, que não ataca o inimigo? — perguntarão. E' o caso de dizer-se: dá uma rata!

RIGADIN

♦ ♦ ♦

Jardim Carioca
Ilha do Governador

*O mais lindo rincão da Guanabara
onde a aquisição da terra não é cara!*

Dinheiro parado não rende; movimente-o, empantanando na compra de terrenos em local de rápida valorização. Faça essa valorização, comprando, hoje mesmo, no JARDIM CARIOCA, um magnífico lote de terrenos. JARDIM CARIOCA conta com mais de 300 predios recentemente construídos, e possui todos os melhoramentos. Um terreno tão pouco e representa uma fortuna e representa amanhã! Visite-o, pois, no próximo domingo. Vendas a longo prazo, sem juros e ainda com direito a sorteios de quitação!

Solicite prospectos e informações, sem compromisso de compra, à CIA. GERAL DE HABITAÇÕES E TERRENOS — Av. Rio Branco, 1808-6.º andar, fone 42-3812, e tudo lhe será facilitado. (N. B. — Estes terrenos estão legalizados sob N.º 1 no 7.º Officio de Imoveis, conforme Decreto-Lei, N.º 58).

DELIO SA - 403-110-11-11-11

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

NAÇÃO ARMADA

Revista Civil-Militar. Consagrada à Segurança Nacional.
Número de Março á venda.



O jornalista

Depois de longas horas de trabalho mental, no agitado ambiente de uma redação, o cérebro sente-se exausto e os nervos descontrolados. Utilíssimo é, então, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, cuja acção suave, mas segura, restitue ao espirito a calma necessária ao trabalho intelectual. ADALINA é um produto da Casa Bayer. Isto lhe serve de garantia.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua acção rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

Na hora H...



LIVROS

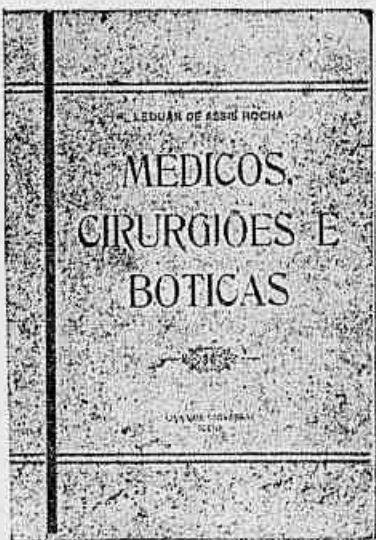
NOVOS

MÉDICOS, CIRURGIÕES E BOTICAS, Retrospecto Histórico do Brasil em geral e de Pernambuco em particular, por Leduar de Assis Rocha — Recife, 1941.

O sr. Leduar de Assis Rocha, médico dos que veneram a profissão, reuniu neste volume os resultados de esforçadas pesquisas sobre o exercício da clínica no Brasil e especialmente na terra pernambucana.

Além do prefácio honroso do sr. Gilberto Freire, há uma nota em que o autor explica a intenção com que empreendeu a obra e a sua impressão ao vê-la realizada. Considera-a «trabalho de superfície», nota-lhe «falhas e senões incontáveis», e declara que a feição sonhada de beleza e atrativo lhe fugiu «na hora de arrumar sobre o papel» as notas colhidas em arquivos e bibliotecas. Mas o sr. Assis Rocha devia ter previsto esse resultado e ter-se preparado para esse desencanto. Ninguém poderia achar tão graves defeitos, tão condenáveis erros de fundo e de forma na **Reliquia** como o próprio Eça de Queiroz. E ao lermos nas **Notas contemporâneas** a sua auto-crítica, chegamos a perguntar-nos como é que, convencido de tal inferioridade, o romancista não decidiu quebrar a pena para sempre... Mas é assim mesmo. Todos os verdadeiros escritores, todos os verdadeiros artistas, severos, exigentes ao extremo consigo mesmos, passam por análogas decepções. Logo, porém, no dia seguinte recomeçam a trabalhar e a confiar. E assim alguns vão até aos cem livros, sempre insatisfeitos, sempre esperanças em que a obra a seguir corresponderá integral, absolutamente ao seu ideal.

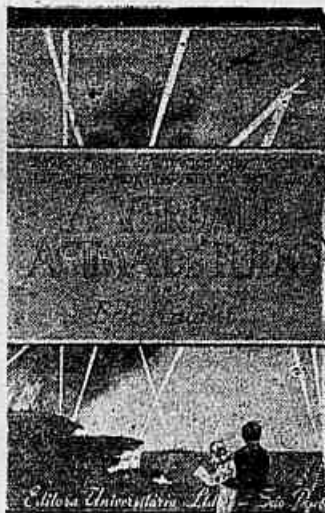
Sem aprofundar os fatos nem se deter longamente na apreciação dos aspectos, o autor de **Médicos, cirurgiões e boticas** nos conta inúmeras coisas interessantes. Ora se limitando a reproduzir documentos curiosos, ora dando a sua interpretação e a sua maneira de expor a casos, versões, tradições, anedotas, conduz-nos entretidos, e de vez em quando realmente comovidos, por estas páginas singelas e sinceras. Só em matéria de anúncios e taboetas há com que divertir o leitor mais insípido e levar o mais distraído a refletir. Tranquilize-se, pois, o sr. Assis Rocha. O seu livro não é tão superficial nem tão falho como ele, ao concluí-lo, imaginou.



A VERDADE ACIMA DE TUDO, romance de Eric Knight, tradução de Orlando Rocha — São Paulo, 1941.

É preciso que durante a guerra tudo o mais continue. Eric Knight continua a escrever romances. Cumpre observar que **A verdade acima de tudo** é um romance de guerra. Pelo cenário, pelo ambiente, pelo espetáculo frequente dos combates e das ruínas. Respira-se a atmosfera das batalhas próximas e dos bombardeamentos no próprio lugar da ação romântica. E está sempre no horizonte a ameaça dos horrores que se não de seguir...

Mas é também, e podemos dizer principalmente, um romance de amor. Os seus episódios pouco se relacionam com o quadro da Inglaterra atacada e dando de si a imagem mais valorosa, mais inspirada, mais heroica. Os seus personagens viveriam e conservariam toda expressão em tempo de paz. O interesse que despertam provém da sua vida sentimental. O autor os apresenta através das suas simpatias instintivas, suas primeiras aproximações, suas expansões recíprocas, suas aventuras de amor. E quase tudo se passa em diálogos. Eric Knight obedece a essa tendência e exerce ditosamente esse dom. As figuras falam com uma espontaneidade e uma justeza que nos levam a «ouvir» tudo aquilo, mais que atenta, interessada e, às vezes, ansiosamente. Na **Verdade acima de tudo** haverá coisas menos verdadeiras... Nada porém, nas quase quinhentas páginas do amplo volume, deixa, no gênero romance propriamente dito, de ser curioso ou cativante.



PIERRE LAVAL, A FRANÇA TRAÍDA, de Henry Torrès, tradução de Osório Borba. — Rio de Janeiro, 1941.

É um livro «político». Política partidária, de facção, de bandeira e de taboleta. Dessa política ferrenha, encarnigada, implacável que tudo sacrifica a si própria — e a que principalmente se atribue, entre todos os elementos adversos e todas as condições ingratas, a derrota calamitosa e a miséria atual da França.

O sr. Henry Torrès esteve dentro dessa política, em dupla qualidade: deputado e jornalista. Conheceu-lhe os planos do guerrear furioso de todos os dias. Sabe as razões maiores, e as mínimas também, por que os grupos se compuseram ou se dissolveram, os ministérios se formaram ou caíram. Acompanhou nos debates da Câmara e nas manobras paralelas dos corredores — que são os bastidores do Teatro-Congresso — a trama, ora veemente ora sutil, dos compromissos, das intrigas, dos rompimentos e das traições. Nestes capítulos, que tanto têm de reportagem parlamentar, o livro nos faz pensar na *République des Camarades*, de Robert de Jouvenel. Há, porém, entre as duas obras uma grande, capital diferença. R. de Jouvenel observou serenamente, comentou sobretudo com espírito e julgou de fóra, o sr. Henry Torrès, com os mesmos aspetos e fatos análogos organizou um sistema de combate. É atacando ou defendendo que ele escreve. O que em outro publicista podia ser uma exposição de causas e um exame de efeitos assume nele o caráter ardente duma refrega. O campo inimigo agora se concentra no sr. Pierre Laval. Laval representa para o autor deste livro a condensação, a síntese, a individualização de todos os franceses em quem o sr. Henry Torrès vê os inimigos da França.



Laval, «embuscado» de 1914; Laval, advogado administrativo; Laval, cúmplice de Stavisky; Laval, traidor da pátria... Onde isso não está com todas as letras afirmado, está mais que claramente subentendido. E assim o livro do sr. Henry Torrès — a que o sr. Osório Borba deu apurada e expressiva tradução — vale por um libelo e por um anátema.

NEGRINHO DO PASTOREIO, texto e ilustrações de Paulo Werneck — Rio de Janeiro, 1941.

O Negrinho do pastoreio constitui uma das joias mais preciosas e mais amáveis do folclore sul-riograndense. A sua graça inventiva se alia harmoniosamente a noção da justiça. Entenece e faz meditar. Tem o prestígio da formosura ingênua e dele se serve para nos dar uma lição excelente. Como disse o sr. Alcides Maya, citado pelo sr. Augusto Meyer no prefácio da presente publicação, aquela lenda se originou «por piedade e como desagravo e castigo, nos sofrimentos da escravidão».

Redu-la agora o sr. Paulo Werneck a uma série de lendas para composições típicas, e nestas o desenhista de tantas canas de livros e outros trabalhos avulsos, assume com bem mais larga concepção, uma execução bem mais expressiva. E, por exemplo, na página em que o pretinho busca a montaria perdida, à luz tênue duma vela cujos pingos, por milagre de Nossa Senhora, formam, caindo, um rasto de labaredas magníficas, conseguiu o sr. Werneck uma espécie de singeleza, de «síntese», cujo efeito é deveras impressionante.

RUY BARBOSA E OS MOCOS, discurso de D. Francisco de Aquino Corrêa, da Academia Brasileira. — Rio de Janeiro, 1941.

Tendo que servir de «paraninfo» aos diplomandos do Externato Santo Inácio do Rio de Janeiro, quiz o arcebispo de Cuiabá ministrar aos alunos das nobres jezuitas uma lição de pensamento generoso e de nobre arte. Falou-lhes de Ruy Barbosa, assumindo por sua vez o papel de discípulo. Disse da admiração formada ao mesmo tempo no seu espírito e no seu coração, graças à leitura demorada e meditada da obra do mestre. Explicou a evolução religiosa de Ruy, nos pontos mesmos em que se tem notado contradição ou reviravolta. E com a mesma clarividência e o mesmo poder comunicativo lhe assinalou a grandeza patriótica, a excepcional capacidade laboriosa, a sapiência de cultor do vernáculo, as peregrinas qualidades de artista.

Devotos dos mais ardentes do gênio de Ruy Barbosa podem desconhecer ou mal interpretar algumas das suas expressões magníficas. Nem toda a gente é capaz de julgar com acerto ou sequer compreender só por si... Como se ensina uma criança a ler os primeiros compêndios, é preciso ensinar os adultos a entender certos grandes livros. D. Francisco de Aquino Corrêa cumpriu em relação a Ruy Barbosa, e não obstante o limitado espaço de que dispunha, essa missão deveras meritória.

BANDA FORRA, estudos e reflexões de Campos de Carvalho — São Paulo, 1941.

«Banda Forra dizia-se, ao tempo de nossos avós, daquele escravo que, tendo juntado pequeno pecúlio, ou esmola, conseguia com ele comprar ao seu senhor certo quinhão de liberdade, podendo então trabalhar para si aos domingos. De posse desse quasi nada de independência, cultivava seu roçado de dez a vinte palmos de comprimento, arranjava pecúlio novo e maior para conquista de maior liberdade, e tinha-se com isso por muito feliz e contente da vida.»

Assim começa o prefácio do livro. O sr. Campos de Carvalho compara-se aos escravos que, um dia por semana, trabalhavam para si próprios. Também ele, obtendo da vida prática, das obrigações de cidadão e de chefe de família, algumas horas de alforria, as consagra à ambição do seu espírito. Desse trabalho sempre ditoso resultou o volume presente, onde se encontram, tratados com evidente sinceridade de opinião e não menos espontâneo sentimento, assuntos tais como *Da tristeza brasileira*, *Do casamento precoce*, *Da inferioridade da mulher*, *Da literomania*... Cumpre acrescentar que o sr. Campos de Carvalho cuida do seu estilo sem o complicar ou o tornar pretencioso. Tem o que se pode chamar dignidade literária. E a sua *Banda forra*, em reduzida matéria, encerra incontestável valor.

BOB BOLACH E SEU CRIADO PAÚRA, livro de História para crianças, por Joaquim Silveira Thomaz — Rio de Janeiro, 1941.

Este livro foi premiado no Primeiro Concurso de Literatura Infantil, instituído pela Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, em 1940. O herói da história é um norte-americano e as suas aventuras se desenvolvem numa viagem de Belém do Pará ao Araquaiá. A rigor, porém, pouco se nota de heroico ou aventuroso. A jornada de Bob Bolach por aquelas terras, que tanto se prestariam a temeridades e proezas, sobretudo serve de pretexto para lições ligeiras de geografia e de história, descrições panorâmicas, referências a gente das remotas paragens, citações de lendas e análogos regionais... Tudo isso se encontra exposto de maneira a ser compreendido pelas crianças e despertar-lhes a vontade de aprender. Domina na resumida obra o propósito de tornar o Brasil mais conhecido, mais amado. E para isso constituem valiosa colaboração os desenhos da Sra. Carmen S. Thomaz.

J. L.

P. S. — Frequentemente editores e autores nos pedem a remessa dos números da REVISTA onde saiam as notícias acerca das obras enviadas. Desta mesma página constam três livros que vieram acompanhadas de tal solicitação. Mas, em verdade, difícil se nos tornaria satisfazê-la. E, reflectindo bem, os interessados nos perdoarão de, à sua comodidade, preferirmos a nossa.

L.

Números atrasados desta revista na Capital do Estado de São Paulo.

Procurar no

LARGO DO PAISSANDU' N.º 124
TELEFONE 3.3885

CENTENARIO DE COPPÉE

Em crise ora se estorteja o mundo universo, diretamente ou por ação reflexa, privados os seres ainda pensantes de memorarem com subido relevo datas dignas de especial recordação.

Assim na França, momentaneamente eclipsada, envolta em tremenda anormalidade passou sem rumor de celebração maior o centenario de nascimento de François Coppée, de nome e de obras a viverem na literatura francesa do século XIX.

Francis Joaquim Eduardo Coppée, mais conhecido por François Coppée, nasceu em Paris de 1842. Começou vida como funcionário civil do ministerio da Guerra, estrelando nas letras em 1866 sem chamar atenção, até ser autor celebre da noite para o dia. A noite foi uma de teatro, em 1869, a 14 de Janeiro, Coppée completando vinte e sete anos de idade quarenta e oito horas antes.

Representava então no **Odéon**, em Paris, joven e aplaudida artista, Madame Agar. Leu por acaso, informa Jean Bernard, um poema com dous personagens, **Le Passant**, da lavra de Coppée.

O poema suspirava anseios numa historia de amor, dueto em verso entre Silvia a cortezã e um poeta de dezesseis anos em busca de aventuras. O papel do poeta, Zanetto, exigia travesti, Agar entendeu-se com o empresario.

«Para travesti só a pequena Sarah Bernhardt, é um pouco magra, mas enfim entenda-se com ela». Desejada, Sarah fez-se rogada. Não gostava do papel, sem movimento e choroso.

Le Passant foi representado. Dous triunfos, duas revelações para Paris, a de Coppée e a de Sarah masculinizada no Zanetto, o cantor florentino.

Coppée homem instantaneamente celebre não podia continuar a ser amanuense extranumerario no ministerio da Guerra, ganhando noventa e sete francos mensaes. No proprio funcionalismo publico subio logo em categoria, designado para a Biblioteca Nacional.

Por obras de poesia, de prosa, de teatro assinalar-se-ia Coppée sobretudo de 1868 a 1895, dedicando-se também ao jornalismo militante.

Tudo o encaminhava a pretender candidatura á Academia Francesa com quarenta e uma cadeiras, a quadregesima primeira ocupada fóra da associação academica por gente que a Academia não quizerá, não pudéra ou não soubera chamar a si. Na lista dos excluidos figuravam nomes resplandecentes na cultura humana e que talvez daqui em diante poucos venham a conhecer na marcha ao despenhadeiro do presente século.

Na 41ª. cadeira da Academia Francesa, cadeira da qual Arsène Houssaye se constituiu historiador, por unanime aclamação de immortalidade em diversas gerações sentaram-se Descartes, Pascal, Molière, Saint-Simon, Bourdaloue, Rousseau, Diderot, Mirabeau, Beaumarchais, Stendhal, Balzac.

Em 1881 tentou Coppée entrada para a Academia Francesa. Nela para boa arrumação de moveis em conforto de donos as cadeiras receberam numeração.

Por morte de Duvergier de Hauranne achou-se vaga a cadeira n. 1 ocupada em 1783 pelo fabulista Florian. O candidato mais temível oposto a Coppée foi Sully Prudhomme, afinal eleito por 17 votos, em terceiro escrutinio, em maioria absoluta de trinta e tres votantes.

Cumpria desistir ou recomeçar, Coppée recomeçou. O desaparecimento de Laprade da cadeira 34, que conhecera em seculos diferentes Fléchier, o bispo orador sagrado, e Musset, o boemio, poeta de tantos versos sublimes inspirados pela dôr.

A 21 de Fevereiro de 1884 era Coppée eleito em primeiro escrutinio por vinte e quatro votos, Montegut seu competidor obtendo nove. A 18 de Dezembro de 1884, a Academia Francesa recebia solenemente o novo academico, dispondo de dois mezes para preparar discurso de recipiendario, tempo suficiente para examinar a obra poetica do antecessor, Victor de Laprade, do qual cumpria lavrar elogio, elogio no qual flôres de retorica não dispensavam espinhos, isto é, criticas, ironias veladas, reticencias maliciosas de tanto mais coragem quanto o alvejado em absoluta impossibilidade de redarguir.

Por compensação o novo academico, de ouvido bem alerta, recebeu por parte de quem o acolhia criticas, ironias veladas, reticencias maliciosas, quando não ataque sem rebuço. Chama-se a isto discurso academico de recepção.

A Academia Francesa encarregou Cherbuliez de saudar o novo colega. Suisso de Genebra, Victor Cherbuliez requereu naturalisação em 1880 invocando para ser francês uma lei de 1790. Concedia naturalisação aos descendentes dos protestantes refugiados na Suissa em consequência do Edito de Nantes. Por este, em 1685, Luiz XIV expatriára gente e mais gente a levar capitães e atividades a paizes estrangeiros.

Autor hoje pouco lido, mas por algumas obras digno de ser de novo considerado, Cherbuliez a Coppée deu boas vindas o mais amavelmente possível, a agressividade ou a graça maliciosa de muito ou pouco peso nas orações academicas.

Coppée continuou a produzir, a obter favor e aplauso para as suas obras. Mal a Academia Francesa deixou o seu ultimo cargo publico, o de arquivista da Comedia Franceza. Neste teatro por interdição da censura não poudo levar á cena a sua peça **Le Pater**. Para o palco onde **Le Passant** lhe dera subita celebridade, para o **Odéon**, Coppée sempre teria um fraco.

De 1868 a 1884 para o poeta outrora protegido por Madame Agar que, disseram, não lhe era indiferente, quanto caminho andado até achar-se na Academia! Nela teve o convívio de colegas de idades e tendencias literarias ou politicas opostas, colega de Dumas Filho, Heredia, Bourget, Lemaitre, até de Emilio Ollivier, o antigo ministro de Napoleão III. Fóra este, diá-se de passagem, recebido na Academia sem sessão de posse, em 1874, por não querer modificar certas partes do seu discurso de recepção. Em 1878, designado para receber Henri Martin, sucessor de Thiers, Emilio Ollivier recusou de novo modificação de discurso considerado pela Academia como ofensivo á memoria de Thiers.

Coppée cresceu em lar cristão, num desses interiores familiares de robustecer coração para que a escola melhor avigore o espirito. Os paes do poeta eram de exemplo ao filho e a tres filhas. Na hora dos triunfos, Coppée havia de lembrar com ternura os genitores. Já não existiam quan-



François Coppée
(1842 - 1908)



Victor Cherbuliez
(1829 - 1899)

do chegou a hora do sofrimento. Restava-lhe apenas uma irmã, Annette Coppée. Representou em dedicação sororal o papel de Henriette Renan junto ao irmão Ernesto. Ambas as admiráveis mulheres precederam no tumulto os queridos de suas almas, Annette morrendo oito dias antes de Coppée.

Afastado da Igreja, sem comtudo ofender a fé, uma enfermidade lentamente cruel reconduziu Coppée a vivos sentimentos religiosos hauridos sobretudo em crenças maternãs. Em 1897, num leito de padecente Coppée converteu-se, tomou sacramentos e de então em diante, por espaço de dez anos, «defendeu duas bandeiras, confundidas numa só, as bandeiras da Igreja e da França, declarando sentir o Evangelho palpitante qual um coração».

A obra de Coppée é variada sobre numerosa, dividida pela poesia e pela prosa, no prosador ainda denunciado o poeta.

Principiou Coppée por ser parnasiano, achegando-se ao grupo da impassibilidade poetica chefiado por Leconte de Lisle, este nascido na ilha africana da Reunião, nascido em Cuba o seu lugar-tenente de escola, filho de mãe francesa, José Maria de Heredia, o sonetista do Parnaso.

Os seus sonetos justificam Boileau tendo por poema os sonetos perfeitos. Trinta anos levaram os de Heredia para sahirem das paginas da **Revista dos Dous Mundos** e entrarem reunidos no volume dos **Troféus**.

Afastando-se dos parnasianos, Coppée foi se tornando elle mesmo, adquirindo individualidade, marca do verdadeiro poeta ou escritor.

A influencia do amor da familia e da patria é obse vavel em toda a obra de Coppée, sobretudo na poetica. O apego ao lar ajuntado á simpatia pelos humildes, o culto da patria são as **idéas maitresses** do quanto Coppée produziu em quarenta anos de vida literaria.

Langaram-lhe por ironia o epiteto de poeta popular, por pintar em verso gente e cenas do vulgo, que nunca parnasiano não cura de cinseladores do verso e de joalheiros da rima. O povo só entende os que o entendem. Daí o exito no publico em geral de **Le Petit Epicier de Moutronge** ou de **La Marchande de Journaux**.

Ter voado um pouco abaixo, sem tocar sólo, não impedia Coppée de remontar a alturas poeticas, mesmo em **La Greve des Forgerons**, que recitada na Comedia Francesa sempre excita entusiasmo e aplauso de publico seléto.

Já dissemos quanto o sainete **Le Passant**, em inesperada noite, a autor desconhecido ensanchou renome e carreira brilhante até ultimos dias.

No teatro, afirmou-o Bourget, soube Coppée «crear nas suas peças um ideal proprio, fusão singularmente habil do drama romantico e da tragedia classica». Demonstrou sobretudo em **Pour la Couronne** e nos **Jacobins**, obras nas quais Coppée se avisinhou da Historia encastando-a no verso da alta tragedia.

Conversar foi uma grande arte em tempos idos, a qualidade e a dificuldade de tal arte demonstrada por salões de outr'ora. Hoje os tempos não consentem quasi conversa, eles mais, muito mais de palreiros que de discretores. Depois dos salões as esquinas de rua.

Ainda no testemunho de Bourget, nos volumes de **Mon Franc Parler** vive o Coppée conversador, cheio de «contrastes de comovida simplicidade e de aguda ironia, de exaltações seguidas de risos de garotice não raro maliciosos, mas também indulgente, com fantasia e observação».

Apontando outro traço em Coppée, autor catolico acentuou «a sua repugnancia instintiva pela mentira, quaesquer que fossem as modalidades do perigoso defeito, infenso Coppée ao charlatanismo e á pretensão, evitando-os como se evita ação vergonhosa».

Tudo de acordo com o poeta destes versos:

**Une trace de l'Evangile
Reste chez les simples de coeur.**

Nos versos de **Les Humbles**, sobretudo para quem conheceu Paris de perto, pôde ser estudada a vida da grande cidade de tantas leis ao mundo no correr dos seculos.

Em Pariz, no fim do século XIX, deu muito que falar Maria Baskirtseff, pintora á qual Anatole France consagrou penetrante estudo. Joven, talentosa, nevrotica, bonita,

enamorada de sua boniteza, a slava viajava muito, a ponto de ser chamada **Madona de sleeping car**. Artista era e um seu quadro figura no Museu do Luxemburgo, ante-sala do Louvre.

Moussia, assim tratada familiarmente a Baskirtseff, morreu cedo, do peito. Conser-vou e conserva admiradores devotados á sua memoria, um deles Coppée. Também a considerou um brasileiro a corresponder-se com o poeta, que em missiva lhe dizia de Maria Baskirtseff, em expressivos termos.

Acha-se agora o correspondente do Brasil na obrigação de associar-se ao centenario natalicio de François Coppée. Nas presentes linhas está cumprida a obrigação.



Estatua de Coppée, em Paris.

Tous ceux qui approchaient Marie Baskirtseff étaient conquis, tout de suite, par le charme inoubliable de son esprit et la grâce souveraine de sa personne.

F. Coppée

Tous ceux qui approchaient Marie Baskirtseff étaient conquis, tout de suite, par le charme inoubliable de son esprit et la grâce souveraine de sa personne.
(Fim da carta de Coppée em Dezembro de 1898 a correspondente brasileiro).

Escragnolle Doria



O dr. Castello Branco Clark, Embaixador do Brasil no Japão.

O momento diplomático nipo-brasileiro



O sr. Itaro Ishii, Embaixador do Japão no Brasil.

Informa o Itamaraty por intermedio da Agencia Nacional:

"O Governo Brasileiro está informado oficialmente de que o Embaixador e os funcionarios diplomáticos e consulares do Brasil no Japão se encontram em situação vexatoria e de constrangimento, incompatível com os usos e costumes internacionais. O nosso Embaixador foi posto em incomunicabilidade, a nossa Embaixada foi ocupada pelas forças da policia civil e militar, que nela permanecem, e os nossos funcionarios são tratados co-



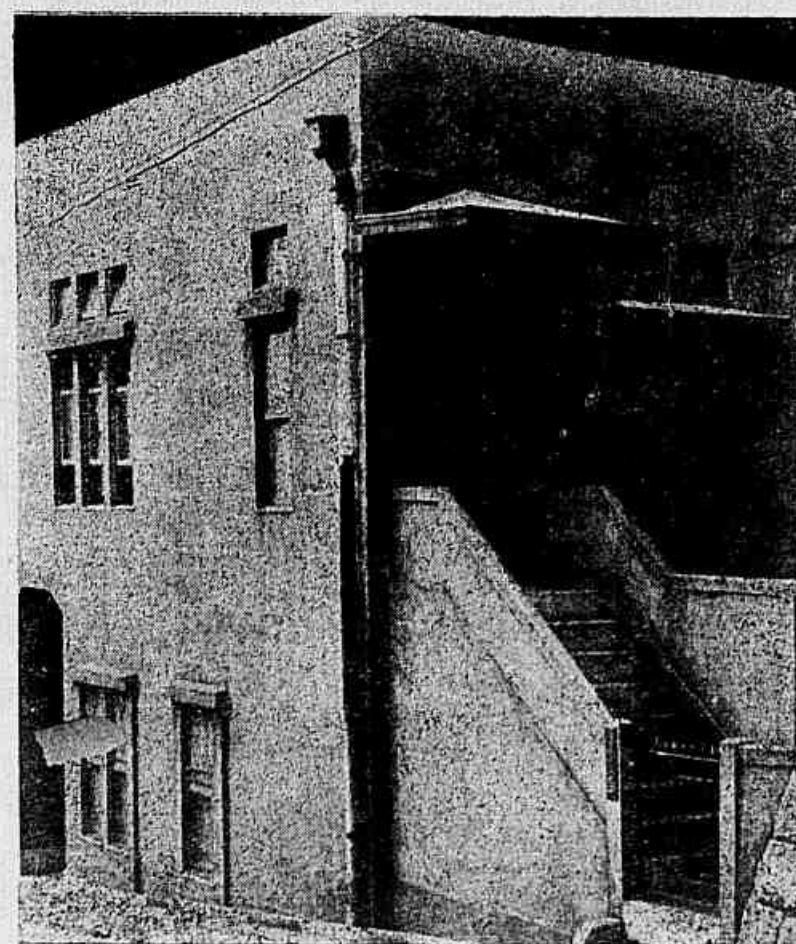
O palacete da Praia de Botafogo n.º 364, sede da Embaixada do Japão, no Rio. Vêem-se no jardim os elementos da Polícia que cumprem as instruções do nosso Governo.

mo prisioneiros de guerra.

O Governo Brasileiro, que tem concedido aos diplomatas e funcionarios dos países com os quais cessou as suas relações diplomáticas todas as garantias e lhes assegurado todas as liberdades, de acordo com a sua tradição de hospitalidade, vê-se forçado, a contra gosto, a dar ao Embaixador e aos funcionarios nipônicos no Brasil um tratamento equivalente ao que estão recebendo os diplomatas e cônsules brasileiros no Japão."



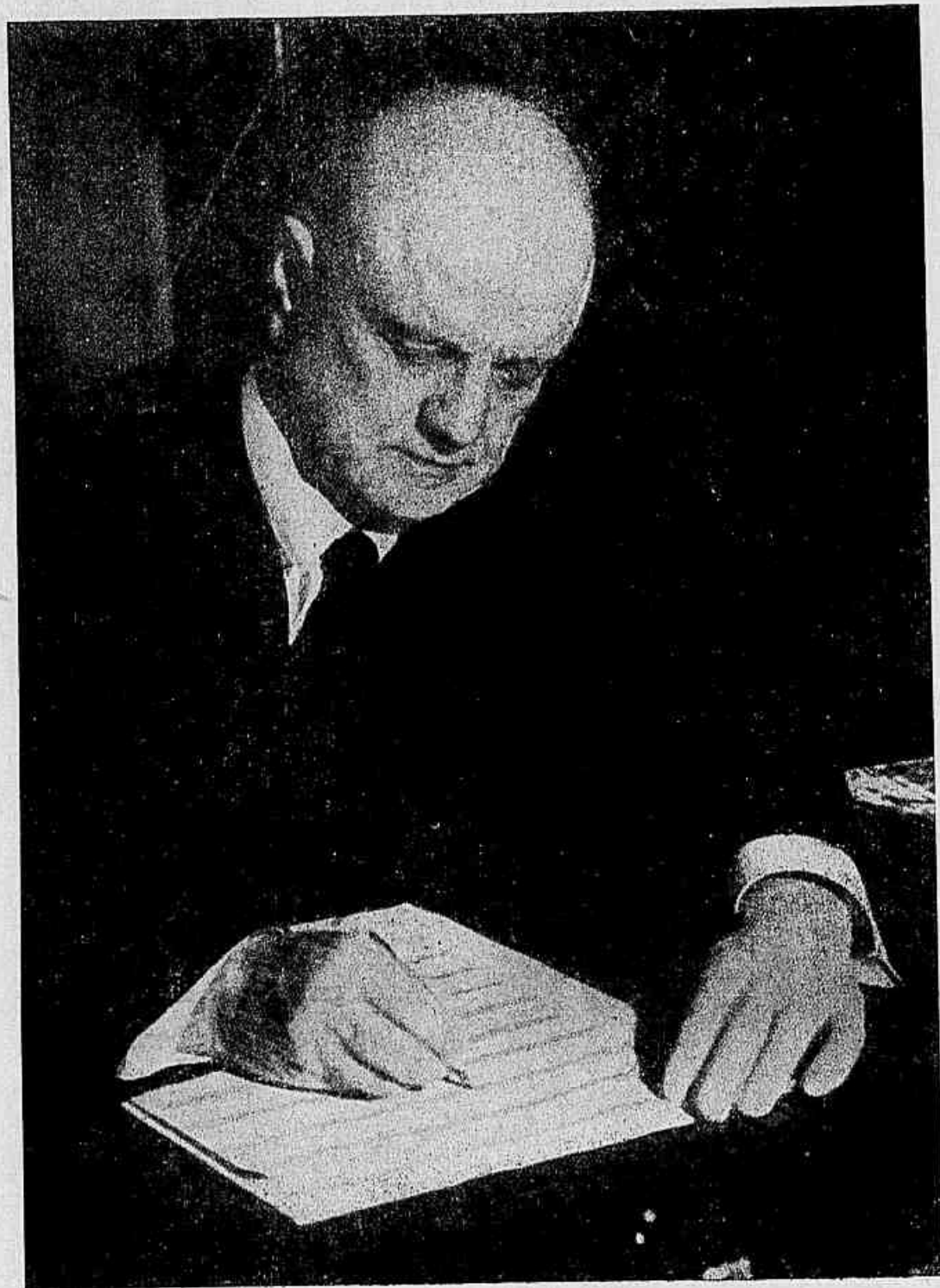
A Embaixada do Brasil, em Tóquio.



A Chancelaria da Embaixada Brasileira em Tóquio.

O culto do talento na

Por FRANCHINI NETTO



Jean Sibelius.



Knut Hamsun na sua propriedade rural nas proximidades de Oslo

UM dos característicos mais singulares da civilização escandinava é o culto ao herói vivo.

Quando alguém, nessas terras adiantadas, se distingue formidavelmente pela inteligência ou pelo valor, é cercado logo pela consagração e respeito popular. É abraçado pela admiração de sua gente e alçado a um plano elevado, diferente, de vida. Isolado. Resguardado de contactos impuros. Tomado sob a proteção do Estado. Deixado só, á vontade, alheiado das pequenas tragédias da vida quotidiana, para poder conversar com os deuses, seus iguais. Em troca desse carinho, ele produz. Produz celebridade para a sua terra.

Gente culta, não oferece paisagem favorável ao drama dos incompreendidos. Nem às exibições postumas de arrependimentos tardios. A obra-prima é gozada integralmente pelos contemporâneos do genio, que recebe em vida mesmo o agradecimento da Patria enternecida.

A's vezes o herói concede que o vejam. Desce por instantes ao contacto visual dos mortais. Então é de ver a veneração que lhe tributa o povo, vaidoso dele, como de um deus que morasse em casa. Que fosse só dele.

Quando Sigried Undset passa pelas ruas de Oslo, os noruegueses param descobertos e ficam a olhá-la. Longamente. Quando o marechal Mannerheim passeia, mesmo os civis, ao encontrá-lo, saúdam-no em posição de sentido. Militarmente. Batendo o salto dos sapatos num estalo.

Na Noruega, Viegland, o genio da escultura, há vinte anos trabalha numa "Fonte". Fechado num estudio que o governo lhe deu. Aí é que ele vive. A's vezes expõe parte do trabalho. Então em romaria o povo percorre, silenciosamente, as salas onde o artista trabalha. Em fila. Viegland não aparece. A sua conversa é só com a Arte. O povo compreende e respeita.

Knut Hamsun preferiu uma casa de campo. Mora distante. Isolado também. Dificilmente o vêem. Detesta visitantes, no seu retiro. Tem odio aos jornalistas. Não é por timidez, não. Ficou assim depois das frivolidades que alguns norte-americanos disseram dele. Pensa que comprometerá a memoria autorizando, com sua presença, bobagens de reporter sensacionalista. Conheço jornalistas noruegueses de fama que nunca puderam falar com Hamsun.

—oOo—

Selma Lagerlof também era retraída. Morava em Varmland, o pedaço mais bonito da Suecia. Comparecia sempre á entrega do premio Nobel. O rei levantava-se para cumprimentá-la. Tinha honras de heroína nacional.

Verão de 1938. Varmland era uma bandeira brasileira. A grama verde, viva, subindo e descendo suaves colinas. Faixas douradas arrumadas em fila — como ócas gigantes de uma aldeia de índios. Um céu azul e branco. Parado. A moça que me acompanhava como guia mostrou a casa de Selma Lagerlof. Toda de madeira. Branca. Com muitas vidraças, — moldura de lindos quadros naturais. Selma vê e persegue daí seus gnomos, os duendes estranhos, verdadeiros, de Gosta Berling.

Dagmar me explicou que era impossível sequer entrever a famosa autora do "Livro das Lendas". Com surpresa, porém, vemo-la no jardim. Curvada. Apoia-da numa bengala preta que brilhava ao sol. Rodeada de cães enormes que se atiraram furiosos á cerca de madeira, á nossa chegada. A escritora se aproxima. Apresentamo-nos. Fala francês como francesa. Convidou para entrar. Nunca falara antes a um brasileiro. Dá certas vantagens pertencer a um país desconhecido.

Estamos na biblioteca. Coberta de livros que vão até o teto. A mesa está abandonada. Há tempos Selma não escreve. Sonha apenas. A's vezes em voz alta. Então a Secretária escreve. Os anos abraçaram fortemente essa mulher famosa.

Selma Lagerloff está falando da guerra. Como uma obsessão. Não pode compreender. Sente como uma dor física o sofrimento que vem vindo. Nunca entenderá "tanks" atravessando a floresta de pinheiros onde mora Bjorn, o genio. Sangue maculando a neve pura que é o "rink" de brinquedo das fadas transparentes. Selma viveu tanto nesse mundo simples e bom que criou, entrou tanto nele que acreditou. Agora, nem sempre separa a realidade da fantasia. Se Gosta Berling existe! Todo o mundo o conhece. Até os japoneses, se bem que nunca houvessem pago os direitos autorais."

Da janela grande vê-se um homem vindo da floresta de pinheiros. Para Selma pode ser um sacristão. Pode também ser diabo vestido de sacristão. Tudo naturalmente. Quando a escritora parou de falar e olhou o vácuo, fiquei sabendo que tinha entrado no seu mundo. Boa viagem, senhora Lagerloff. Lembranças a Gudmund...

A guerra é a morte do seu sonho. O sonho é a vida dela. Ao ter noticia da luta na Escandinavia, morreu.

Depois que nos retiramos, Dagmar ficou calada por mais de uma hora. Emocionada.

—oOo—

Sílampaa, o finlandês que ganhou o premio Nobel de Literatura em 1939, mora num bairro operário. No quarto andar. Num apartamento pequeno. Cheio de crianças. Trabalha numa sala coberta de livros. Alemães, suecos. É gordo. Forte. Calvo. Parece mais cervejeiro que escritor. Não fala francês, nem inglês. O interprete vai traduzindo. Conversa banal. — Que acha da Finlândia? — Como é o Brasil? Tudo por alto.

De repente, porém, á cifra de quarenta milhões de habitantes, Sílampaa quer saber se "Santa Miséria" pode ser traduzida para o português. O escritor famoso

Escandinavia

acha um encanto novo na conversa. Como sente a glória? "Glória"... diz Sílampaa, "é o dinheiro que dá". Sem ele não há glória". Começou pobre. O Governo toma conta dele agora. Sílampaa quer ser rico. "Santa Miséria" saiu-lhe da alma. Sua obra é mesmo esse desejo angustiado. A glória vem depois.

—oOo—

Jean Sibelius, o maior compositor do mundo escandinavo, mora distante de Helsinki uns trinta quilômetros. Em pleno campo. Numa casa alta, de madeira, pintada de branco, com janelas largas de bordos pintados de verde. Fica num outeiro, isolada, cercada de pinheiros altos que são brancos no inverno.

Todo o mundo me desanimava. Os colegas de imprensa riram da minha pretensão. Jean Sibelius nunca recebe ninguém, encerrado na sua casa distante, como num templo, onde no silêncio das horas escreve cartas sonoras que o mundo inteiro lê com emoção.

Jean Sibelius me recebeu às três da tarde. Havia um sol claro que punha em festa a natureza inteira gozoza desses instantes parques de luz forte... Vestia um terno pardo de flanela, colarinho duro e gravata preta de laço grosso. E' alto, forte, corado como um filho do norte. Absolutamente calvo, exibindo um crânio reluzente, estriado levemente de veias azuis... Havia comigo cinco finlandeses que, ao penetrarem na casa do grande músico, baixaram a voz e falaram de mansinho como se estivessem a rezar.

Sentámo-nos numa sala grande. Mobilada de peças modestas. Um sofá, cinco cadeiras de assento de palha. Um tapete antigo. Uma mesinha com toalha bordada. A um canto, uma vitrine onde se vêem, através do vidro, uma guitarra trabalhada, uma grande corôa de louros, albuns de veludo vermelho, bronzes — troféus de noites memoráveis. Pedacos da vida do artista. Do outro lado da sala um piano de cauda.

- Compõe nesta sala?
- Não. Em cima. No meu quarto. Mais perto do céu...
- E compõe ao piano primeiro?
- Não; diretamente na pauta.
- Qual a peça, das que compôs, que prefere?
- Para um compositor, suas peças são como filhos. Não pode haver preferência. Amo-as a todas...
- Quando terminará a grande sinfonia que está compondo?
- Quem sabe quando o mundo acabará? Uma sinfonia é como o mundo...
- Quais os momentos que prefere para compor?
- Há, por certo, momentos em que prefiro compor. Fora deles, absolutamente não componho. Por vezes esses momentos chegam á noite... bem á noite...

Sibelius quer saber como são as noites do Brasil. Conto-lhe, numa saudade, a maravilha desses espetáculos, quando Deus, nas alturas, dando uma festa, ilumina inteirinho o seu palácio de cobalto e depois abre, para os lados do Brasil, as pequeninas janelas das estrelas... Das noites mornas nas matas brasileiras quando as folhas que farfalham ao beijo do luar falam uma linguagem forte, mais sensual que o cicizar tímido de um pinheiral tangido pelo vento setentrional...

O artista manifesta um desejo intenso de sentir essa natureza diferente. Esse calor novo, o cheiro dessa terra ardente, o sensualismo da noite tropical. De compôr no Brasil.

— Por que não vai então ao Brasil, onde é tão querido, onde a sua música é tão bem compreendida?...

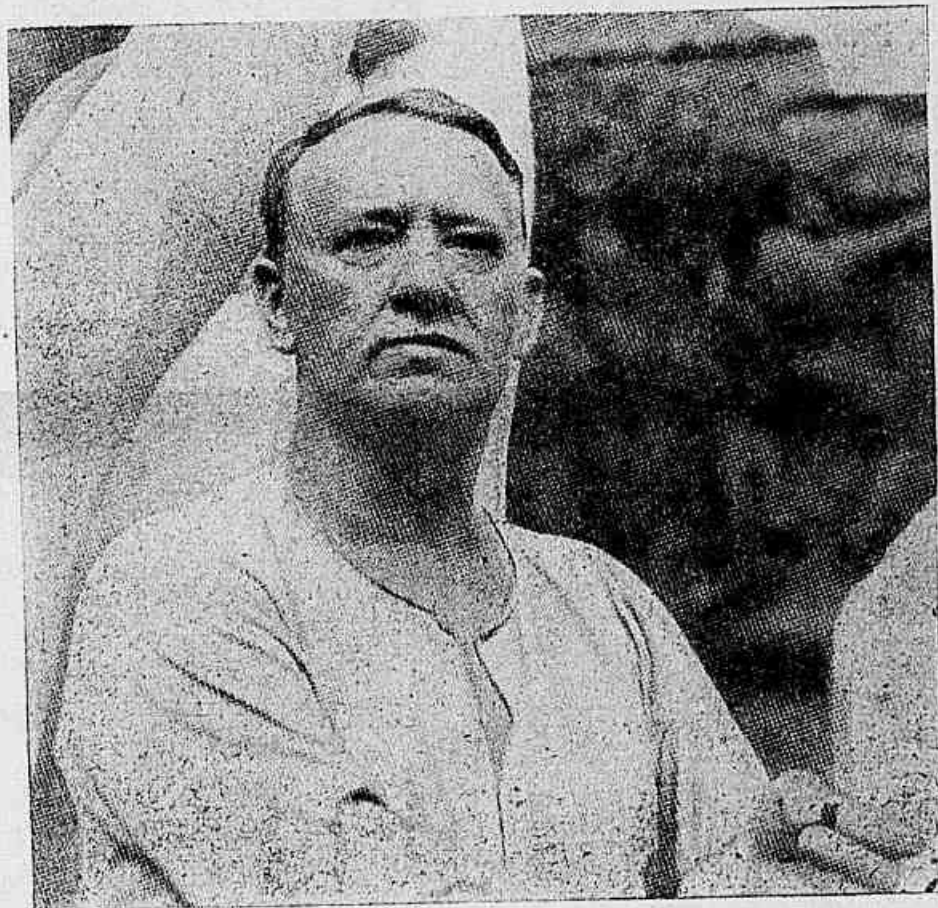
— A vida é longa. Quem sabe?...

Sibelius tem 73 anos.

Quando voltei a Helsinki os filandêses passaram a olhar-me com um respeito maior. Como se eu me tivesse contagiado de santidade. E então tudo começou a correr muito mais facil. O Presidente me recebeu. Os salões se abriram. Porque eu fiquei sendo o homem que falara com Sibelius...



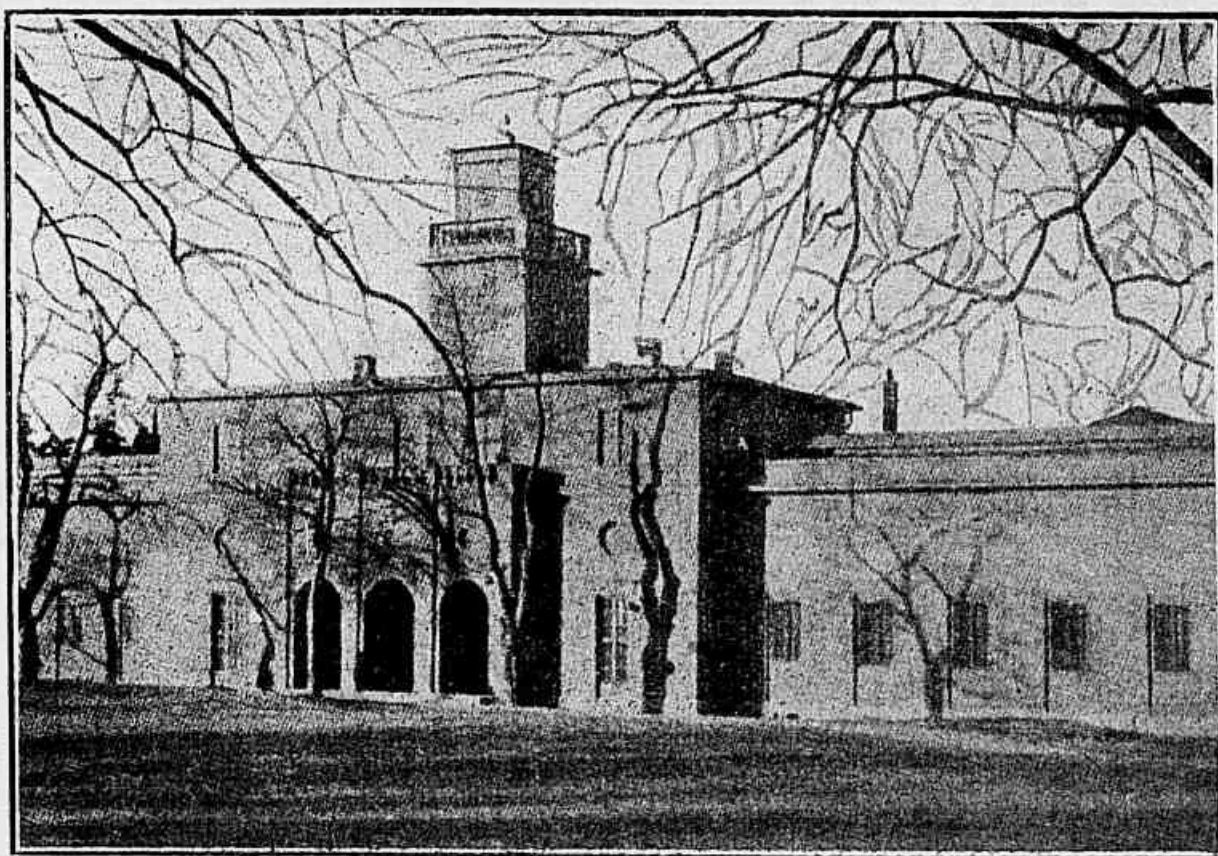
Selma Lagerlöf.



Vigeland, o maior escultor norueguês.



Sigrid Undset — premio Nobel de literatur.

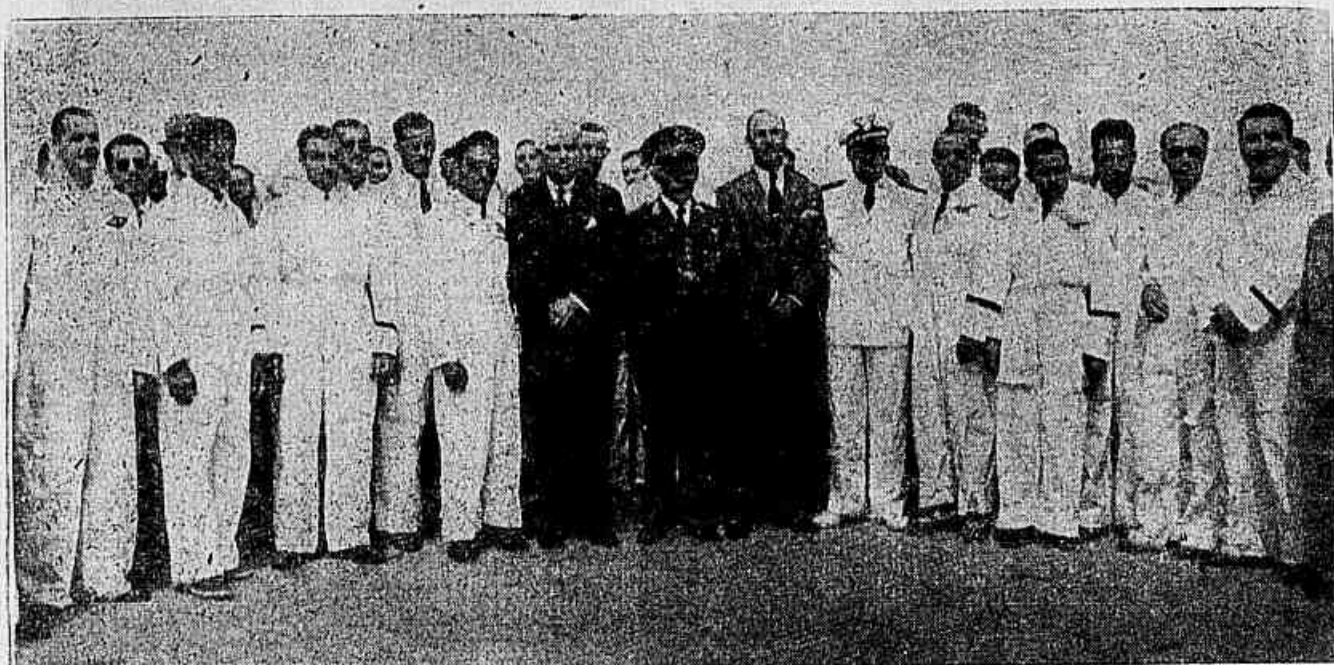


O atelier de Vigeland em Oslo.

De São Paulo



E o paraquedas de Charles Astor abriu-se! Um alívio para a assistência.



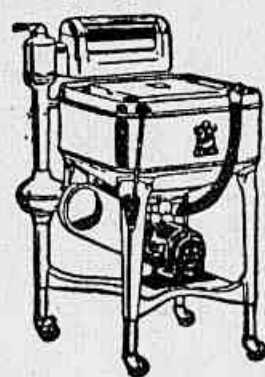
Os novos instrutores posando após o recebimento dos brevets.
Ao centro o general Maurício Cardoso.



Outro grupo de aviadores e alunos, enfileirados diante da tribuna oficial.

TODA A ROUPA LAVADA...

A lavadeira electrica de alumínio Maytag resolveu o problema da roupa limpa nos hotéis, collegios, sanatorios, quartéis, etc. É uma pequena lavanderia de grande produção: lava, enxagua, anila e seca qualquer roupa. Faz sosinha o trabalho de numerosas lavadeiras.



Maytag

Peça demonstrações à **EMPRESA MERCEDES**
Rua Consolação, 53 - Tel. 4-0499 - S. Paulo

No domingo último, o Campo de Marte de São Paulo foi teatro de um lindo espetáculo que, tendo tudo civismo e muito de elegancia, significou uma bela página de preparação da nossa gente para as emergencias de que hoje está cheio o mundo. O Aero Club de São Paulo fez a entrega solene de brevets à sua primeira turma de monitores e peritos em pilotagem, em cerimonia sob a presidencia do coronel Julio Americo dos Reis, seu presidente.

São os seguintes os novos monitores: aviadores Carlos Auricchio, José Parada de Oliveira, Manuel Lins Falcão, Ernesto Lisboa Sobrinho, Evaldo Toledo do Amaral, Herbert dos Santos Vaz, José de Melo e Lucidio Llane Valls.

A festa comportou esplêndidas provas de acrobacia e paraquedismo, em que figuraram Anesito Amaral, Daniel de Camargo e Oswaldo Felizola. A aviadora Ada Leda Rogato saltou da altura de 400 ms. e o professor de paraquedismo, Charles Astor, fez um salto retardado, da altura de 1.200 ms., fazendo abrir o paraquedas a 400 ms. do solo. Os alunos da Escola Camargo realizaram um vôo em esquadrilha, após o qual foram apresentados vôos em planadores pelos srs. João P. Leper, pilotando o "Paula Souza"; Silvio de Oliveira, com o "Laminado", e Bruno Frederico, com o "Willy".



O general Mauricio Cardoso, comandante da 2.^a Região Militar quando falava por ocasião da entrega dos "brevets".



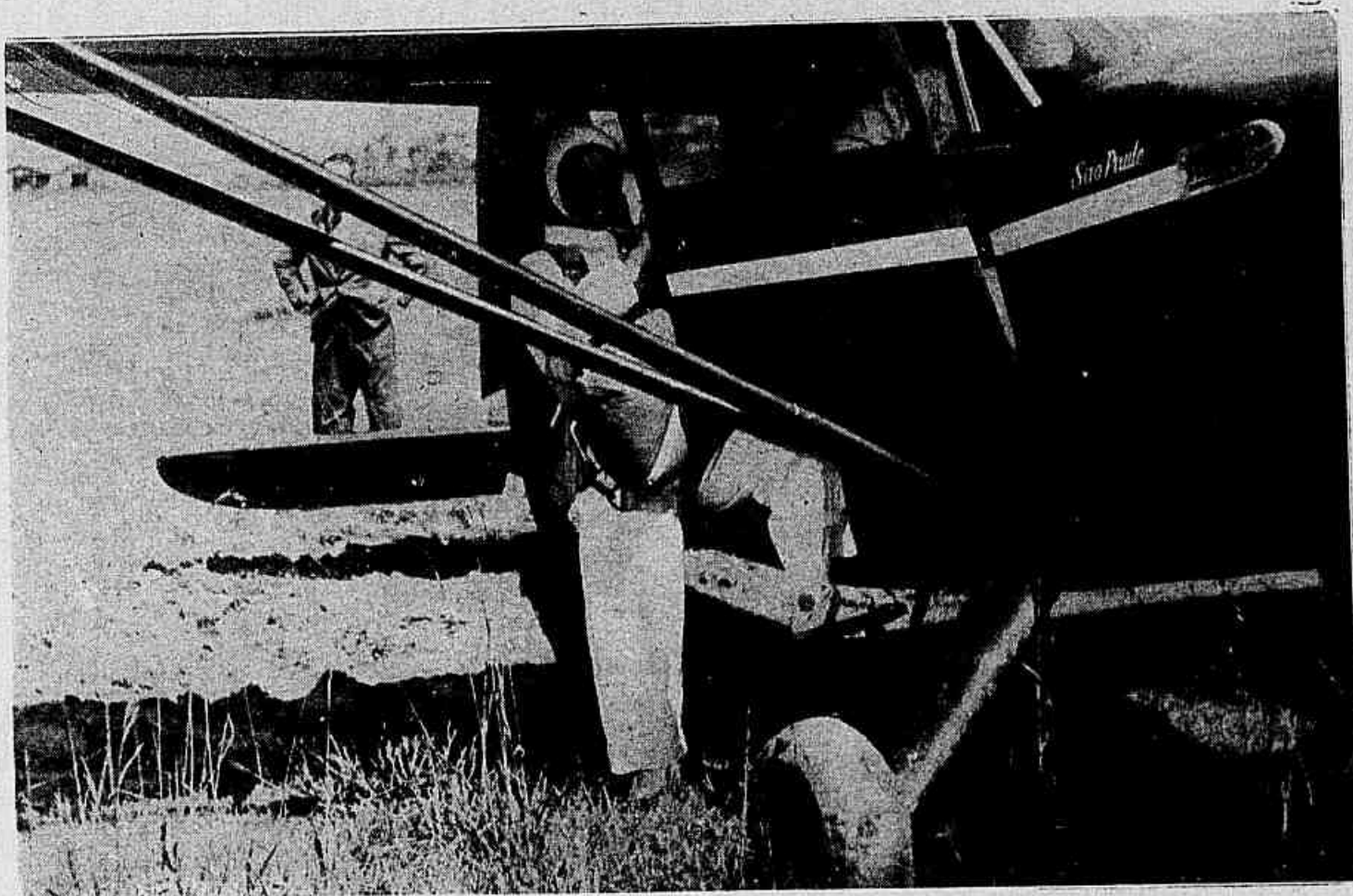
O general Mauricio Cardoso, comandante da 2.^a Região Militar, cumprimentando o capitão aviador Hildegardo da Silva Miranda, diretor da Escola de Pilotagem, após o discurso por este feito.

Quando fôr a São Paulo
 ... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★
 • Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4.^a sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succadora da MAPPIN STORES D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO



Ao lado — A aviadora Ada Leda Rogato em pose momentos antes de executar o seu salto da altura de 400 metros.



Grupo de alunas e aviadoras presentes á festa: Ada Pereira da Cunha, Dolly Vieira de Melo, Milda Osin, Ana Maria Mascinlevicius, Petronilha Bispo Loureiro, Isabel Paula e Silva e Ada Leda Rogato.

CULTURA DE GRAÇA...

Um milhão de volumes na Biblioteca Nacional – 13.230 visitantes do Museu de Belas Artes – De Bach a Villa-Lobos, na Discoteca – Um clima variado para o espírito

Reportagem de ADEMAR ALVES DA NOBREGA.



NO MUSEU DE BELAS-ARTES — Visão épica. As senhoritas admiram os heróis d'antanho, paralisados no fragor da batalha, pelo pincel de Victor Meirelles.

O brasileiro é, em geral, o homem que não sabe empregar utilmente o seu tempo.

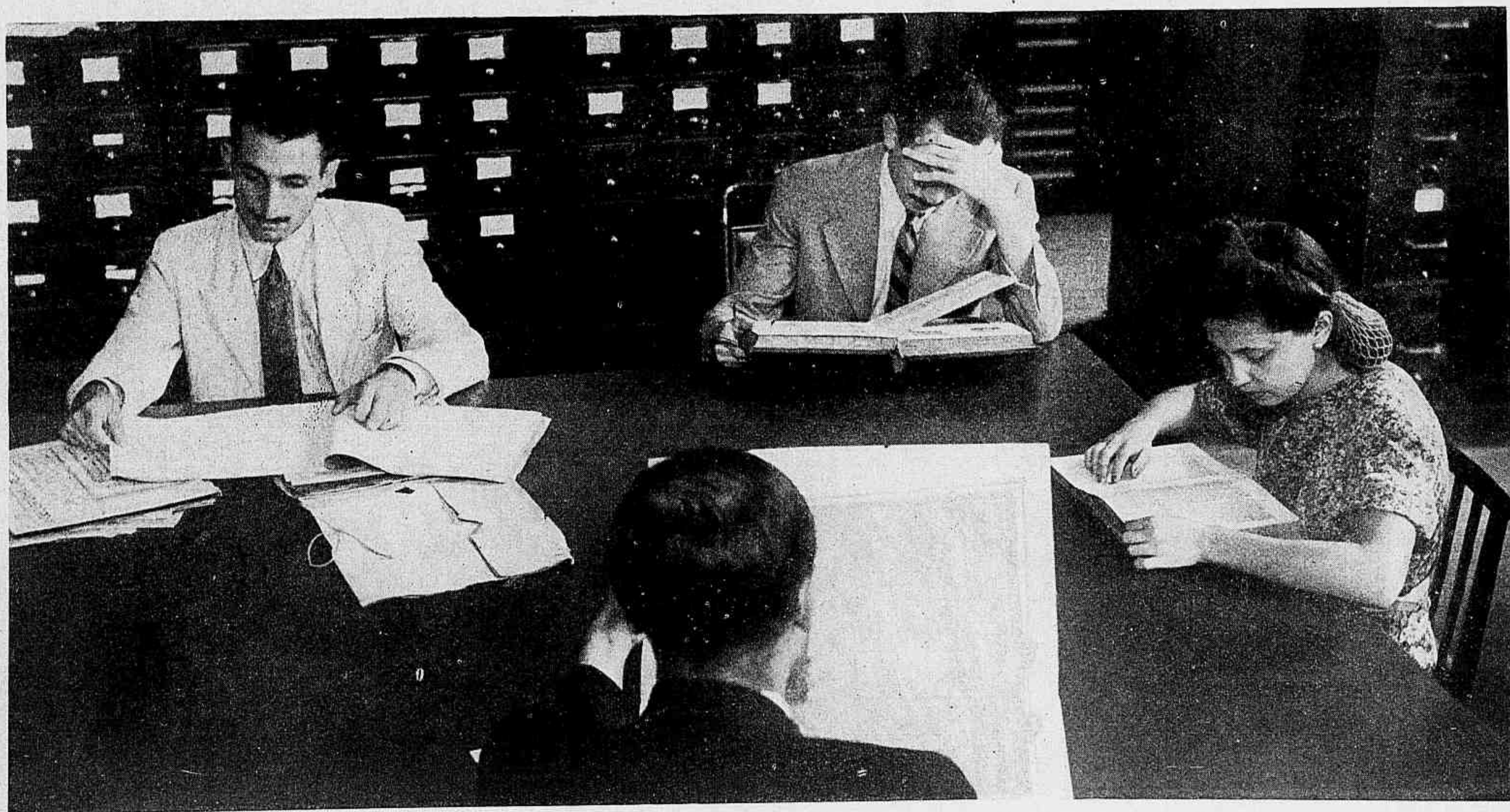
A não sêr numa poeirenta partida de futebol ou comprometendo o bom senso com a ingestão de largas doses de literatura fácil, vive-se num condenável e total desperdício de tempo, mesmo quando em meio às mais tentadoras sugestões dos centros de cultura.

Assim sendo, o povo não desfruta certos benefícios que o Estado proporciona à coletividade, tais como as bibliotecas e os museus, onde se pode adquirir aos poucos, nas horas de folga, aquele patrimônio extraordinário que é a cultura do espírito, e na circunstância especial de gratuidade.

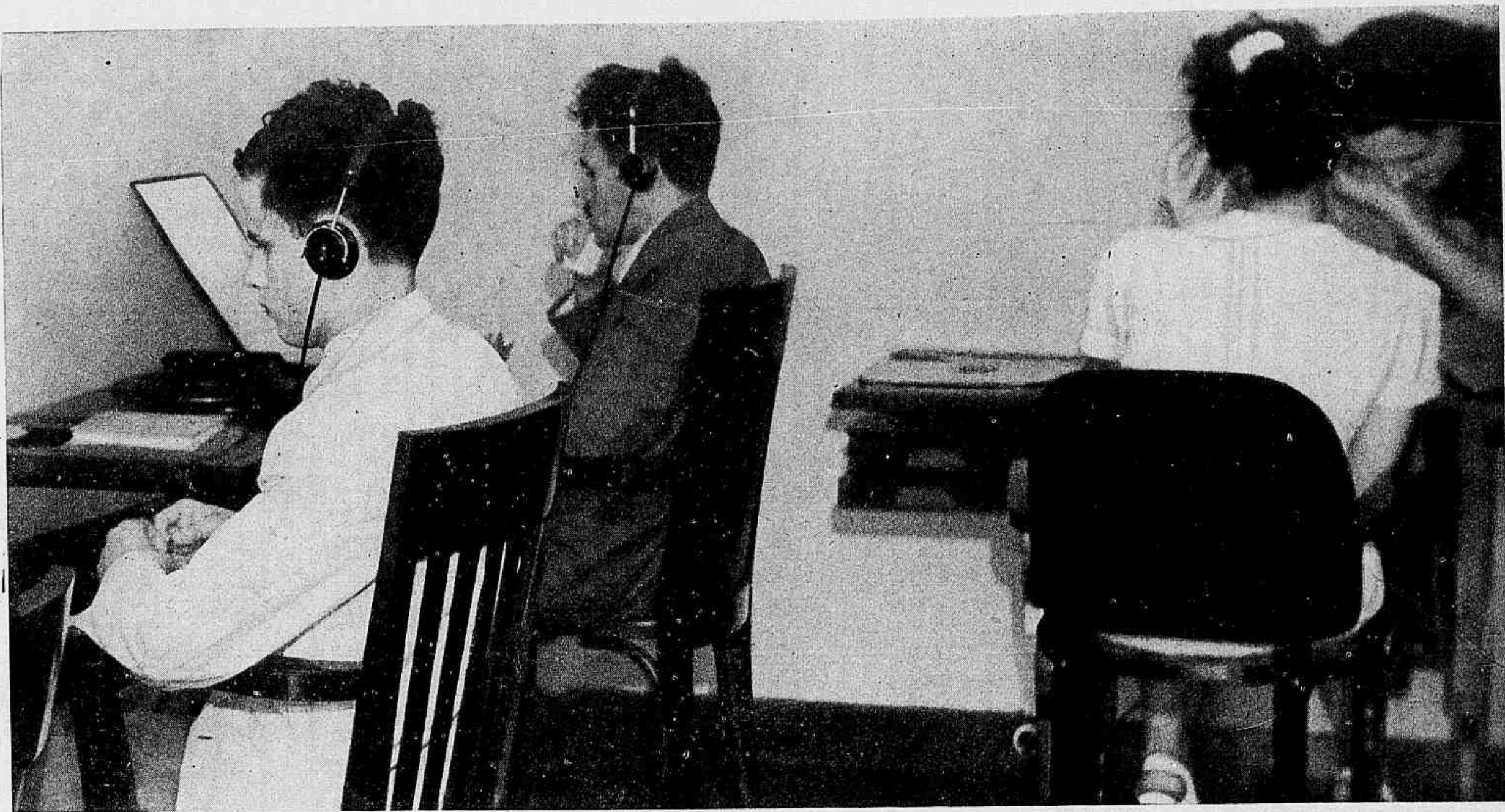
Enquanto há, no Rio, motivos encantadores para as horas de lazer, o carioca passa, displicentemente, o precioso tempo afiando a sua verve de galanteador.

Tudo, é certo, tem seus propósitos e finalidades; mas vamos dar mais atenção às coisas sérias.

A Biblioteca Nacional, por exemplo, ali tão pertinho, na praça Floriano, conta cerca de um milhão de volumes, oferecendo as mais ricas perspectivas às



NA BIBLIOTECA NACIONAL — Secção de estampas e cartas geográficas: Estudando nos mapas para melhor têr visão da guerra.



NA DISCOTECA MUNICIPAL — E as duas entenderam-se bem! A sonata é tão maravilhosa que resolveram dividi-la.

exigências intelectuais. Isto o atestam os algarismos de sua elevada frequência no salão de livros. Em Setembro do ano p. findo 10.037 obras num total de 11.143 volumes, foram consultadas por 3.633 leitores, o que dá uma média de 121 por dia.

Apenas durante as férias, esses números caem em virtude da ausência de estudantes. Mesmo assim, em Janeiro último a frequência foi de 2.232 leitores para 6.774 obras com 7.524 volumes.

A Biblioteca, que funciona das 9 às 22 horas, sendo, nos domingos até às 15 horas, dispõe de confortáveis instalações. Lá, o amigo mata o *spleen* e adquire qualquer coisa de novo para o seu espírito. A despesa consiste apenas na boa vontade.

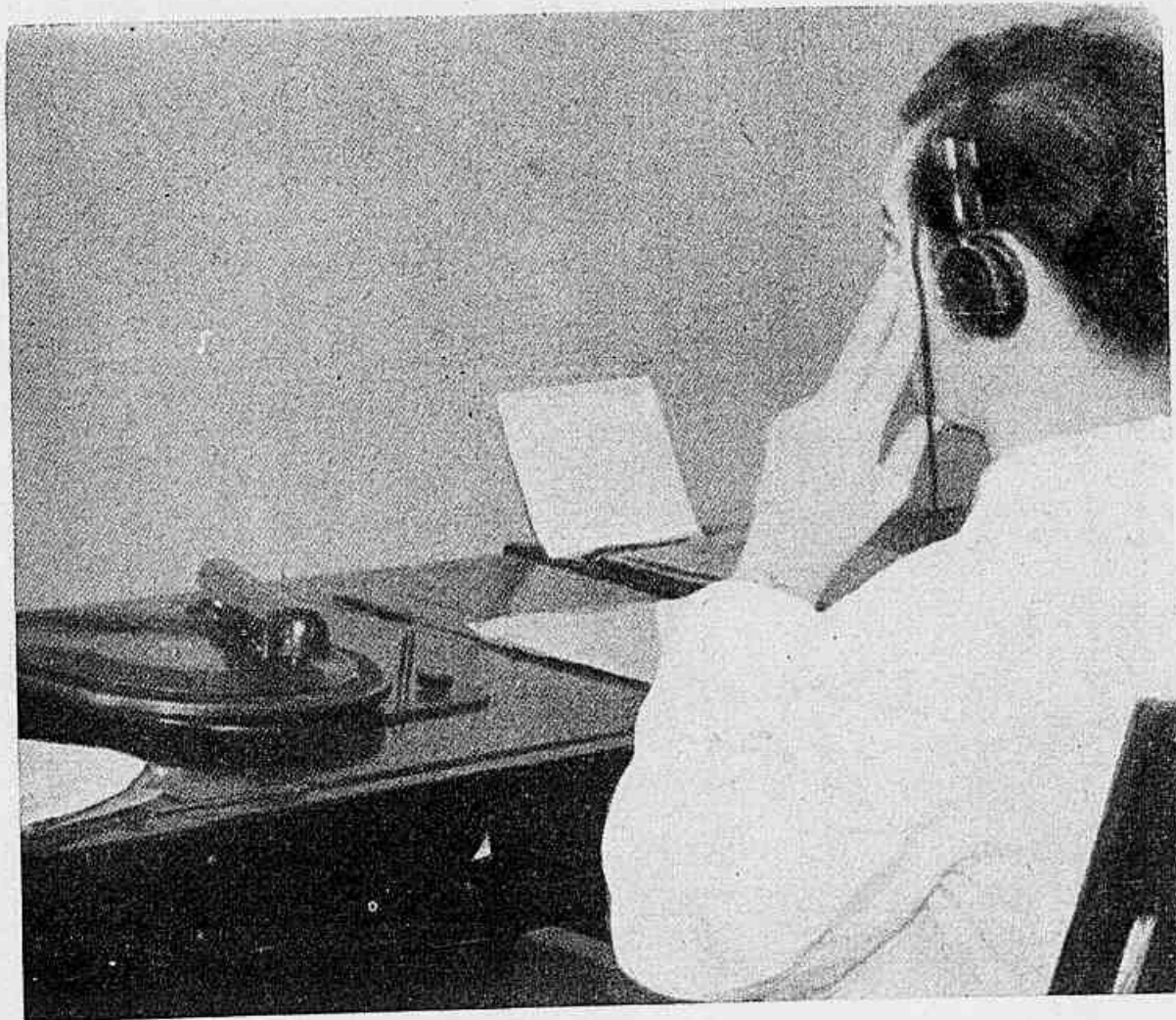
O Museu de Belas Artes, situado no mesmo local, ao lado da Biblioteca, e aberto das 12 às 17, todos os dias, mesmo na segunda-feira, conta com um número muito mais elevado de frequentadores: 141, média diária do mês de Janeiro, em que as visitas diminuem muito, como em todo o verão, graças ao calor no interior das galerias. Em Setembro, 13.230 pessoas percorreram os seus salões, em contacto com aquela fisionomia da imortalidade que é peculiar à obra de arte.

Sendo a visita aos museus menos exigente, do ponto de vista do esforço físico, do que as Bibliotecas, porque nêles a participação do *snob* é mais fácil, condicionando apenas atitudes de êxtase que podem ser preparadas de antemão, não podemos concluir que essa diferença de números indique a preferência do carioca pela pintura e pela escultura. Nem isto constitui o *movel* da reportagem.

O fato é que, pela expressão estatística há mais interesse em torno do Museu de Belas Artes do que pelos volumes da Biblioteca Nacional.

E além dessas, há ainda uma sugestão importante para o seu tempo, caro leitor: é a Discoteca da Prefeitura Municipal, funcionando no 12.º andar do edifício «Andorinha» à avenida Almirante Barroso, 81.

Com um vasto repertório de música sinfônica, lírica e de câmara contido em mais de 9.000 gravações a Discoteca é um refúgio encantador para todos os achaques que as mesquinhas competições da vida trazem consigo.



NA DISCOTECA MUNICIPAL — Ouvindo através dos fios, a "linguagem dos deuses".

Desde aquela altíssima serenidade e largueza espiritual da obra de Bach, até as revolucionárias tendências que norteiam (ou desnorream, como querem alguns), a moderna arte musical, condensadas tão solidamente na obra de um Stravinsky ou de um Villa-Lôbos, tudo constitui, ali, um panorama que abrange todas as necessidades espirituais.

55 pessoas, em média, por dia, dão um atestado de sua compreensão dessas necessidades, enriquecendo de beleza imortal as reservas dos seus sentimentos nobres.

E o prazer que a música oferece suavisa, pelo menos, o constrangimento daquele cidadão que, infeliz no seu amor, tem medo de passear no Pão de Açúcar, não se pode concentrar na leitura de um livro, nem quer saber do «Café» Portinari que está no Museu de Belas Artes.

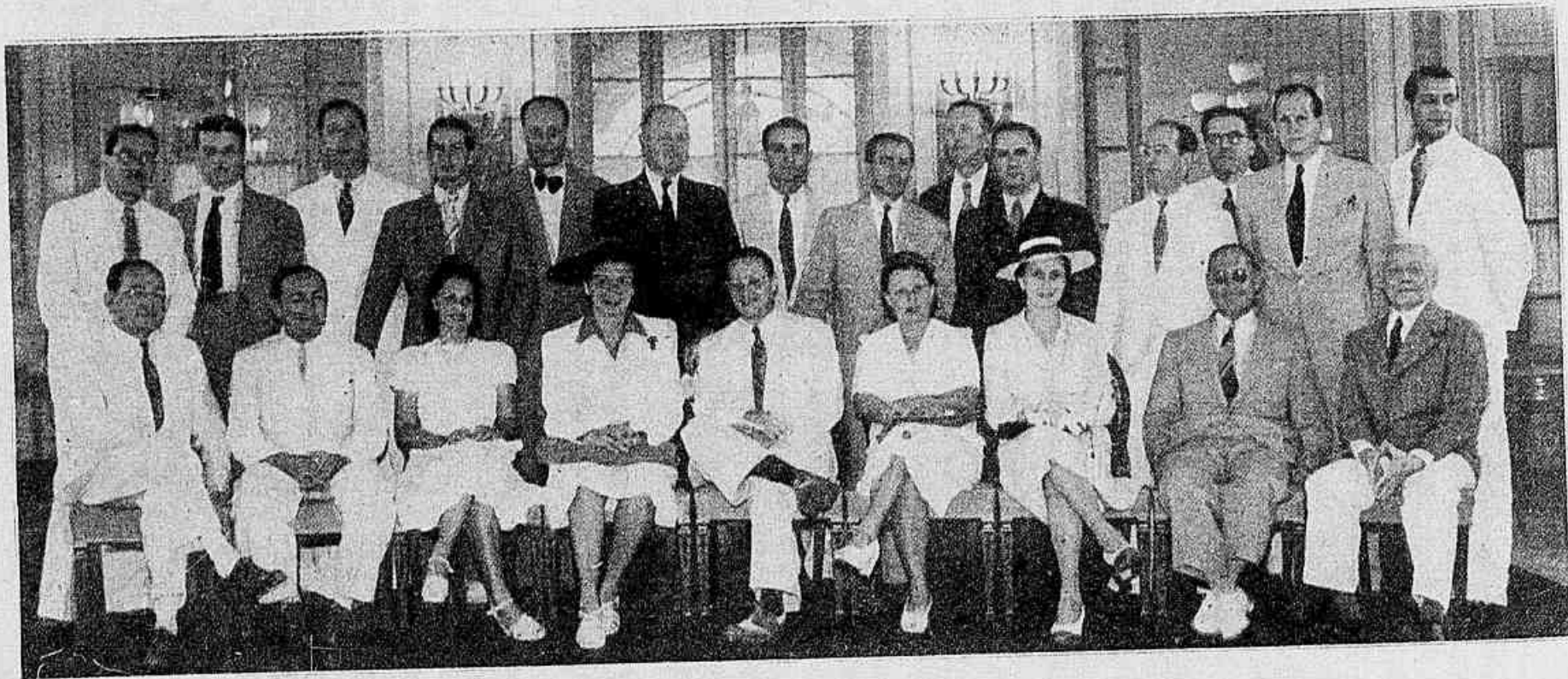
A Discoteca funciona, todos os dias com exceção do domingo, das 9 às 17 horas e nos sábados até às 15.

São estes, caro leitor, alguns dos lugares onde o amigo pode cultivar o seu espírito, sem gastar dinheiro.



NO MUSEU DE BELAS ARTES — Quando o calor é muito forte, nos salões do Museu, descança-se um pouco enquanto se aprende.

NOTICIARIO ELEGANTE



THEREZOPOLIS WEEK-END CLUB — O almoço dos sócios, realizado no Automovel Club do Brasil, no Rio, por ocasião da assembléa geral realizada pela novel agremiação.

ANIVERSARIOS

14 as sras. Josefina de Paiva de Oliveira Freitas e Lourdes Moreira Romariz; os srs. desembargador Afranio Antonio da Costa, comandante João Duarte e drs. Paulo Mac-Dowell e Cesar da Fonseca.

15 as sras. Maria Luiza de Negreiros Fleiuss, Ligia Pimentel, Maria Romero e Raquel Baltazar da Silveira Velho Tito; o dr. Fernando Mello Vianna, ex-vice-presidente da Republica; o nosso confrade Vicente Amorim; o sr. Mario Henrique da Cruz.

16 a sra. Paulo Alves Beltrão; a senhorita Beatriz Portella; o prof. Fernando Raja Gabaglia; o major Faria Lemos; os drs. Agripino Azevedo e Antonio Maia Santos; o general Osorio Pinto Guedes.

17 a sra. Hortencia Martins Costa; a senhorita Helena Isaura Padua; os drs. Gabriel Passos, Manoel Clementino do Monte e Heitor Gurgel do Amaral; o almirante Githay de Alencastro.

18 as sras. Abigail Soares de Souza e Guiomar Mayrink Lessa; as senhoritas Carmen Fonseca da Cunha e Edith Eulalia de Campos;

os drs. Gabriel Osorio Vasconcelos e Leonam Nobre; o sr. José Armando Lins de Azevedo.

19 as sras. viuva Irineu Marinho, Clotilde Martins e Nair dos Santos; a senhorita Zoé Calvalcanti; os drs. José da Costa Moreira, Eduardo Monteiro, Alcebiades Martins Fontes e Heitor Teixeira Brandão.

20 as sras. viuva Nilo Peçanha e Maria Fontes de Almeida Portugal; a senhorita Sylvia Nunes; o nosso confrade Mario Guasgetini, o dr. João Rego de Faria.

O CENTENARIO DE ANTERO DO QUENTAL

Passando no dia 18 de Abril próximo o centenario do nascimento de Antero do Quental, será a data comemorada com uma sessão solene no Palácio Tiradentes. Nessa homenagem, patrocinada pelo dr. Lourival Fontes, falarão sobre a personalidade e a obra do poeta os srs. Manuel Bandeira e Jaime Cortesão e a sra. Margarida Lopes de Almeida, os quais anuíram ao convite que, neste sentido, lhes foi feito pelo sr. Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, e pelo sr. visconde de Carnaxide, representante do S. P. N. junto ao D. I. P.

EMBAIXADOR LABOUGLE

Partiu no começo da semana, em gozo de férias, com destino à capital da República Argentina, o sr. Eduardo Labougle, embaixador nesta capital. O ilustre diplomata, que viajou em avião da carreira, teve concorrido embarque. Entre as muitas pessoas que compareceram ao aeroporto, estavam o chanceler Oswaldo Aranha, altos funcionarios do Itamarati e da Embaixada Argentina.

A NOSSA CAPA

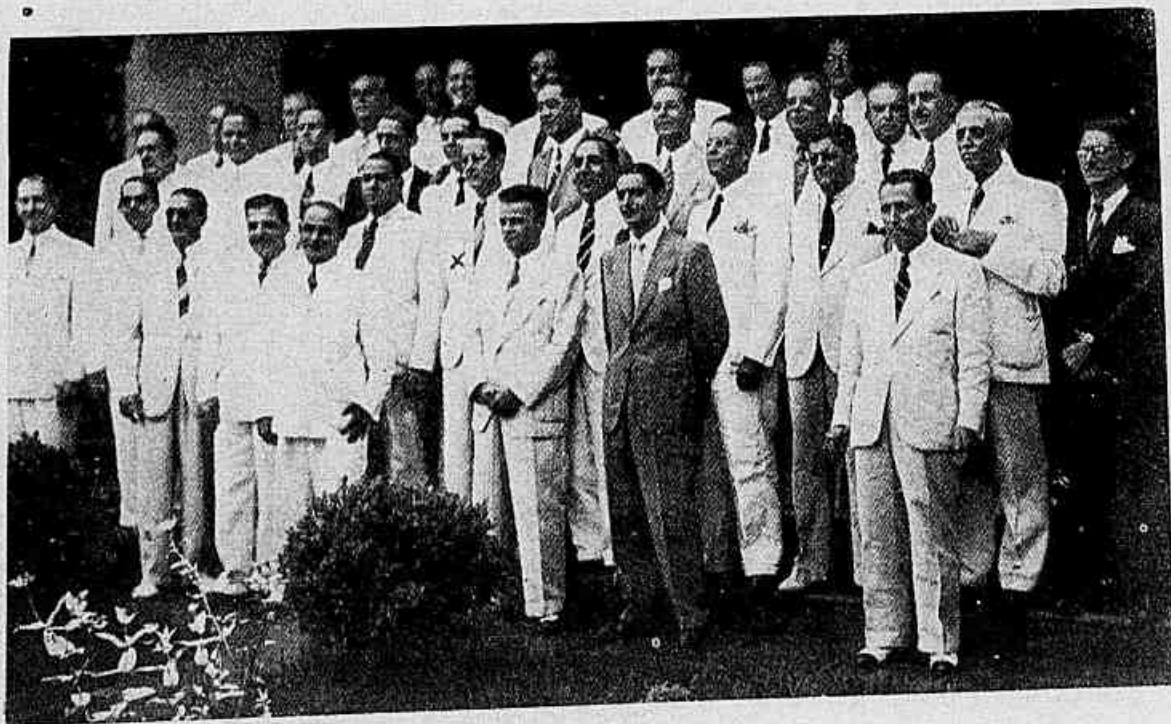


"Trópico" é o nome que o sr. Ismael Alberto Souza, de Santos, deu à linda fotografia que reproduzimos em tricromia na capa deste número. O autor, que tantas e tantas vezes tem figurado em nossas páginas, propiciando aos leitores da REVISTA DA SEMANA uma série maravilhosa das suas fotografias, que são verdadeiras obras de arte, dispensa elogios.

"Trópico" é mais um dos magníficos trabalhos do semeador de belezas fotográficas, que é o sr. Ismael Alberto Souza. Quadro eminentemente sugestivo, é bem um atestado da exuberancia da flora indígena, na alegria comunicativa da sua opulencia tropical. Há nesse quadro lindo o soberbo efeito de luz, há o esbatido da distancia e, no primeiro plano, o esboço de um velario com que as folhas verdes das bananeiras procuram dominar a paisagem.



NA IMPRENSA NACIONAL O chanceler Oswaldo Aranha inaugurando a exposição "Uma curta visita ao meio gráfico norte-americano", do sr. Rubens Porto, diretor da Imprensa Nacional.

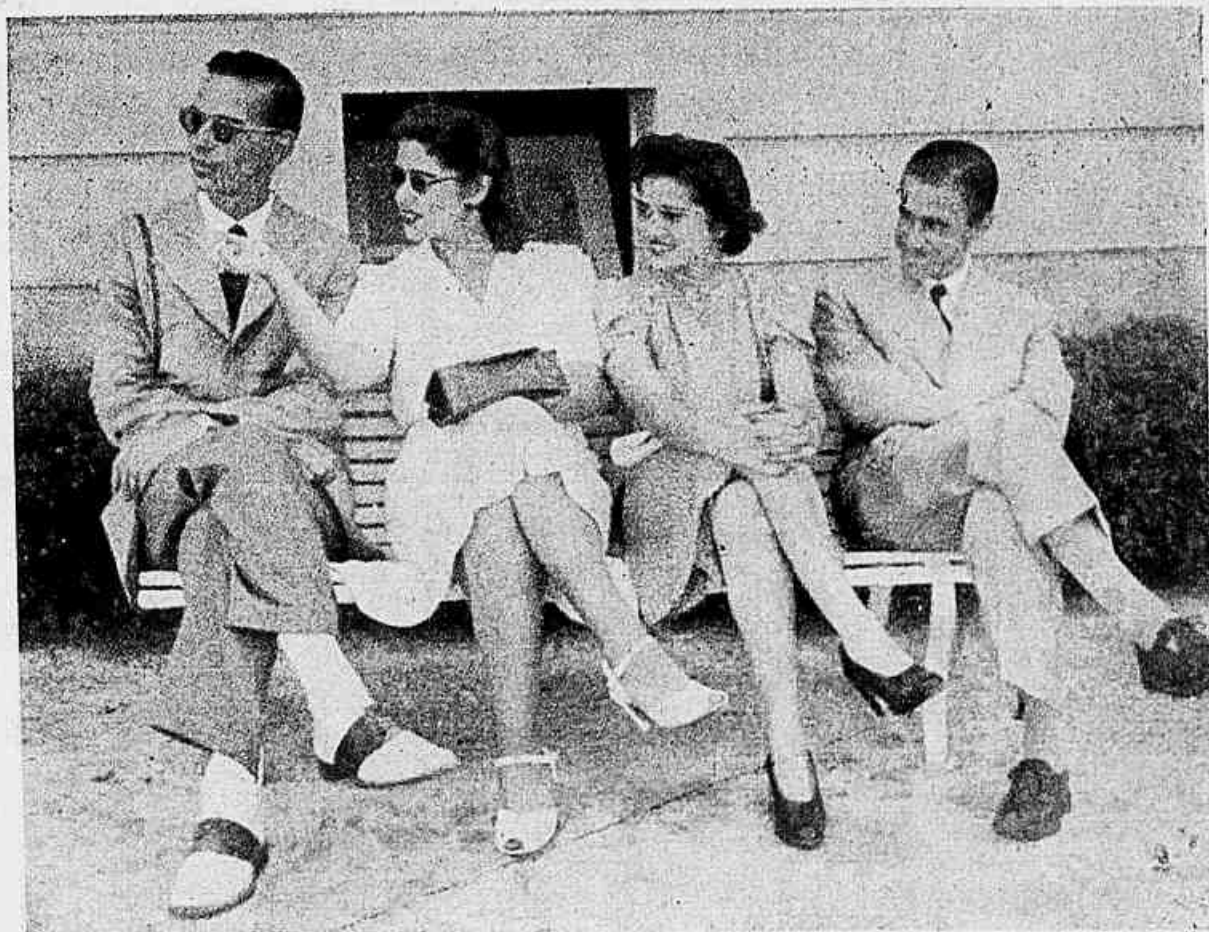
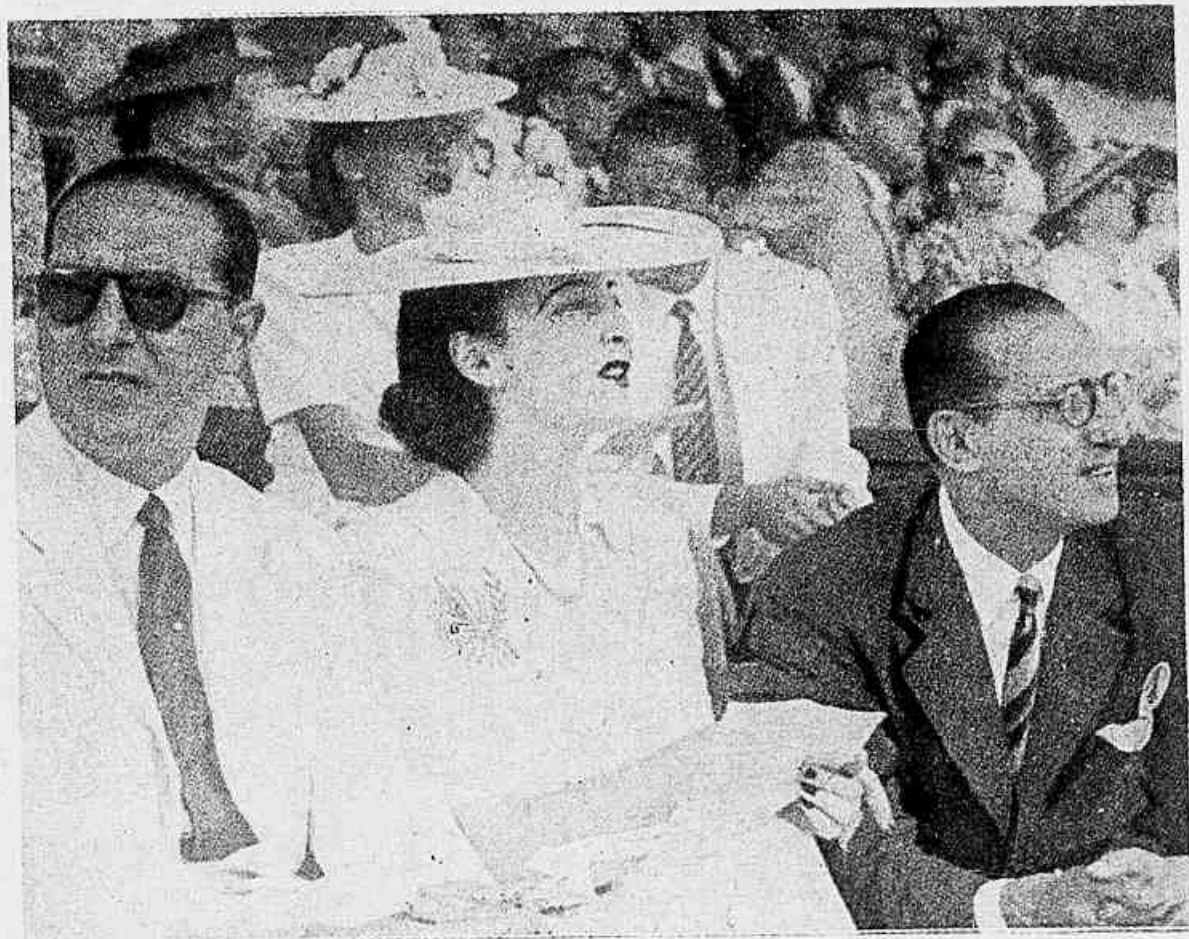


FESTAS INTIMAS — Grupo feito por ocasião do almoço oferecido por seus amigos ao sr. Eurico Serzedelo Machado, pela sua nomeação para o cargo de Inspetor da Alfandega de Niteroi.

Jockey Club Mundano



Chucho Martinez, o sonoro embaixador que o Mexico nos enviou, foi no domingo, por algumas horas, convida do Jockey Club Brasileiro, a sala de visitas da bela Sebastianopolis. Chucho empolgou o publico, encantou-o. Vemo-lo á mesa do almoço, ao lado do dr. Tigre de Oliveira e ao microfone saudando os turfmen do Brasil. São dois aspectos carissimos, quer ao turf quer ao broadcasting nacionais. Nas outras fotos vemos figuras de alta expressão social acompanhando com vivo interesse o desenrolar das corridas no Hipodromo da Gavea no ultimo domingo. Numa delas "mademoiselle" chama a atenção de suas amiguinhas, gentilmente, para a nossa objectiva. Ela, porem, não se apercebe... Que pena!



O Japão atacará a

Por DE MATTOS PINTO

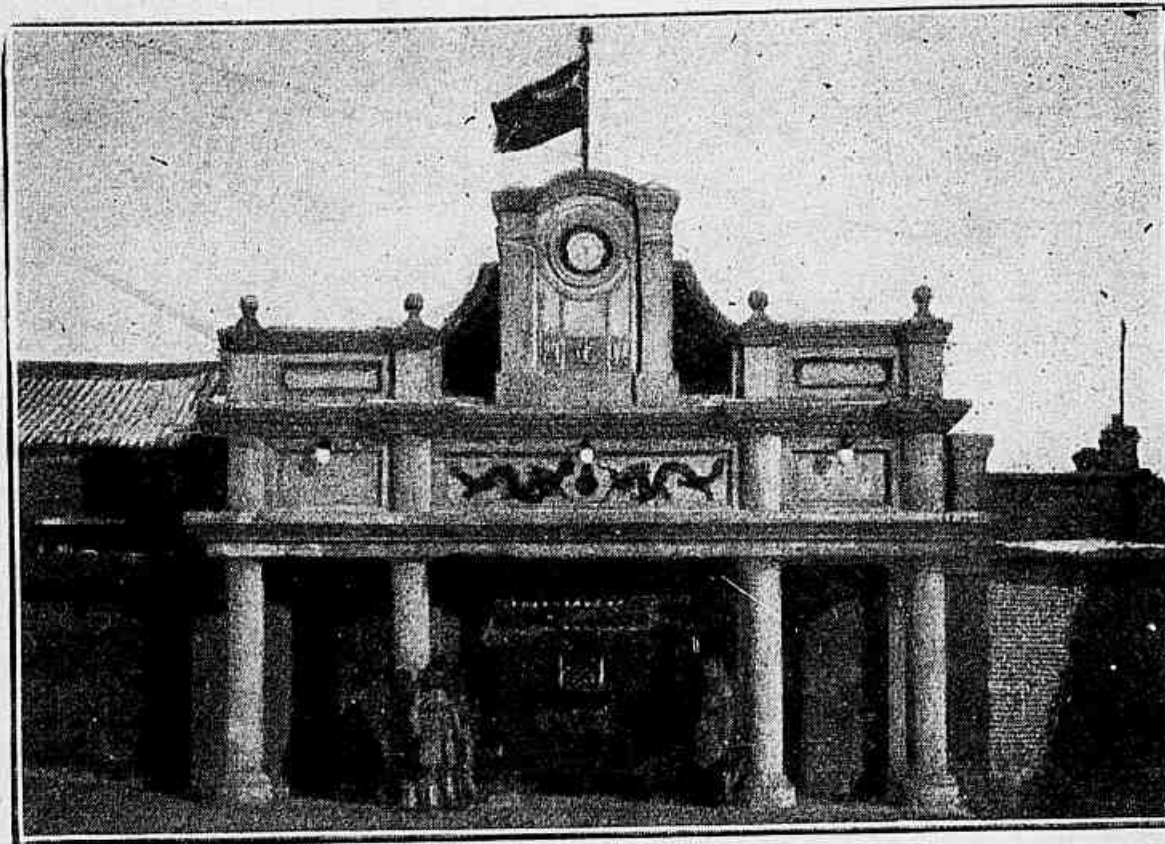
A sensação dos espectadores transportou-se da Pearl Harbour para a Frente Oriental. A vinda da Primavera traçará o rumo definitivo da Segunda Guerra Mundial, cujo desfecho se inclinará para a Ásia ou para a Europa. Espera-se que os japoneses ataquem a Sibéria, impondo a retirada dos exercitos soviéticos que fustigam os alemães na Rússia Branca e na Península da Criméa. Nipônicos e russos avivam as suas antigas disputas no Mar da China, na Coréa e na Mandchúria. Pegaram em armas uma vez e voltarão a metralhar-se, logo que se defina a vitória no Oceano Pacífico e na Austrália. Por que os nipões se aliam aos defensores do arianismo, geograficamente e culturalmente tão distantes entre si? A história da rivalidade russo-japonesa nos convence de que as leis económicas fazem esquecer as antiteses raciais. No século passado, os russos penetravam no território da Mandchúria, ameaçando a soberania dessa região e a integridade da China. Pelo tratado de 1858 e a Convenção de 1860, a Dinastia Mandchú reinante em Pekin, cederá à Rússia uma parte da Mandchúria, cerca de seiscentos e cinquenta mil quilómetros quadrados, entre o mar e o Rio Ussuri. Também pelos Tratados de 1896 e 1898, o Império Celeste facilitara aos russos, direitos de exploração industrial em Kuang-Tung, abertura do porto mercantil de Dairen e o estabelecimento de base naval em Porto Arthur. Começaram a construir a via-ferrea, que se prolonga de Chang-Chun a Porto Arthur e cuja concessão deveria perdurar por trinta e seis anos. O governo imperial de Petersburgo fez ligar Porto Arthur à linha de ferro transiberiana, em 1899. A invasão crescente do solo mandchú pela Rússia significava para o imperio mikadonal a perda, num futuro próximo, da Coréa e das reservas industriais da Mandchúria. O território coreano, em frente às ilhas nipônicas, oferece excelente base militar para operações contra o Japão, que se veria atacado em plena vizinhança do seu litoral. Em Julho de 1903, o governo de Tokio poz em atividade a diplo-



Mapa da Sibéria.

macia, para entrar em acordo com a Rússia, relativamente à Mandchúria e à Coréa. A diplomacia oriental propõe ao czar Nicolau II a sua orientação do problema russo-japonês no continente asiático. Na resposta dada em 3 de Outubro de 1903, Nicolau II nega-se a evacuar a Mandchúria e exige a neutralidade de uma parte da Coréa. Em Novembro, Tokio notificou que, em vista dos interesses comerciais, do desenvolvimento ulterior e da influencia política da Mandchúria, em razão da sua proximidade da Coréa, o Japão não poderia reconhecer o território mandchú fora da sua ação. A diplomacia de Petersburgo declarou que não aceitaria o acordo, em semelhantes condições. Para reafirmar a declaração, Nicolau II nomeou o almirante Alexeieff, como Vice-Rei, com poderes extraordinários em todo o território mandchú. Sabendo a França como aliada da Rússia e que a Inglaterra fizera uma aliança com o Japão em 1902, o Império Germanico procurou desencadear o guerra, afim de melhor satisfazer o seu militarismo. Sob o estímulo dissimulado dos alemães, o almirante Alexeieff estabeleceu a sua base militar em Porto Arthur, a base mais importante na Ásia Oriental. Em 6 de Janeiro de 1904, o Império Moscovita insistia em que o Japão renunciasse às suas ambições económicas e políticas, resolvido a impedir o avanço da colonização nipônica na Coréa, principalmente nas proximidades da fronteira mandchú. Enfim, no dia 3 de Fevereiro de 1904, o Mikado retirou o seu embaixador de São Petersburgo.

Ja deflagrar a guerra Russo-Nipônica. E no dia 8 de Fevereiro de 1904, protegidos por cinco cruzadores e dez torpedeiros, os japoneses desembarcavam as primeiras tropas no porto de Tchempulpo, sem que os vasos russos se atrevessem a



O palácio do imperador proclamado para a Mandchúria, em Hsinking (anteriormente conhecida por Changchun), em 1934.

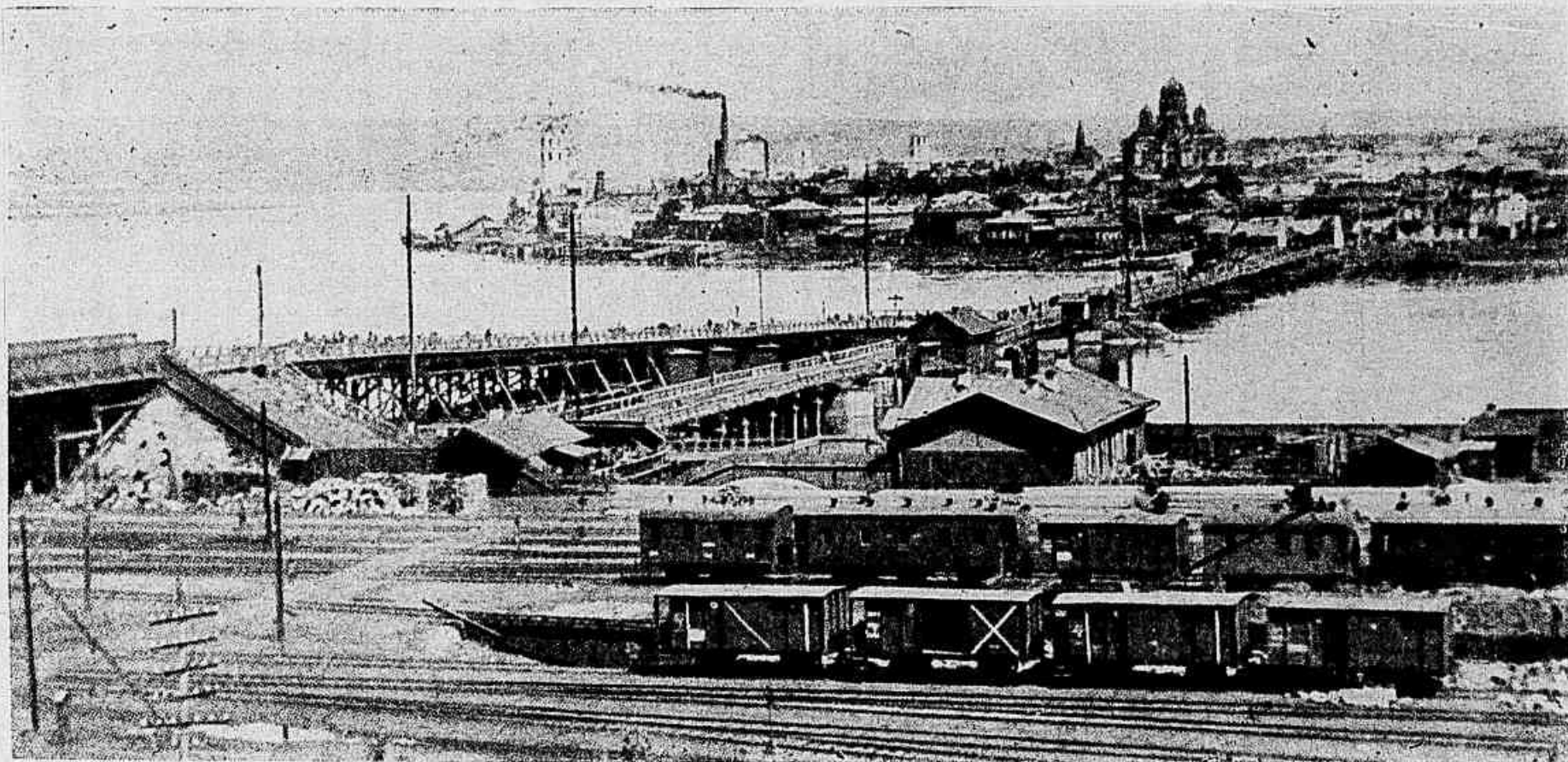
fazer fogo. Em seguida a esse ato de audácia, o almirante Togo rompe as hostilidades, atacando subitamente a esquadilha moscovita, fundeada em Porto Arhur, possessão asiática, que a Rússia usurpara do Japão, como um dos membros da Triplíce Aliança. A França proclama a sua neutralidade e a Inglaterra não se moveu contemplando o arrojo do seu aliado amarelo. A contenda entre os pequenos nipões, risíveis na sua estatura minúscula, e o colosso moscovita abriu um novo período histórico para a Ásia. Uma série de batalhas torna o Império do Sol Nascente victorioso. De 23 de Fevereiro a 10 de Março de 1905, os russos e os japoneses se desafiaram nas planícies mandchús, num combate que se prolongou durante três semanas. E veio a batalha naval de Tsushima, em 27 de Maio de 1905. O almirante Togo, discípulo dos ingleses, com quem cursou a bordo do "Worcester", revelou-se um prodígio de tática e de estratégia, em que o calculo e o arrojo, a previsão e a serenidade se ajustaram com toda perfeição. Depois de uma hora de fogo, dos quarenta vasos de guerra russos, dois conseguiram alcançar Wladivostok, seis se refugiaram em portos neutros, seis caíram capturados e vinte e seis submergiram. O Tratado de Portsmouth, assinado em 5 de Setembro de 1905, estabeleceu o reconhecimento, pela Rússia, da soberania do Japão sobre o território da Coréa, a renúncia sobre os direitos na península de Liaotung, Porto Arthur, Tagen-Wans e a parte meridional de Sakhalina. Aceitou os interesses económicos e políticos do Japão na Mandchúria, mas ficando especificada a retirada das tropas russas e japonesas da região mandchú. Os direitos de arrendamento sobre terras e portos passaram para o Mikado. Grande parte das vias ferreas russas ficou sob o protetorado nipônico. A Rússia cedeu também a parte sul da Sakhalina, com as ilhas dependentes. Fez concessões de direitos de pesca nas águas russas da Sibéria. O Tratado de Portsmouth, assinado pela intervenção dos Estados Unidos, sob a presidência de Theodore Roosevelt, causou desapontamento aos militares japoneses. Mas, como previram os políticos de Tokio, as poucas concessões obtidas facilitaram o completo domínio japonês na Mandchúria, a primazia económica no Oriente. Em 22 de Dezembro de 1905, como consequência da vitória, a China assina um tratado em Pekim, dando aos japoneses o direito de explorar as estradas de ferro e manter quinze guardas por quilómetro de linha. Em plena República Chinesa, os chanceleres de ambos os países conciliam novos acordos, alterando o texto dos pactos anteriores. Em 25 de Maio de 1915, a China prorroga até o ano de 1997 a concessão do território de Kuang-Tung e o praso da estrada de ferro do sul da Mandchúria. E dilata até



Um momento histórico do extremo Oriente: a reunião do conselho privado da Mandchúria, sob a presidência de Cheng Hsiao-Hsin, no qual foi decidido o estabelecimento da monarquia.

Russia na Primavera?

o ano de 2007 o prazo da exploração da linha que vai de Mukden a Antung. Algumas notas acrescentadas ao tratado de 1915 garantiram aos japoneses a participação no conselho administrativo de certas empresas chinesas, no território da Mandchúria. Nessa região asiática, os fatores economicos se baralham com a atividade internacional, resultando daí concessões de minas, direitos de navegação, instituições militares, financeiras, laboratorios e metalurgia. A Mandchúria, medindo novecentos e noventa e três mil quilômetros quadrados, rivalizando em extensão com a França e mais a Alemanha, resumia-se num país deserto e sem cultura, povoado por oito milhões de rusticos. Os japoneses transformaram o territorio inculto numa das regiões mais florescentes da Asia, descobrindo-lhe as riquezas. No seu perime-



Irkutsk — a mais importante cidade da Sibéria — e sua ponte sobre o Angara.



Mapa do norte da China, da Coréia, parte da Mandchúria e parte do Japão.

tro há de tudo: minas de ferro e de carvão, florestas, prados, rebanhos, fornos siderurgicos, empresas de produtos quimicos, usinas electricas, cidades urbanizadas, portos comerciais e veios de oleo mineral. Exporta para o Japão ferro, petroleo, carvão, aço, viveres, e a sua região vale como um dos maiores mercados consumidores. Eis o dilema da Russia: decidir entre a Asia e a Europa, expulsar os japoneses da Mandchúria e da Coréia, para dominar o Mar Amarelo e o Mar da China, ou esmagar os alemães no Mar Baltico e no Mar Negro, fechados agora pela expansão nazificante. Antes de começar a corrida germanica até Moscou, o exercito siberiano dispunha de vinte e três mil "tanks", com reserva de homens e munições para lutar durante um ano inteiro, sem auxilio da Russia Europeia. Os tecnicos militares de Hitler induzem o exercito japonês a invadir a Russia na Primavera, dizendo-lhe que varias divisões siberianas deixaram a fronteira da Mandchúria, para fazer a campanha de inverno na Europa. A Primavera dirá si o Japão atacará a Russia, para satisfazer a Alemanha, ou se preferirá ocupar a India e a Australia. Eis o dilema japonês.



O rápido desenvolvimento da nova capital da Mandchúria: vista parcial á distancia, de Hsinking.

De bom humor...

Sebastião Caraminhola vivia na roça, metido nas coivaras, nas plantações de mandioca e de milho, mas arrotava sabedoria. Lia por cima meia dúzia de jornalecos, um ou outro livro que lhe caia nas mãos, e como não era muito burro sempre assimilava alguma cousa e retinha alguns nomes célebres.

De uma feita, após haver discutido em vão com um visinho sobre a personalidade da Águia de Austerlitz, ficou indignado, fez uma aposta e, montando num jegue manhoso, tocou-se para o povoado, á busca de melhores informes, para liquidar a questão.

O povoado era a academia literária e científica do lugar. Uma pracinha, uma capela, dois arruados e, a uma esquina, a "bodega" — o tem-tudo da zona, com jabá e cigarros, caninha e chapéus de carnaúba, feijão e tamancos...

A bodega era o rendez-vous das individualidades mais destacadas do local, como o compadre Chico Bertalha, o Ruy Barbosa daquele recanto que participava

de povoado e de aldeia e não era uma coisa nem outra.

Quando Sebastião Caraminhola chegou á bodega, teve logo um alegrão: lá estava o compadre, pontificando entre quatro ou cinco matutos que o ouviam bestificados, arrazados pela sabedoria daquele que era rei na terra de cegos, por ter um olho...

Caraminhola amarrou o jegue na estaca, entrou na humilde casa de negócio, cumprimentou os circunstantes, "molhou a palavra", deu a cusparada do estilo e, sem perda de tempo, abordou o Chico Bertalha:

— Compadre! Eu vim aqui tirar uma teima... Não vê que o visinho, aquele tampinha do Raimundo Sacristão, é um jumento batisado... Eu nunca vi uma cavalgadura maior! Eta, cabeça dura! Aquele peste não compreende nada e, ainda por cima, vive teimando com os outros!

— Mas que é que houve, compadre Bastião?

— E' uma besta, compadre! A gente discutiu, discutiu e, no fim de contas, cada um ficou com a sua opinião. Mas quem tem razão sou eu!

— Qual foi a discussão?

— A gente estava falando de cousas sérias. Era sobre Napoleão e Bonaparte...

— Ah! muito bem, compadre! Assuntos históricos! Bravos! São muito oportunos...

— E eu quero que o compadre Bertalha, que é o mais sabido daqui, me diga: qual foi maior, Napoleão ou Bonaparte?

O compadre Bertalha puxou um pigarro, deu uma bruta cusparada, deu uma lambada com a tala nas botas empoeiradas e começou:

— Napoleão... Bonaparte... Foram dois grandes homens... Não há dúvida, compadre: dois batutas!

— Mas qual deles foi maior?

— Maior?... Maior...? Seu compadre, aí é que a porca torce o rabo!... Francamente, francamente... Eu acho — é a minha fraca opinião — que os dois eram equivalentes...

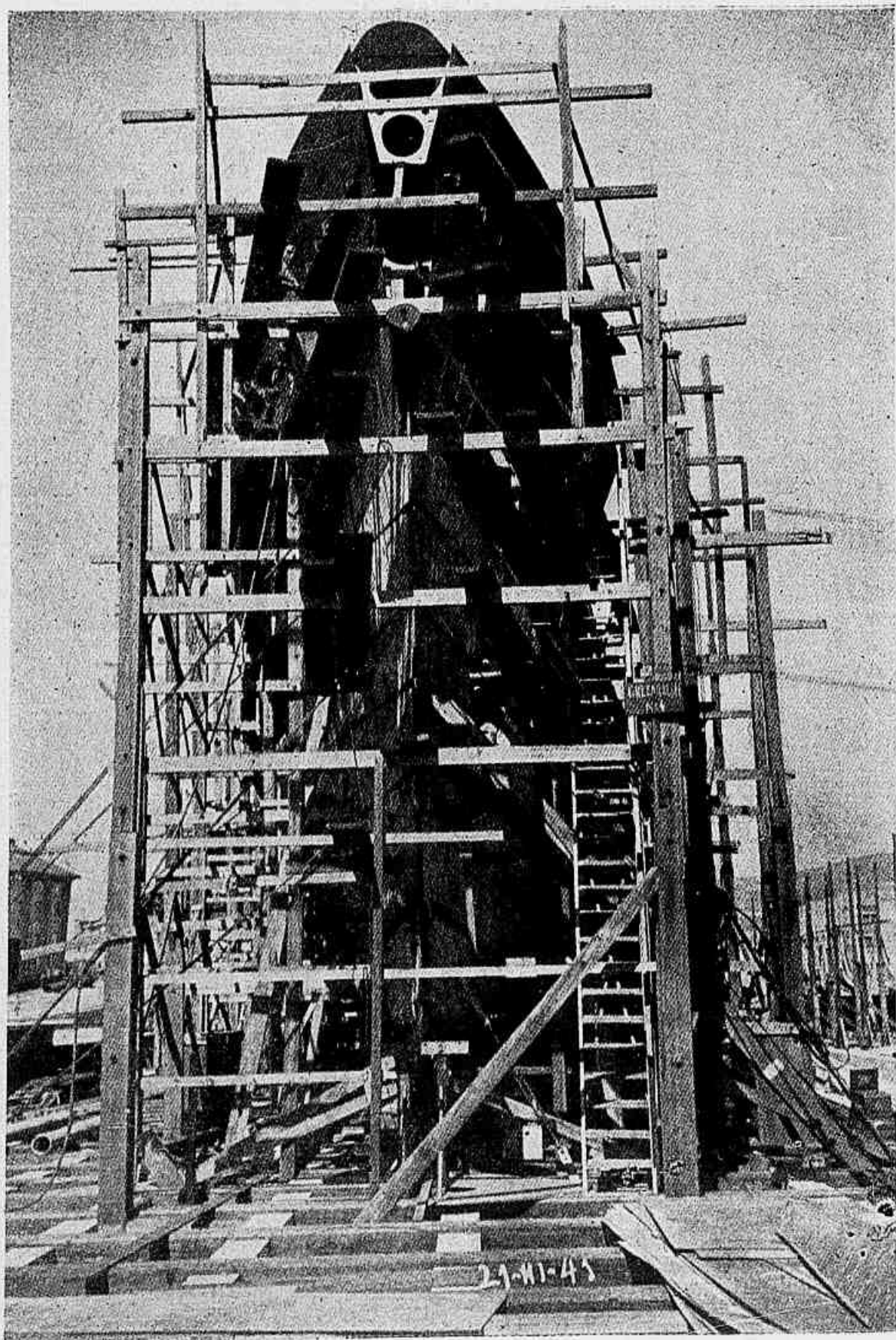
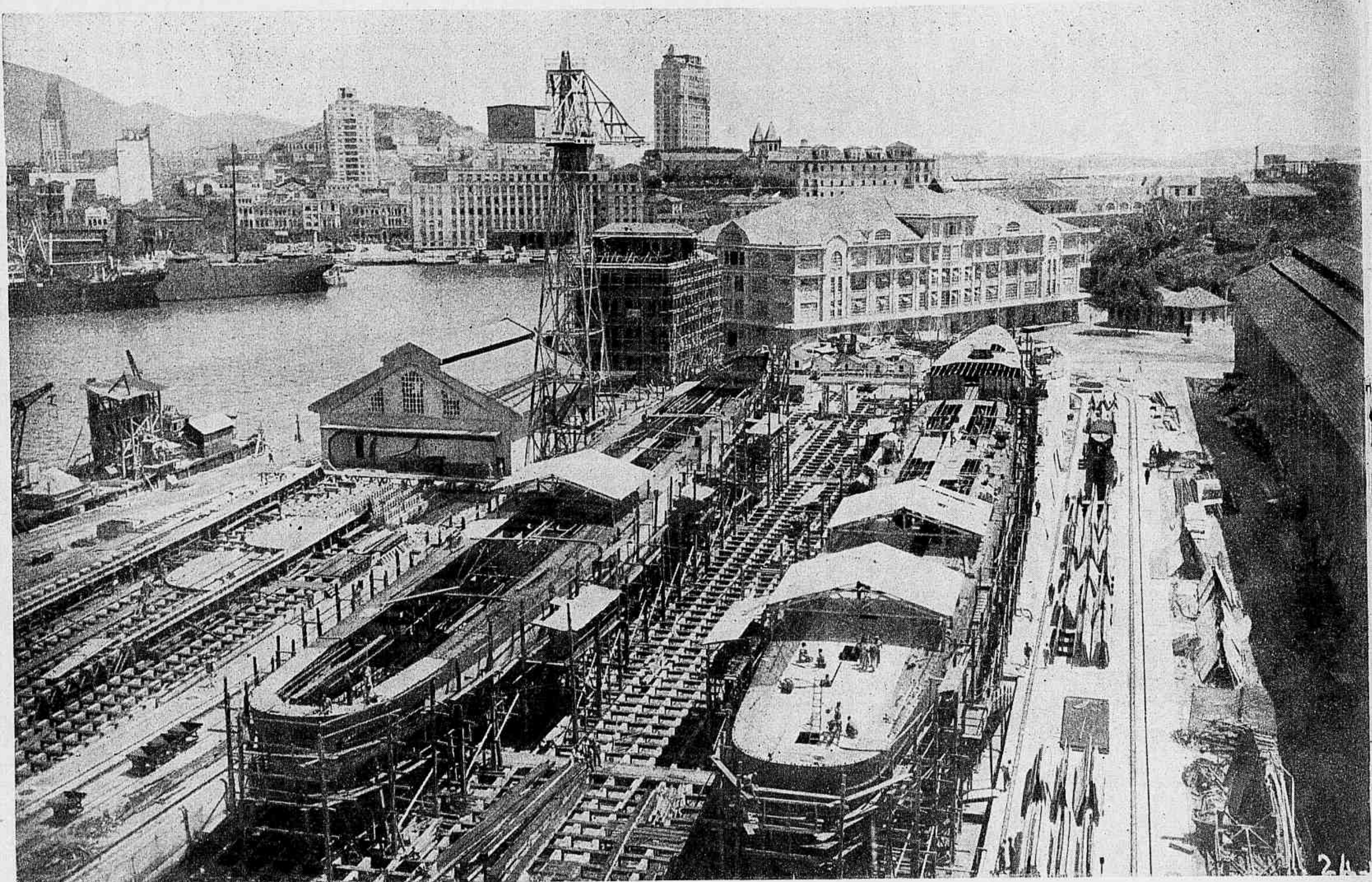
— Eram o que?

— Os dois eram equivalentes...

Caraminhola saltou para cima do jegue, fez um cumprimento geral e, ao meter-se na estrada, atirou esta para cima do Bertalha:

— Ora, seu compadre! Você é outra besta como o Raimundo Sacristão... Equivalentes!... Napoleão foi muito mais equivalente!

Candongas



Preparando MARINHA

Longos anos abandonada, a construção de navios de guerra em estaleiros nacionais adquiriu de poucos anos para cá um vulto notável. Varias são as unidades saídas das carreiras do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, e já incorporadas à nossa esquadra, e varias são as que se encontram em via de conclusão.

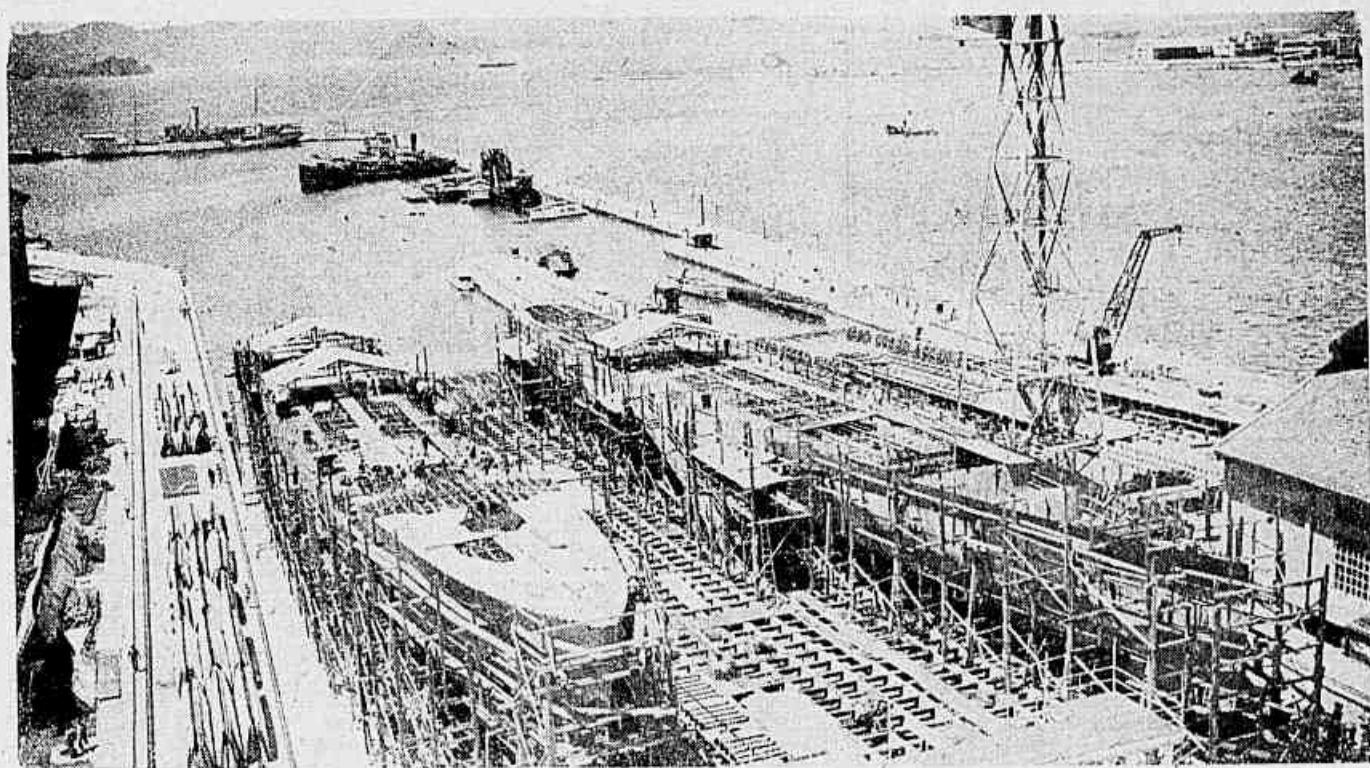
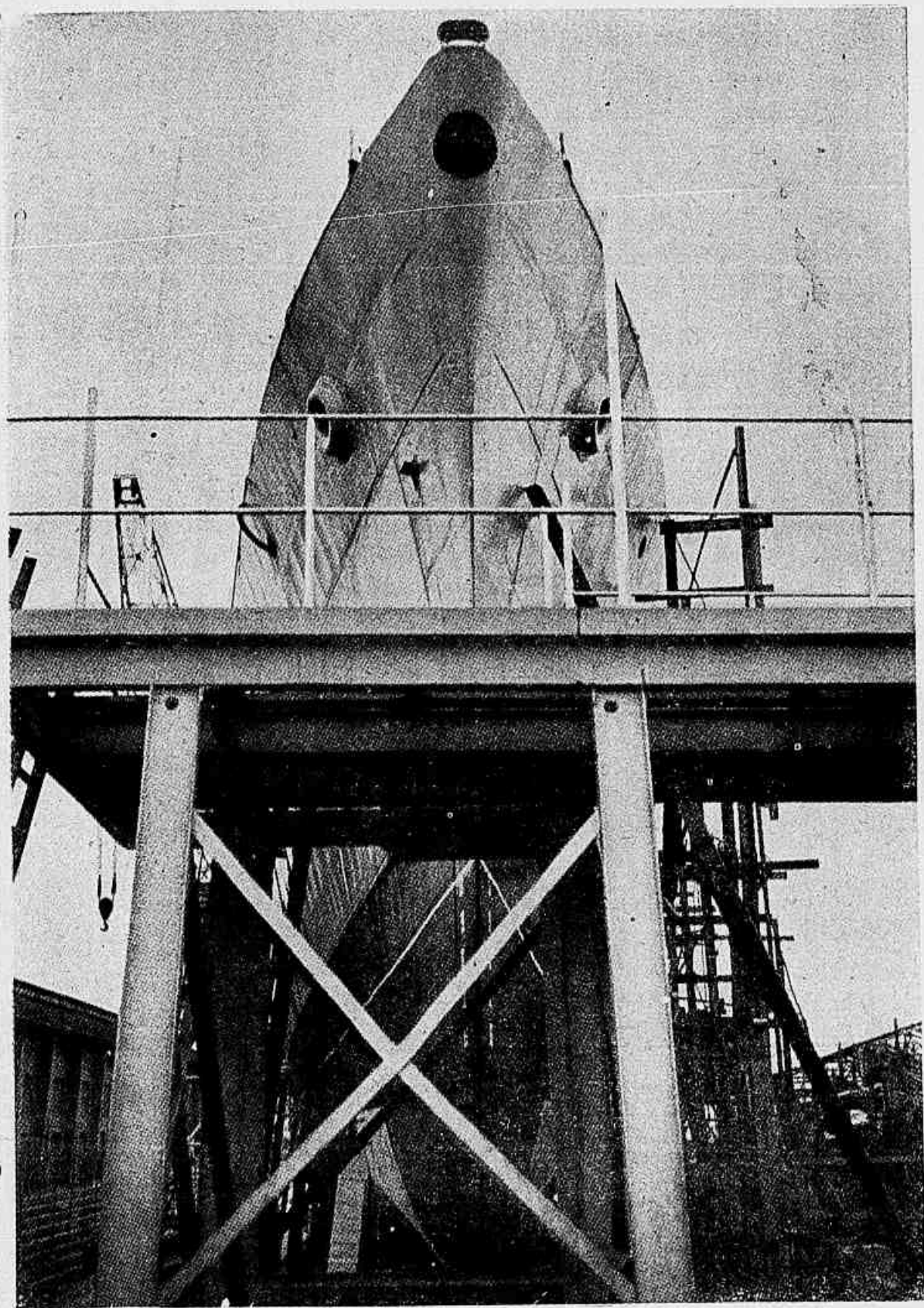
Ao que se sabe, o primeiro navio de guerra construído no Brasil foi lançado à água em 9 de Outubro de 1771. Foi o brigue "Bellona", saído de incipientes estaleiros de Porto Alegre, que ainda então se denominava Porto dos Casais. Diz o Barão do Rio Branco que a esse brigue se reuniram "outros navios de guerra, formando a esquadilha que auxiliou o exército até a expulsão, em 1776, dos espanhóis que ocupavam a vila e o canal do Rio Grande do Sul".

Está assim inscrita no século XVIII a primeira construção naval na América do Sul.

O verdadeiro surto de construção nacional data, porém, da segunda metade do século XIX, ao tempo do reinado de D. Pedro II. Foi no período da guerra com o Paraguai. Em 1868, aludindo ao Arsenal do Rio de Janeiro, o então ministro da Marinha, Afonso Celso, depois visconde de Ouro Preto, afirmava: "Em menos de três anos, dos seus estaleiros caíram ao mar uma corveta de madeira, três encouraçados, seis monitores e duas bombardeiras, além da reconstrução quase completa de uma fragata e duas canhoneiras".

Guarda-se dessa fase a data de 23 de Junho de 1865, dia em que foi lançado dos estaleiros do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro o "Taman-

Março de 1942



o a nossa de GUERRA

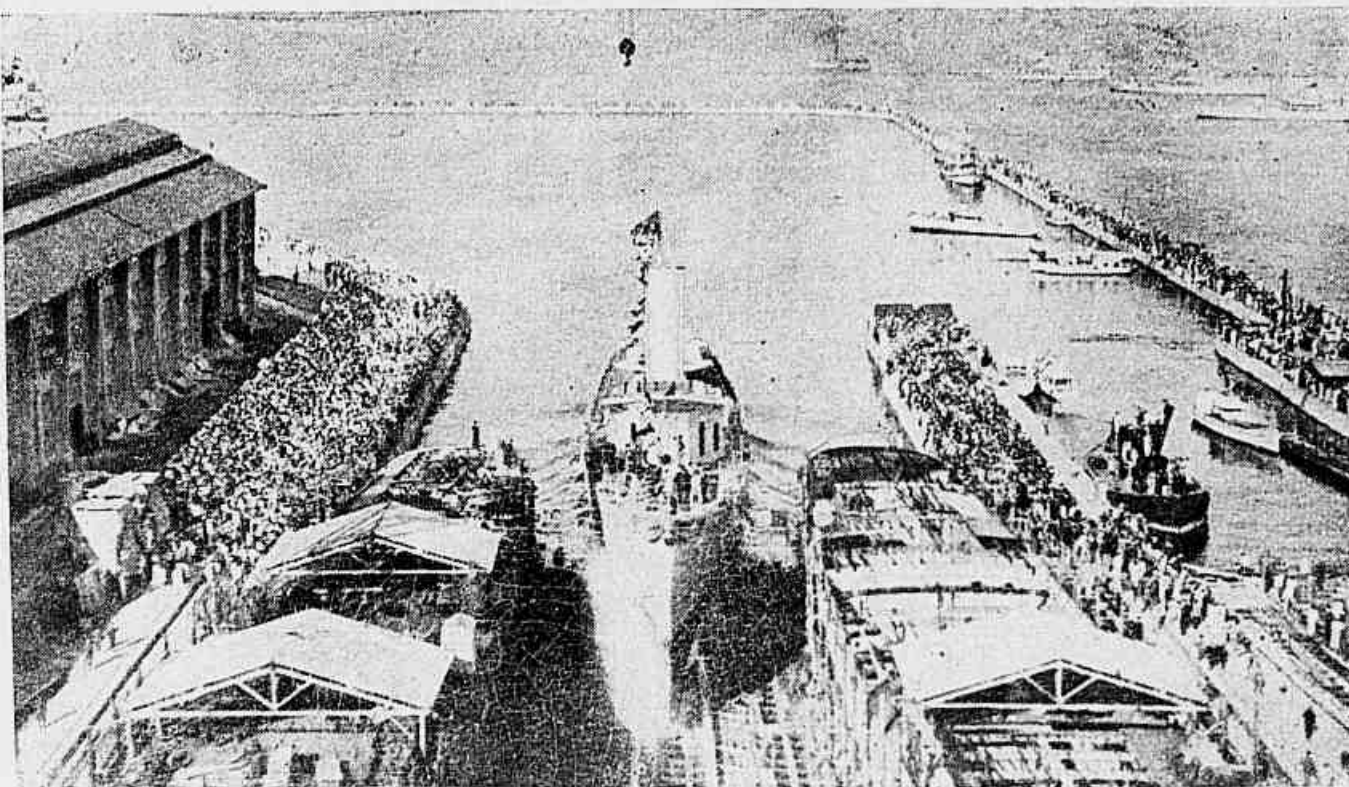
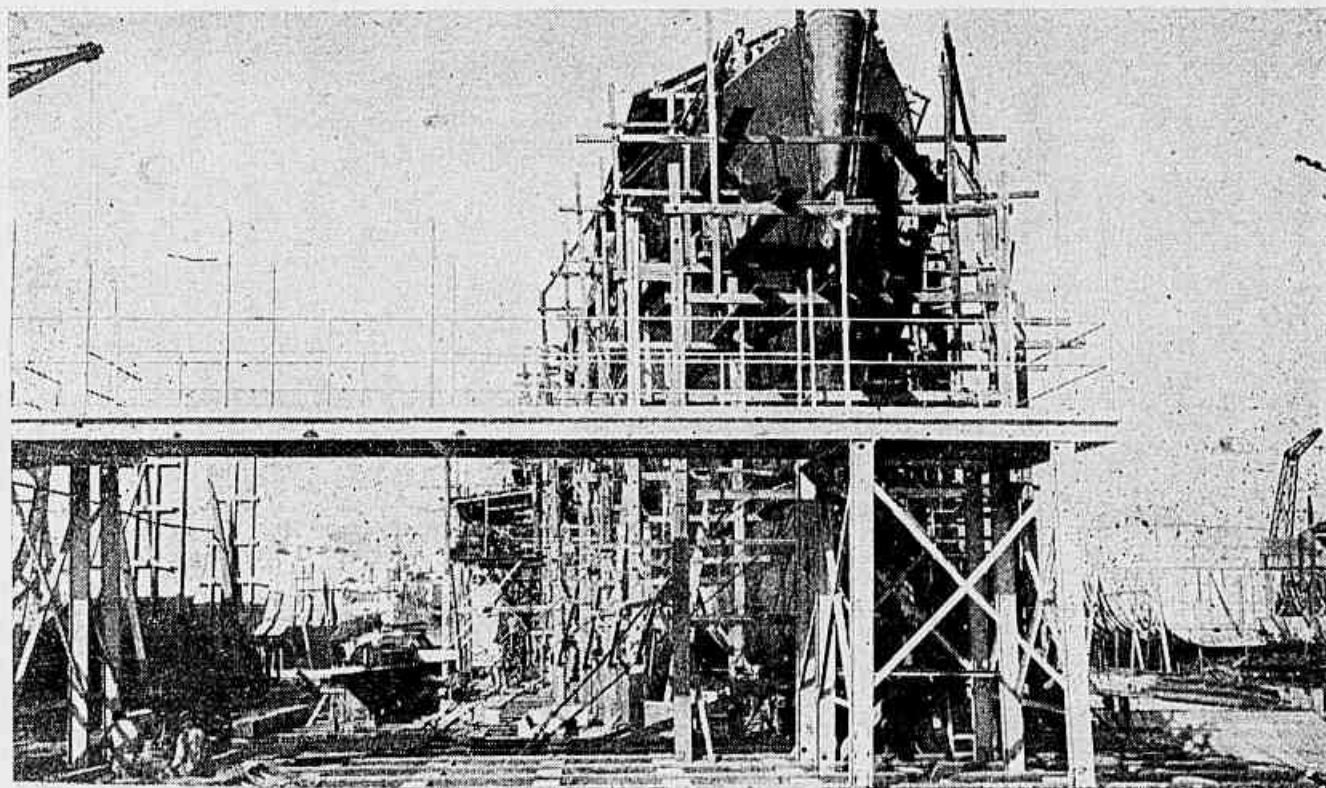
daré", primeiro dos encouraçados que ali se construíam e que foi o primeiro navio desse gênero que na América do Sul se lançou ao mar.

Até o instante auspicioso da renovação da nossa esquadra em estaleiros nacionais, a República só podia inscrever nas efemérides da construção naval o lançamento do cruzador "Almirante Tamandaré", verificado em 20 de Março de 1890. Essa unidade, aliás, fôra iniciada ainda no tempo do Império, sob planos do capitão-tenente João Candido Brasil, que faleceu com o posto de almirante, e depois de lançada ao mar requereu um trabalho que parecia querer eternizar-se.

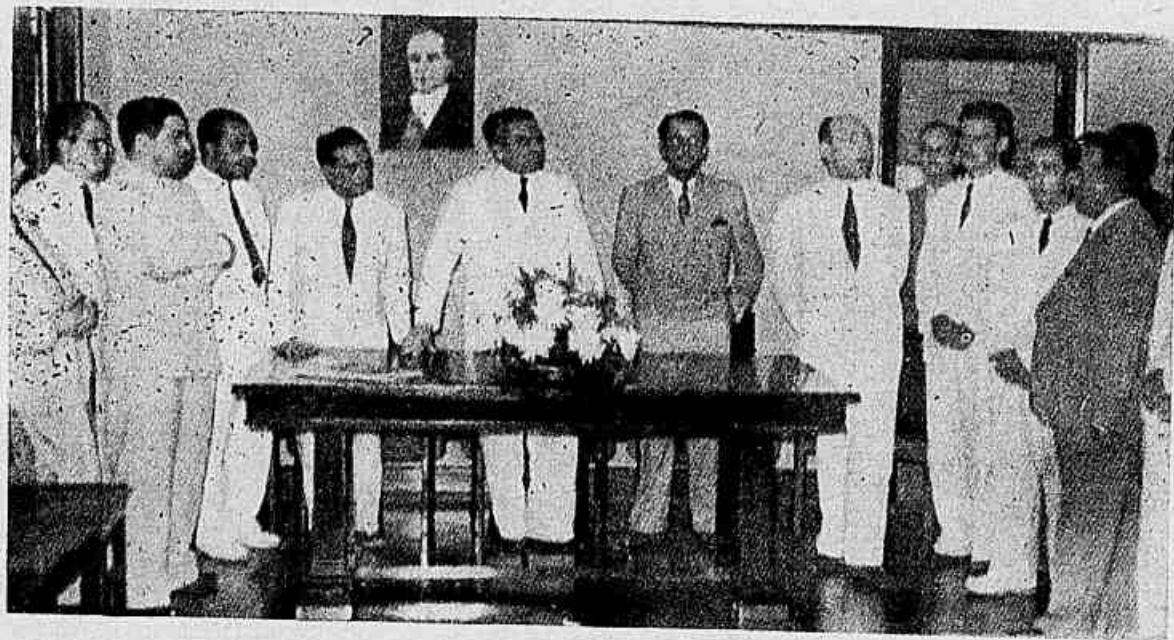
Quase meio século esteve inteiramente abandonada a construção naval nacional, até o renascimento que, há um lustro, vem atestando sem solução de continuidade as possibilidades e a eficiência do nosso esforço e do nosso trabalho.

As gravuras desta página constituem um eloquente depoimento sobre a formidável atividade que reina nos estaleiros do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Quase todas elas se referem a aspectos da construção dos contra-torpedeiros "Marcilio Dias", "Maris e Barros" e "Greenhalgh", que serão poderosas unidades, quiçá as mais poderosas até hoje saídas de estaleiros nacionais. Navios de propulsão asseguradora de grande velocidade horária e com extenso raio de ação, terão armamento condigno, constituído de canhões modernos, metralhadoras anti-aéreas e numerosos tubos lança-torpedos.

Dois dos aspectos fotográficos, que se diferenciam bastante dos demais, fixam o momento em que o *destroyer* "Marcilio Dias" descia a carreira e mostram o Presidente Getúlio Vargas batendo a quilha do "Amazonas".



FIGURAS E FATOS



SINDICATO DOS CORRETORES DE IMOVEIS DO RIO DE JANEIRO — O Sindicato de Corretores de Imóveis do Rio de Janeiro inaugurou a 23 de Fevereiro p. p. a sua magnífica e luxuosa sede que ocupa todo o 16.º andar do Edifício Assicurazioni. Fizeram-se representar o ministro do Trabalho e o prefeito do Distrito Federal respectivamente pelos drs. Antonio de Almeida Manhães e J. Correia Pinto. Compareceram também o dr. Luis Augusto do Rego Monteiro, diretor do Departamento Nacional do Trabalho e o dr. Milton Trindade, oficial de gabinete do ministro Marcondes Filho. Nessa data tomou posse também a nova diretoria. A fotografia acima focaliza o dr. Rego Monteiro ao pronunciar a magnífica allocução na qual, em nome do ministro do Trabalho, se congratulava com a nova diretoria pelo espirito patriótico e realizador que revelava desde o inicio da sua gestão.



OS QUE PARTEM — "Aspecto" tomado á partida do tenente-coronel Antonio Carlos Bittencourt, com destino a Corumbá onde vai assumir o comando do 17.º B. C. Na foto vê-se assinalado o coronel Bittencourt, ladeado pelos coroneis Affonso de Carvalho, comandante da Fortaleza de S. João, e Lima Figueiredo, comandante da Escola de Educação Física do Exército.

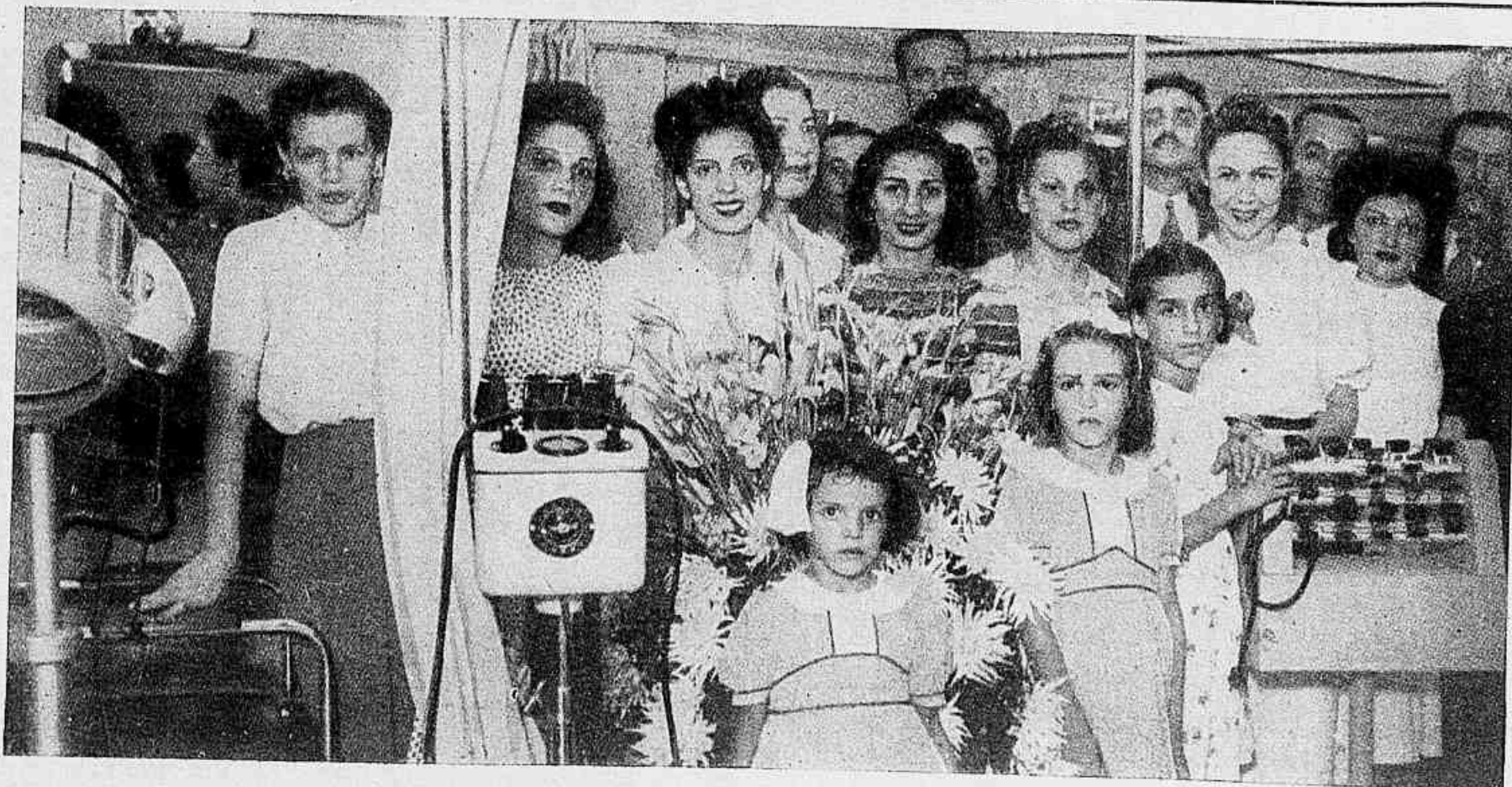


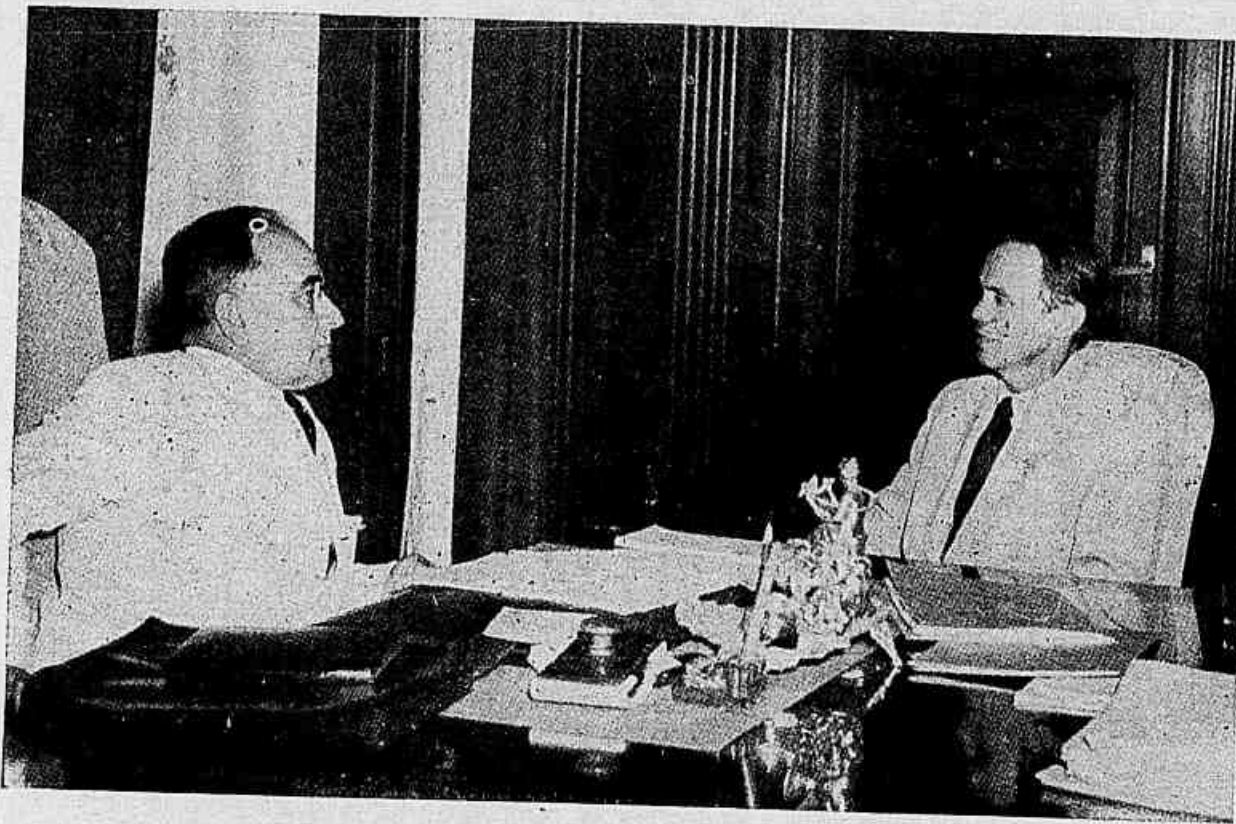
O NOVO COMANDO DA FORTALEZA DE S. JOÃO — Aspectos tomados quando o tenente-coronel Affonso de Carvalho assumiu o comando da praça de Guerra. Na primeira foto vê-se o general Rego Barros, diretor de Artilharia de Costa, que tem á direita o tenente-coronel Pratti de Aguiar, antigo comandante da Fortaleza, e á esquerda o novo comandante. A segunda foto mostra um desfile da guarnição da Fortaleza.

Instituto de Beleza São Luiz

Madame Serafina do Carmo Santos, conhecida e apreciada mestra de beleza, acaba de fundar o Instituto São Luiz, á rua Carvalho Monteiro n.º 14, um novo laboratorio de elegancia e formosura para o nosso mundo feminino. Com a maior e a mais moderna aparelhagem e servido pelos mais experimentados técnicos de beleza, o Instituto São Luiz corresponde ás exigencias e ao requintado gosto da mulher carioca e constitue uma novidade agradabilissima para a nossa sociedade. Tudo o que os grandes centros de elegancia e mundanismo ditarem para os caprichos e os encantos da moda, as nossas distintas damas e senhoritas encontrarão no novo salão de beleza tão auspiciosamente inaugurado.

Esta foto mostra um flagrante da inauguração do Instituto de Beleza São Luiz.





O NOVO MINISTRO DA AGRICULTURA — A' esquerda: o sr. Apolonio Salles, novo Ministro da Agricultura, em visita ao Presidente Getúlio Vargas no palácio Rio Negro, em Petrópolis. A' direita: flagrante colhido no Ministério da Justiça quando o sr. Apolonio Salles assinava o termo de posse do cargo de Ministro da Agricultura. O sr. Apolonio Salles, nascido em Pernambuco em 24 de Agosto de 1904, formou-se pela Escola de Agronomia e Veterinária de S. Bento, da qual foi depois professor. Em 1935, visitou, em viagem de estudos, as zonas açucareiras dos Estados Unidos e Hawái. Em Pernambuco foi o arauto da renovação dos processos de cultura de cana, hoje orientado pelos seus métodos. Secretário da Agricultura do E. de Pernambuco desde o início do governo Agamenon de Magalhães, fez parte da representação brasileira à Conferência Internacional do Algodão nos Estados Unidos. O novo Ministro tem numerosos trabalhos sobre agronomia, economia agrícola, técnica agrícola, etc. Foi o realizador da usina do leite em Pernambuco.



ESCOLA TECNICA DO EXERCITO — A mesa que presidiu á cerimonia da inauguração da nova sede, na qual se vêem os srs. Ministros da Guerra, Marinha, Aeronáutica e Educação.



AS AUDIÊNCIAS NO RIO NEGRO O sr. Rui Carneiro, interventor na Paraíba, recebido em audiência no Rio Negro pelo Presidente Getúlio Vargas, ao despedir-se por ter de regressar ao seu Estado.



LEO ROWE NO RIO — O dr. Léo Rowe, diretor geral da União Pan-Americana, em visita ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cumprimentando o dr. Max Fleiuss, secretário perpétuo do venerando grêmio.



"OSWALDO CRUZ" No aeroporto Santos-Dumont, por ocasião do batismo do avião "Oswaldo Cruz", doado pelo sr. Guilherme Guinle, presidente da Siderurgica Nacional.

O ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1942 contém, a par de notas interessantíssimas sobre todos os assuntos de ciência, artes, história e lendas, artigos especiais que são particularmente curiosos para a Marinha, Clero, médicos, músicos, zoólogos, botânicos, aviadores, mecânicos, ocultistas, espíritas etc. Adquirá desde já seu exemplar em qualquer livraria ou banca de jornais. Preço: 5\$000 no Rio, e 6\$000 nos Estados, isto é o mesmo de antes da guerra. Pedidos para a redação: **MARANGUAPE, 15, RIO**, pelo sistema de reembolso postal ou mediante o envio de vale do correio.

Ecos da viagem do dr. João Carlos Vital, dd. presidente do Instituto de Resseguros, a Belo Horizonte, em visita às instalações da sede da "COMPANHIA DE SEGUROS MINAS-BRASIL"

A fotografia ao lado ilustra a chegada de s. ex. o dr. João Carlos Vital e comitiva ao aeroporto da Pampulha, em Belo Horizonte. Dentre os presentes destacavam-se os sr. representante do Governador de Minas Gerais, os diretores da Cia. de Seguros Minas-Brasil e grande número de amigos que ali acorreram para cumprimentá-lo.

Durante a estada de s. ex. na capital mineira, o dr. João Carlos Vital foi alvo de expressivas homenagens, tendo tido oportunidade de salientar, no banquete que lhe foi oferecido, o grande progresso que notara no desenvolvimento da "Minas-Brasil", em cuja direção se encontram nomes de maior relevo nos meios financeiros do Estado montanhês.



A missão Souza Costa

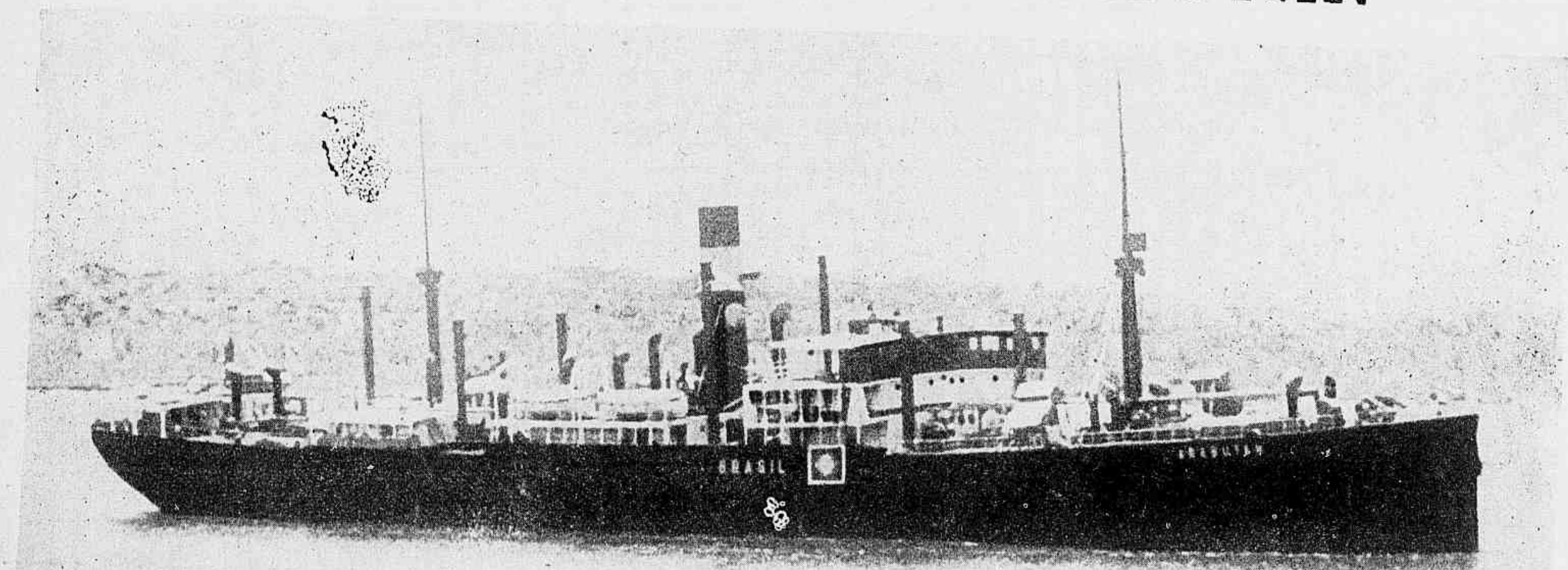
A viagem do ministro Souza Costa aos Estados Unidos tem, como se percebe, significação especial. A sua missão visou estudar a melhor maneira de colaborar com os Estados Unidos, pondo à disposição do formidável parque industrial americano, para defesa continental, os nossos enormes recursos e a nossa capacidade de realização, já demonstrada em outras emergências.

A III Reunião de Consulta dos Chanceleres colocou os problemas econômicos em termos continentais. É fundamental contribuir para que não falem matérias primas, materiais de transporte, máquinas indispensáveis ao incremento das atividades indus-

triais e agrícolas, mas devemos ter em mira que o esforço que vamos empreender pela causa comum deve ser incentivado pela garantia de um mínimo de repercussão desfavorável no âmbito econômico e social e sem que seja seguido de depressão e perda de mercados que acarretem a superprodução e a desorganização econômica.

Nenhum momento é mais propício do que o presente para que a solidariedade continental e, sobretudo, o imperativo decorrente da comunidade de interesses dos países americanos apaguem divergências e planejem pela divisão geográfica do trabalho continental os meios econômicos de produção e o ajustamento complementar das economias dos países deste hemisfério. Das negociações agora realizadas nos Estados Unidos, resultará, por certo, uma aceleração da produção em todos os setores da atividade econômica nacional, quer no campo da agricultura quer no setor industrial.

O torpedeamento do "ARABUTAN"



O "Arabutan" — antigo "Caprera", italiano — do Lloyd Nacional, torpedeado no dia 7 a 70 milhas aproximadas de Newport News. Pereceu o enfermeiro Manoel Florencio Coimbra, conseguindo salvar-se o restante da tripulação, com dois feridos. Com o "Buarque" e o "Olinda", o "Arabutan", cargueiro de 7.900 toneladas, foi o terceiro navio brasileiro vítima dos atentados dos submarinos do Eixo. A' hora a que escrevemos, só podemos dizer que teve por sucessor o "Cayrú", 4.º da série.

JORNAL DAS FAMÍLIAS



Este elegante pijama de seda azul claro é uma original criação de Connie Foster.

Parece que não haverá mudança ou pelo menos não será tão cedo que a cintura vá descer, porque os últimos figurinos não trazem mais os **drapés** que estavam preparando a vista para essa grande mudança. Mas os ombros não serão mais quadrados, acolchoados; estão voltando lentamente á linha natural, levemente descida. E ha a acrescentar ainda a impressão de flexibilidade e graciosidade da blusa; que tem muitas vezes o corte kimono, levemente **drapé**, com mangas bastante amplas.

Quanto ás saias, são extremamente variadas. As da manhã conservam-se ainda

CRONICA DA MODA

bastante curtas, mas as das **toilettes** da tarde são francamente mais compridas; umas são cortadas em viéz, as outras movimentadas com pregas; outras, no entanto, são estreitas, rétas. Os cortes simétricos, as palas, os **corselets** são interpretados de maneiras muito interessantes. As saias dos vestidos elegantes destinados ás

reuniões mundanas vão até ao chão; uma ou outra não toca bem ao chão, deixando vêr o pé.

Entre as côres mais usadas notam-se os vermelhos, os verdes, os azues. Naturalmente os tons classicos **beige**, cinza e azul marinho estão sempre na moda.

Os véus, como guarnição dos chapéus,

estão muito em moda; guarnecem, sobretudo, os chapéus pequenos, toques e turbantes. Damos em outra pagina alguns exemplos desses originaes chapéus, cujas combinações de coloridos são muito interessantes. Por exemplo, uma toque verde escuro, com uma grande flôr verde alface e grande véu verde claro arroxeadado. Um outro é todo formado de **ruches** de véu branco; enquanto um chapéu de **organdi** branco, guarnecido com o mesmo tecido, tem um véu azul. Um turbante é executado com gaze **chiffon** azul turqueza.

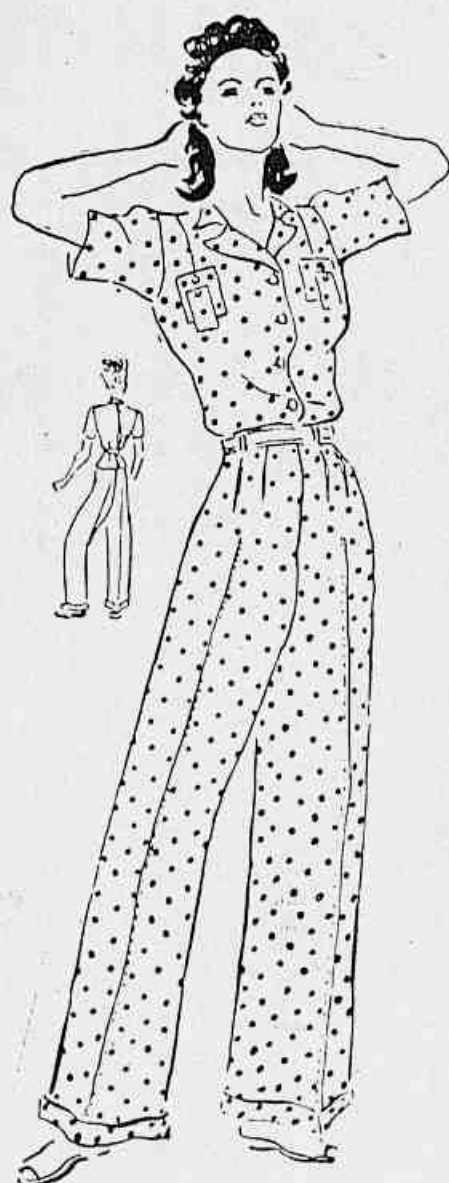
Marinette.

Toilettes para afinar a silhueta



1 — Vestido de crepe marocain cinza claro, a frente simula um bolero. 2 — Vestido de shantung verde resedá, gola e punhos do mesmo tecido verde escuro, com pintas verde claro. Cinto de camurça verde escuro. Póde ser executado em linho. 3 — Vestido de crepe azul marinho ou preto, com pala e tiras aplicadas. 4 — Vestido de crepe ou voile de fantasia, fundo escuro com desenhos brancos. Botões, gola e punhos brancos.

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



Pijama de linho branco com pintas azues. As calças são longas, com vincos pespontados.



Vestido de crepe vermelho com desenhos brancos; pala e mangas de cambraia ou organdi branco.

AS ROUPAS DE BAIXO

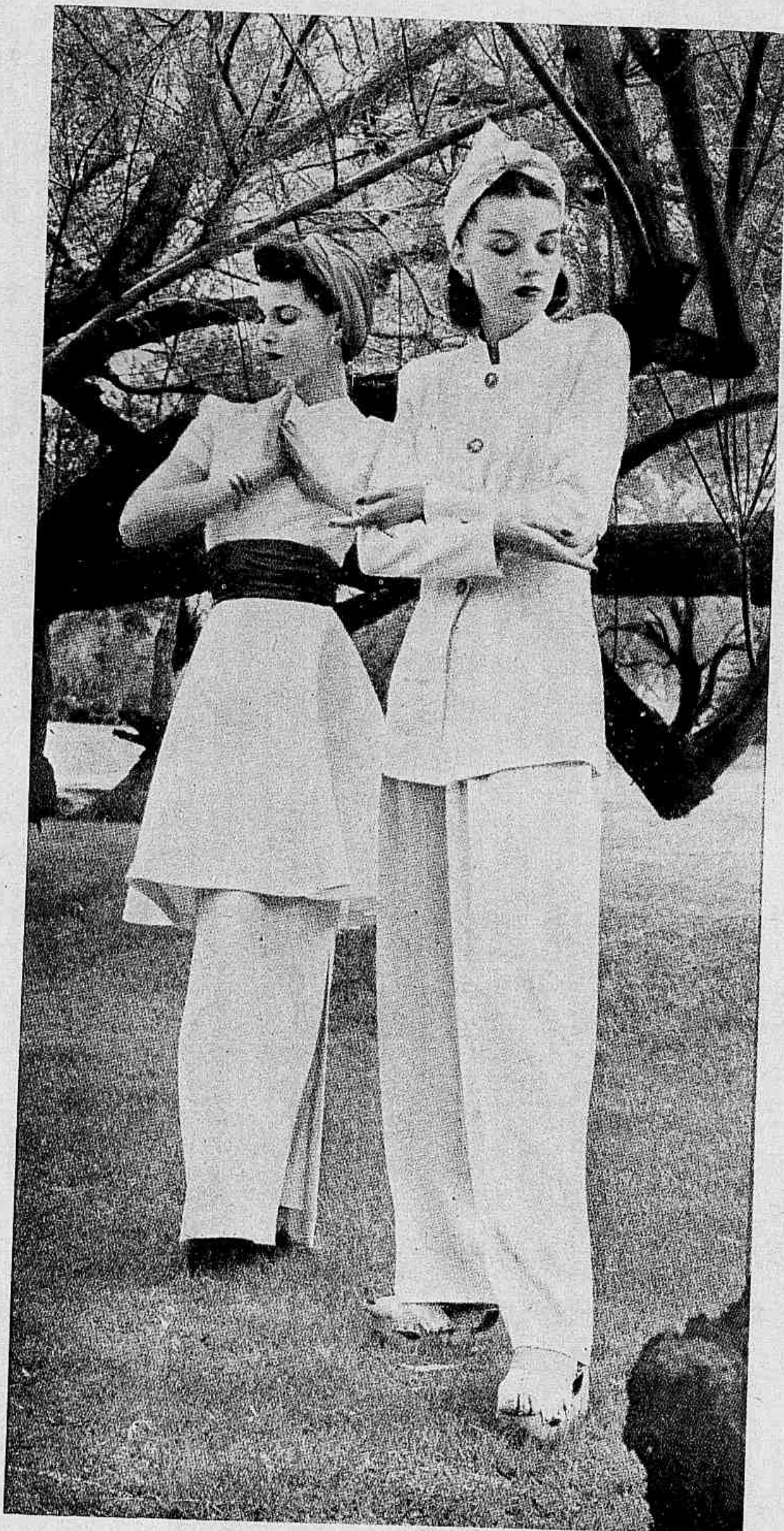


1 — Combinação e calça de crepe da China. 2 — Pijama de shantung ou linho branco com pintas vermelhas. 3 — Combinação e calça de crepe-setim. 4 — Calça-camisa de setim de fantasia, guarnecida com renda. 5 — Três calças, de jersey, crepe e opala.

Sobre um vestido para noite, de setim branco, um casaco de jersey de seda vermelha, transforma-o em toilette para jantar.

Michel
O BATON
DAS MULHERES BONITAS

Vestuarios de estilo chinês



- 1 — Saia estreita e aberta do lado e túnica de fustão de seda branca, com faixa e turbante de jersey de seda vermelha.
- 2 — Pijama de twill de seda branca, os botões de esmalte vermelho e branco. Turbante do mesmo tecido.



Chapéu formado de ruches de véu branco.



Chapéu de organdi branco, guarnecido com o mesmo tecido; véu azul claro.



Turbante de gaze chiffon azul turquesa.



Toque verde escuro, com uma grande flôr verde alface e longo véu verde claro.



SUA BÔCA ESTÁ LIMPA:
NÃO É APENAS IMPRESSÃO,
É UMA *Realidade!*

Basta começar a escovar os dentes com o Creme Dental Squibb para sentir logo uma esplêndida sensação que invade todo o meio bucal! O sabor é delicioso — a sua frescura agradabilíssima! A sensação de limpeza dos dentes não é imaginária — é uma realidade. E é um asseio sem prejuízo algum para os dentes, porque o Creme Dental Squibb não contém substâncias raspan-

tes ou adstringentes, nem sabão. Há, neste dentífrico, um eficaz anti-ácido que, ao entrar em contacto com as bactérias na bôca, ajuda a neutralizar a acidez por elas provocada. Passe a usar o Creme Dental Squibb e sinta a diferença! Ajude o seu dentista a proteger os seus dentes (e a saúde) com este valioso complemento dos cuidados profissionais.

Creme Dental SQUIBB

...O DENTIFRÍCIO ANTI-ÁCIDO

ESCÔVA *ANGLE* SQUIBB

Cientificamente construída e recurvada da maneira mais adequada para atingir, por igual, os interstícios e as superfícies de todos os dentes.



Os véus como guarnição dos chapéus estão muito em moda

VESTIDOS PARA A NOITE

Ao lado em cima: — Vestido de tafetá bege, guarnecido com um bordado de lençoulas de dois tons de dourado.



Ao lado em baixo: — Está muito em moda a combinação de saia e blusa para os vestidos elegantes da tarde e noite. Esta tem a saia de setim preto e a blusa de setim branco com listas pretas, verde vivo, azul e vermelho.



Calça curta e casaco de linho branco com listas verdes. Blusa de cambraia ou linho verde.

A' direita: 1 — Vestido de crepe azul marinho, flores de renda nos bolsos, mangas terminando por dois babados de renda.

2 — Vestido de crepe marrom, saia guarnecida com plissados, botões de fantasia e grande rosa branca no ombro.

Toilette "Mme. Récamier". Saia com corselet de setil azul claro; as mangas e corpo de gaze chiffon do mesmo tom são guarnecidos com renda levemente ocrée.

Elizabeth



UMA CUTIS SADIA

Quando a beleza da cutis se acha empanada por espinhas ou erupções, Elizabeth Arden aconselha o uso da "Loção Acné" para tornar sadia a cutis.

A "Loção Acné" utilizada em pequena quantidade, por meio de leves golpes sobre as partes a serem tratadas, acalma e faz desaparecer todas as irritações da pele. A "Loção Acné" amaciando as imperfeições, conserva perfeita o maquilage de uma tez afetada e constitue uma base adequada para o pó de arroz.

A "Loção Acné" deve ser aplicada após uma limpeza da cutis processada com o "Ardena Creme de Limpeza" unido ao "Ardena Tônico para a Pele", preparados indispensáveis a todo o tratamento de beleza.

Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



Vestidos esportivos



1 — Vestido de shantung ou linho azul com pintas brancas, na gola, nos punhos e nos bolsos, viezes de tecido vermelho com pintas brancas. O cinto é de pelica vermelha. Para manequim 42: 2 metros e 60 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. 2 — Vestido de linho branco, mangas e incrustação formando bolero de linho amarelo. Para manequim 42 a 44: tecido de 80 centímetros de largura, 2 metros e 30 centímetros de tecido branco e 90 centímetros de tecido de côr. 3 — Vestido de toile de seda ou tricoline; fundo branco com listas côr de rosa. Gola e cinto de fustão branco. Para manequim 44: 3 metros e 25 centímetros de tecido de 80 centímetros. 4 — Vestido de linho mesclado, branco e cinza. Cinto e gravata azul marinho. Para manequim 42: 3 metros de tecido de 94 centímetros de largura.

Costumes e saias para o verão



1 — Costume de seda lavavel, fundo branco com desenhos de tons vivos. Saia com pregas, casaco ajustado. Para manequim 44 a 46: 5 metros e 40 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura. 2 — Costume de crepe marocain azul marinho. Saia com pouca roda e casaco ajustado por "pines". 3 — Costume de linho branco. Casaco curto, viezes azues debruando os "revers" e os punhos, saia de pregas. Para manequim 42 a 44: 3 metros e meio de tecido de 120 centímetros de largura. 4 — Saia elegante de tafetá branco com xadrez preto, guardada com pala e pregas. Para manequim 42 a 46: 3 metros e meio de tecido de 90 centímetros de largura. 5 — Saia de tecido de lã, com bolsos originais. Para manequim 42 a 44: 1 metro e 65 centímetros de tecido de 130 centímetros de largura.

DIVERSOS MODELOS



Saia de linho roxo rosado, a blusa do mesmo tecido rosa arroxeado.



Blusa de crepe ou linho branco guarnecida com pregas; na gola e punhos, pespontos vermelhos.

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA

**Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**



Vestido de tule preto bordado com vidrilhos sobre forro, de tafetá preto.

PENSAMENTOS

Uma sociedade de irmãos unidos vale mais do que todas as muralhas do mundo.

Plutarco

♦♦♦
Avalia-se o grau de cultura de um indivíduo pela sua educação higiênica.

Belisario Penna

♦♦♦
É preciso para sofrer ser apto para o sofrimento. Nem todos possuem esse condão.

G. B.



1 — Vestido de crepe branco, com as frentes cruzando e formando a faixa. 2 — Blusa longa e saia en-forme com prega atrás, de shantung ou linho branco guarnecido com soutache vermelho. Bolsos originaes. Cinto de camurça vermelha.



DIMINUE O PESO

Com este agradável banho de beleza, sem exercício, sem drogas perigosas, V. S. pode adquirir um tipo elegante e esbelto, e por uma forma agradável e sem prejuízo para sua saúde. Milhares de senhoras e homens o experimentaram. Tomam na intimidade de suas habitações os "Banhos de Esbeltez Sarowal".

Durante muitos anos as fontes termas, famosas em todas as partes do mundo, foram o recurso das pessoas que desejavam conservar-se jovens e agéis.

A ciência, que tudo investiga e descobre, reuniu nos "Banhos de Esbeltez Sarowal" os princípios ativos dessas fontes. Assim, pois, tem V. S. à sua disposição as virtuosas águas que manterão seu corpo jovem, dando-lhe uma forma escultural.

Para o banho dissolva V. S. em uma banheira de água quente o conteúdo de um dos 4 pacotinhos que contém cada caixa de "Banhos de Esbeltez Sarowal".

Tome um "Banho de Esbeltez Sarowal" esta noite e o achará agradável e refrescante.

Pese-se V. S. antes e depois do banho, e noites depois, ao repeti-lo, V. S. poderá constatar por si mesma a diminuição do peso que corresponda à sua estatura; um banho por semana bastará para conservá-lo.

Depois de cada banho, V. S. se sentirá mais jovem. Na manhã seguinte de cada banho, V. S. experimentará a sensação de ter descansado bem.

Notará que se alisam mais as rugas da pele, e que seu corpo adquiriu maior agilidade. Não é necessário que V. S. se prive nas suas refeições dos alimentos que mais aprecie. Não lhe fazem falta os exercícios cansativos, nem as drogas que arriscam sua saúde. Seu excesso de peso será eliminado, sua pele alisada e seu corpo adquirirá elasticidade e elegância com os "Banhos de Esbeltez Sarowal".

"BANHOS DE ESBELTEZ SAROWAL" VENDEM-SE NAS PRINCIPAIS PERFUMARIAS E NAS DROGARIAS.

Pedidos do interior atendem-se no mesmo dia. Folhetos grátis. Envie o coupon

BANHOS DE ESBELTEZ



SAROWAL

LABORATORIOS VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104-5.º and. Tel. 23-1100 — Rio de Janeiro.

LABORATORIOS VINDOBONA

Rua Uruguaiana, 104-5.º andar — Rio de Janeiro

Nome

Rua

Cidade Estado

Vestuarios para a praia

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE



1 — Vestuário de inspiração rustica: saia de cretone florido, fundo branco com desenhos vermelhos, o corselet de zefir branco com xadrez vermelho, a blusa de linho branco, bretelles, bolsos e tira da guarnição para a cabeça de linho vermelho. O resto da guarnição do tecido da saia. 2 — Vestido de linho azul, guarnecido com o mesmo tecido mais escuro e viezes brancas. As bretelles de tecido mais escuro. Blusa de zefir branco com xadrez azul. 3 — Pijama — Calça longa bege muito claro, o casaco de dois tons de bege. Póde ser executado em seda, lã ou linho. 4 — Vestido cuja frente é de tecido listado e as costas de tecido de um só tom. Póde ser executado em seda lavavel ou em linho.

BLUSAS MODERNAS



- 1 — Blusa de seda listada, abotoamento no ombro esquerdo. Para manequim 46: 1 m. 65 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura]
 2 — Blusa de crepe Georgette ou cambraia, guarnecida com preguinhas e bordado. Para manequim 46: 2 metros de tecido de 94 centímetros de largura. 3 — Blusa de crepe mongol, com pala e pesponto. Para manequim 46: 1 m. 75 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura.
 4 — Blusa de seda escocesa, guarnecida com ruches franzidas. Para manequim 44: 1 m. 75 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura.
 5 — Blusa de linho bege claro, com bolso aplicado. Para manequim 44: 1 m. 75 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura.

A LENDA DE LADY GODIVA

Foi no ano de 1040, pouco mais ou menos, que Léofric, conde de Chester, foi suplicado na Inglaterra, pela esposa, a bela e delicada lady Godiva, para diminuir os impostos que impunha aos seus súditos.

— Diminuir os impostos, minha cara dama! E que me dará em compensação?...

Seu esposo era um brutamontes. Gostava de beber. Era brutal e cruel.

Observando a timidez de lady Godiva, deu uma gargalhada. Uma ideia acabava de atravessar-lhe o pensamento. Deu um murro na mesa e disse:

— Já sei!... Reduzirei os impostos se atravessares a cidade nua! Estás ouvindo bem? Completamente nua, montada a cavalo!...

Lady Godiva suspirou profundamente. Mas conhecia seu esposo. Sabia que nada o faria mudar de decisão.

Fez ela saber aos habitantes da cidade de Coventry — a capital do condado —



Miss Gladys Bovington no papel de lady Godiva

o que havia. Houve um grande grito de admiração e de gratidão pela sua dama. No dia em que, montada num cavalo conduzido pela rédea por uma mulher, não tendo para esconder o corpo senão a longa cabeleira loura, que lhe caía até os pés, Lady Godiva passou por todas as ruas, todas as portas e janelas estavam fechadas! A bela condessa tinha uma expressão de doçura resignada e uma atitude pudica que foi depois reproduzida por numerosos pintores.

Ninguém quiz ofender a nobre dama que, pelo seu sacrifício, queria suavizar a sorte dos habitantes da cidade.

Ninguém?... Não! Um homem indiscreto ousou ficar na soleira da porta.

A lenda conservou o seu nome como o de Peeping Tom (Tom, o Viajante).

Foi, aliás, executado pelas próprias ordens do conde, que voltando a melhores sentimentos soube com indignação desse crime de lesa-pudor.

Desde 1678 tem lugar nas ruas de Coventry um procissão, em memória de lady Godiva, que se realiza todos os três anos.

No ano de 1927, quando se realizou «a procissão da Lady Godiva», houve algumas dificuldades, porque um pastor mais zeloso tinha pedido ao clero protestante que proibisse o desfile, sob pretexto de moral. Mas nada conseguiu e a procissão realizou-se.

Naturalmente a jovem que representava o papel de lady Godiva não se apresentava completamente nua... Estava vestida com um maillot côm de carne e uma grande cabeleira postiga cobria-lhe todo o corpo, como um grande chale de franjas.

A fotografia mostra miss Gladys Bovington a cavalo — a escolhida pela comissão dos festejos para representar a grande Dama. Está ela conversando com a sua irmã Elsie, encarregada de conduzir o cavalo.

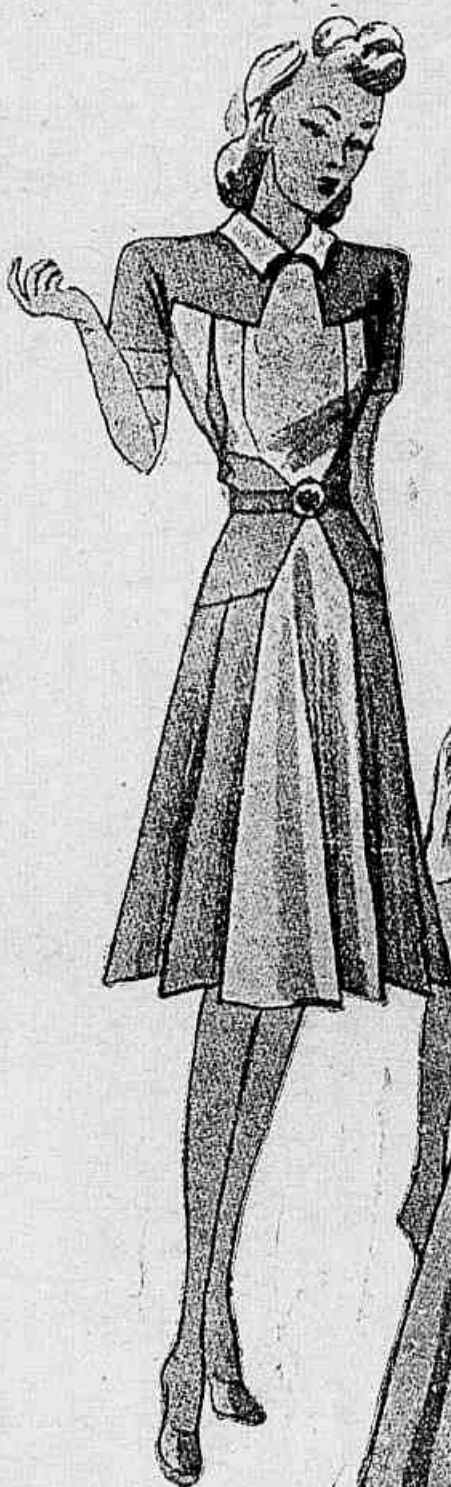
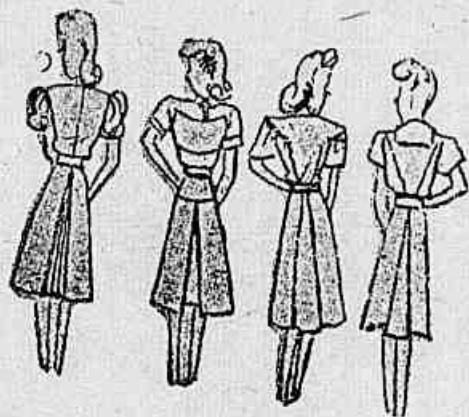
:-:

VESTIDOS LEVES

:-:



Mathilde Leite Rabello de Vasconcellos, formada em Novembro p.p. pela Escola Técnica de Serviço Social (Assistente Social).



- 1 — Vestido de crepe ou voile de fantasia, a blusa guarnecida com franzidos.
 2 — Vestido de shantung ou linho de dois coloridos. 3 — Vestido de crepe azul claro com pala bege do mesmo tecido. Pode ser executado em linho.
 4 — Vestido de fustão de fantasia, com frente e gola de fustão branco.



Pijama elegante, calça-saia de setim preto, blusa de setim rosa pálido ou branco.

Saia de linho branco, blusa de linho branco com listas verdes, casaco de linho verde.



Pijama para sport ou praia, de linho azul, com casaco ajustado.

BICODE
 DE /ENHORA/ E VERRUGA/
 ELIMINAÇÃO GARANTIDA
 TRATAMENTO/ DA CUTIS/
 PELA /CIENCIA MODERNA/
 SÃO PAULO AV. BRIG. LUIZ ANTONIO 1471

Senhoras!
 CAPSULAS
MENAGOL
 PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
 APPL. PELA GIGIA, GABRIEL, SL. 22-4-34

Escolha o seu



Vestido de crepe rayon cinza claro, enfeitado com bordado executado com fio de prata.



1 — Vestido de crepe ou voile de fantasia, guarnecido com babadinhos plissados. 2 — Vestido de crepe ou shantung enfeitado com pontos abertos. 3 — Vestido de crepe ou voile de fantasia com guarnição de pontos abertos. 4 — Vestido de crepe georgette, com saia plissada. 5 — Costume de crepe de fantasia, o casaco enfeitado com babadinhos plissados.



1 — Camisa de dormir de crepe da China branco ou de tom suave, guarnecida com renda e entre-meio para enfiar fita em volta do decote. 2 — Roupão de fustão ou linho de fantasia.



Vestido de crepe marocain branco, casaco de crepe azul marinho.



Roupão de zefir branco com lista azues.



Vestido de shantung azul marinho, casaco amarelo. Chapéu de feltro amarelo, fita azul marinho.

Modelo



1 — Costume de crepe verde escuro, com gola de fustão branco. 2 — Costume de crepe marocain preto, casaco curto ajustado e debruado com cadaço de seda preta; na gola, renda branca.



Vestido elegante; saia longa, guarnecida com tiras aplicadas de organza preta; casaquinho de tafetá ou setim preto.

Yardley



LAVENDER

Para todas as horas do dia, em qualquer passeio, a Yardley Lavender é o perfume preferido pelas damas elegantes de todo o mundo. A fragrância pura e evocadora da Yardley Lavender dá-lhe um ar atraente de encantadora juventude e requintada graça.



Yardley English Lavender — Sabonete, Sais para Banho, Talco, Brilhantina, etc. Ilustrados também o famoso Pó de Arroz, Creme e Batom, produtos Yardley indispensáveis para a perfeita beleza.



LAVENDER e BELEZA
YARDLEY 33 OLD BOND STREET LONDON

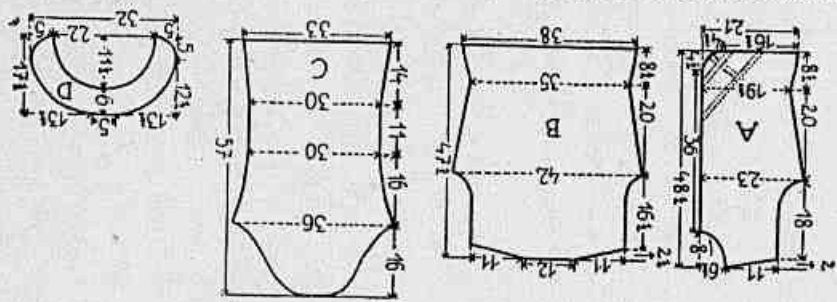


Vestido para a noite; saia ampla de crepe amarelo claro, casaquinho de tafetá amarelo claro com lentejoulas douradas.

Casaco de crochet de linha, com xadrez bordado



Indicações dadas para manequim 44. São necessárias para a sua execução 450 grs. de linha **bouclé** fina, amarelo claro ou **beige**; 30 grs. de linha azul e igual quantidade de cor de laranja, de verde e de vermelho; 1 agulha de **crochet** n. 2 e outra n. 1; 6 botões de madeira de 2 cm. de diâmetro, 4 colchetes de pressão e fita amarela ou **beige** para ser pregada do lado de dentro da frente no ponto onde devem ser pregados os botões.



Os moldes com as suas medidas.

base, fazer os pontos simples de 2 em 2 malhas, em todas as outras, o ponto simples feito nos dois fios da malha inferior: examinar o modelo do ponto. As linhas formando xadrez são bordadas como mostra o modelo.

Para manequim 42, juntar 6 malhas nas frentes e 11 malhas a mais nas costas.

Todas as peças são trabalhadas acompanhando os moldes. Indicaremos apenas o numero de malhas de trancinha e o ponto onde começar o trabalho. Para regular os aumentos e diminuições, colocar tantas vezes quanto possível o trabalho sobre o molde, esticando-o levemente.

Execução — As duas frentes trabalham-se da mesma maneira e o trabalho é começado na parte de baixo, fazendo uma trancinha de 76 malhas (16 centímetros e meio). Para as costas, começar também pela parte de baixo, fazendo uma trancinha de 152 malhas (33 centímetros). A gola é começada na borda interior, fazendo uma trancinha de 166 malhas (36 centímetros) e aumentar com intervalos regulares para obter um bom formato.

Passar a ferro antes de bordar os quadrados. Trabalhar com dois fios, alternando sempre 2 listas com 1 centimetro de intervalo em vermelho e azul, 2 listas com o mesmo intervalo de cor de laranja e verde. O intervalo entre os grupos de listas é de 4 centímetros. Começar o bordado das frentes pelo arredondado da parte de baixo, examinar as linhas marcadas no molde da frente. Cada lista é feita em duas fases, em ponto de alinhavinho, indo e voltando, como mostra o desenho do ponto. Fechando as costuras das mangas, deixar em baixo uma fenda de 7 cent. Antes de pregar as mangas, franzir a parte de cima. Terminar as beiradas das frentes por 2 carreiras de pontos simples com a linha amarela ou **beige**, na 2.ª carreira no lado da frente direita formar 6 casas de dois centímetros, a primeira começada a 8 centímetros medindo de baixo, as seguintes com 4 centímetros de intervalo. Reforçar as beiradas das fendas das mangas por uma carreira de pontos simples; depois franzir a manga e pregar os punhos, duas tiras de 16 centímetros de largura por 1 centimetro e meio de altura.

Depois rodejar toda a blusa com carreiras de **picot**, para isso trabalhar com o fio simples e a agulha de **crochet** n. 1, alternando sempre 1 ponto simples, 4 malhas de trancinha, a primeira carreira em vermelho, a 2.ª em azul, a 3.ª em verde e a 4.ª, em cor de laranja. Depois cobrir os botões com o **crochet** bordado com as listas. Pregar os colchetes de pressão nas mangas.



O ponto do tricô e do bordado em xadrez.



Saude

**DO COURO CABELUDO
TAMBÉM É IMPORTANTE!**



QUASI sempre o sucesso na vida social e comercial depende da **bôa apresentação**. Homens moços, não podem ter cabelos brancos ou falta de cabelo. A **Loção Brilhante** acaba com a caspa, seborréia e parasitas do couro cabeludo, evitando a calvície e restituindo a cor primitiva, sem tingir.

● Pense mais em "manter os cabelos", evitando sua queda ou embranquecimento. 70% dos homens têm propensão para calvície, que é favorecida pelo descuido no tratamento do cabelo antes dos 30 anos! A **Loção Brilhante** remove completamente as partículas invisíveis de pó que se depositam sobre o cabelo e obstruem os bulbos capilares. Use diariamente **Loção Brilhante** em uma enérgica fricção de 40 segundos. A **Loção Brilhante** elimina a caspa, a seborréia e as afecções do couro cabeludo.

LOÇÃO BRILHANTE
destrói os germens
da caspa infecciosa.



Estes são os germens de caspa infecciosa; que se pode contrair a qualquer momento. Para combater os germens e evitar a caspa faça uso diário da **Loção Brilhante**.



LABORATÓRIOS
ALVIM & FREITAS

Loção Brilhante

ASSINATURAS DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

TRATAR NA **AGENCIA DE MARIA**

Rua José Bonifácio n. 392

Telefone 2-9827

Modelos para Crianças



- 1 — Vestido de crepe florido, cinto corselet e nervuras nos ombros.
 2 — Vestido de crepe vermelho, guarnecido com ordens de franzidos na pala e acima da cintura, faixa do próprio tecido.
 3 — Vestido de crepe branco guarnecido com pregas na frente e nas costas e babadinhos plissados.

Vestidinho de tricot de linha



Este modelo convém para uma criança de 5 a 6 anos. São necessárias 450 grs. de linha bouclette de linho, no tom azul gobelin; 30 grs. de lã fina vermelha; 2 agulhas longas n. 3 e 1, agulha de **crochet** n. 2; cinco botões vermelhos. Trabalhar com fio duplo da linha bouclette.

Pontos empregados — Ponto de fantasia, feito da seguinte maneira. 1.ª carreira: sempre alternando 5 malhas pelo avesso, 1 malha escorregada deixando o fio por traz da malha. 2.ª carreira: escorregar as malhas escorregadas na carreira precedente deixando o fio na frente da malha tricotada, todas as outras malhas tricotadas pelo direito. 3.ª carreira: como a primeira. 4.ª carreira: como a segunda. 5.ª carreira: primeiro 2 malhas pelo avesso, depois alternando 1 malha escorregada, deixando o fio por traz da malha, 5 malhas pelo avesso. 6.ª carreira: como a segunda. 7.ª carreira: como a quinta. 8.ª carreira: como a segunda. Repetir essas oito carreiras. Pontos altos; trabalhar com a agulha de **crochet** indo e vindo, tomando na ida por traz em volta do corpo

da malha, vindo pela frente em volta do corpo de malha dos pontos altos inferiores.

Execução — As frentes, começadas pela parte de baixo, são tricotadas no ponto de fantasia com a linha azul. Pôr na agulha de **tricot** 58 malhas (19 centímetros e meio); fazer na parte da frente, lado direito, 5 pares de casas de 3 malhas de largura, a primeira de cada par a um meio centímetro, a segunda a 2 centímetros e meio da orelha da frente. Fazer as casas com 5 centímetros de intervalo.

Costas — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de **tricot** 99 malhas (33 centímetros); trabalhar no ponto de fantasia.

As mangas são executadas com a lã vermelha e a agulha de **crochet** no ponto alto, começando o trabalho na parte de cima da manga com uma trancinha de 6 malhas.

Convém cortar os moldes das frentes, costas e mangas com as medidas certas da criança, para ir aplicando o trabalho em cima. A gola é começada pela parte de cima, pondo na agulha de **tricot** 84 malhas (28 centímetros) e trabalhar meio centímetro alternando 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. Depois continuar no ponto de fantasia. Para dar-lhe o arredondado, aumentar regularmente malhas no decorrer de algumas carreiras. Nos cantos diminuir, seguindo o molde.



- 1 — Vestido de crepe rosa, guarnição de fita estreita de veludo azul. Faixa de crepe rosa.
 2 — Vestido de crepe verde jade, enfeitado com ordens de renda Valenciennes preta. Faixa de tecido do vestido.

A saia, tricotada com a linha azul, compõe-se de dois panos iguais. São começados na parte de baixo, pondo na agulha de **tricot** 222 malhas (74 centímetros). Para obter um bonito feitiço, diminuir regularmente no decorrer de algumas carreiras, assim como dos lados. Para o galão que faz simular um bolero e termina a barra da saia, fazer com o **crochet** em ponto alto, com a lã vermelha, na largura de 2 centímetros.



Vestido de crepe vermelho e bolero com nervuras, ambos guarnecidos com renda branca estreita e grossa.

Passar a ferro todas as peças, depois embainhar as frentes e festonar as costas. Fazer 2 carreiras de pontos baixos com a agulha de **crochet** e a linha azul na terminação da blusa. Franzir a saia e pregar por traz dessa carreira de **crochet** da blusa. Rodear a gola com duas carreiras de pontos baixos com a linha azul e as mangas com duas carreiras de pontos baixos com a lã vermelha. Aplicar o galão vermelho simulando bolero.



Blusa de linho verde; calça de brim branco.

M E N U D E J A N T A R

Sopa de legumes — Croquetes de camarões — Arroz com queijo au gratin — Rins com molho de vinho — Pirão de batatas — Soufflé de couve-flôr — Pato recheado — Salada de legumes com frutas — Doce de banana em calda — Bolo de amêndoas e chocolate

SOPA DE LEGUMES

Pôr para refogar algumas batatas, um nabo, o branco de um alho poireau, um aipo, na manteiga ou banha, com rodela de cebola e tomates; juntar em seguida um litro de caldo ou de água e um bouquet de cheiros.

Deixar cozinhar bem; depois passar por peneira fina, juntar em seguida um copo de leite e servir a sopa com torradas fritas na manteiga.

CROQUETES DE CAMARÕES

Pôr para cozinhar 1 quilo de camarões; descascar e separar as cabeças, que são socadas sem os olhos; juntar um pouco da água dos camarões para coar em peneira fina. Fazer um refogado com manteiga ou azeite, cebola em rodela; juntar os camarões depois de bem refogados; juntar um pouco da água para cozinhar um pouco mais. Fazer a parte um molho espesso com meia xícara de leite, um pouco de manteiga e de farinha de trigo. Picar muito bem os camarões para formarem uma massa; juntar primeiro ao molho de leite 3 gemas de ovos, depois os camarões e a massa obtida com as cabeças; misturar tudo muito bem e despejar numa travessa para esfriar. Formar os croquetes, passar em ovos batidos, depois na farinha de rosca fina. São fritos no azeite ou na banha.

ARROZ COM QUEIJO AU GRATIN

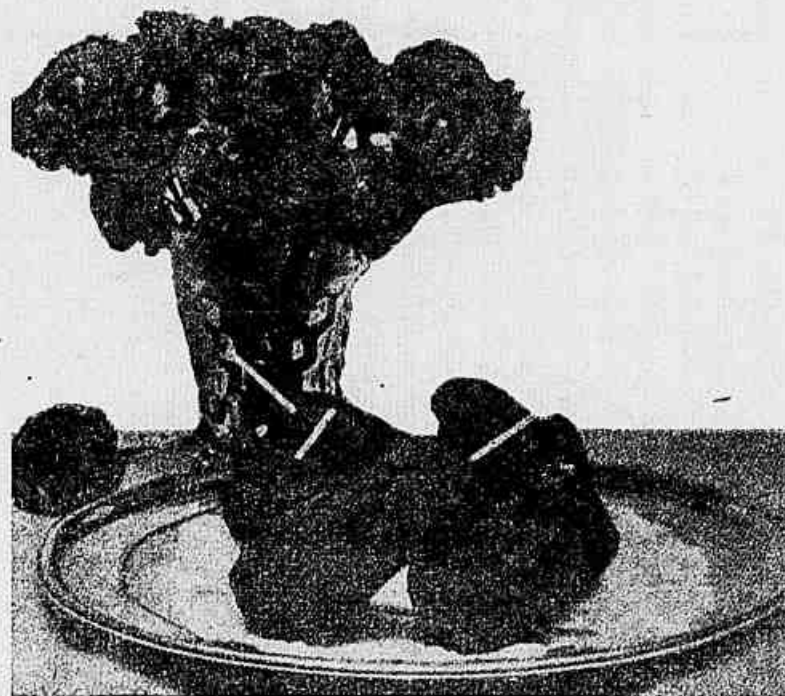
Lavar muito bem o arroz e fazer um refogado com manteiga, cebolas em rodela, alguns tomates sem as sementes, meio dente de alho (que se retira logo que ficar tostado). Juntar

em seguida o arroz, mexer bem no tempero e juntar depois a água necessária para cozinhar (a água deve ser quente) e juntar um bouquet de cheiros. Depois de cozido, retirar o bouquet

de cheiros, juntar duas colheres de queijo ralado desfeito numa xícara de leite. Misturar tudo muito bem, despejar o arroz num prato que vá ao forno; peneirar por cima queijo ralado e depois pôr pedacinhos de manteiga e pôr no forno para tostar.

RINS COM MOLHO DE VINHO

Pôr numa panela 125 grs. de manteiga, juntar uma cebola picada, deixar tomar cor em fogo muito brando, depois pôr em fogo forte e juntar as fatias de rim. (Os rins de vitela são cortados ao meio, seguindo a risca exterior. Tirar as películas e nervos, assim como uma espécie de tripa que atravessa o rim, depois de bem lavado na água quente, cortar em fatias para a quantidade de tempero, 400 grs. de rins.)



Croquetes de camarões.

Deixar refogar uns dois minutos, mexendo sempre, depois retirar as fatias e juntar na panela um copo de vinho branco, um copo de caldo de carne, deixar reduzir á metade, em seguida coar, e depois juntar 100 grs. de manteiga, juntar as fatias para aquecer no molho. Despejar no prato sobre torradas fritas na manteiga. Salpicar por cima com um pouco de salsa picada.

SOUFLE DE COUVE-FLOR

Pôr numa panela 50 grs. de manteiga, 30 grs. de farinha de trigo, mexer bem e desfazer com um quarto de litro de leite; deixar ferver uns 2 ou 3 minutos, juntar fora do fogo 5 gemas e a massa de uma couve-flôr cozida e passada na peneira. Untar uma fôrma com bastante manteiga e peneirar com farinha de rosca muito fina. Juntar á massa 5 claras muito bem batidas, despejar dentro da fôrma e pôr para cozinhar em banho-maria dentro do forno.

Servir com molho de tomates ou molho mousseline.

Molho de tomates — Pôr numa panela 30 grs. de manteiga, uma cebola picada, meio dente de alho esmagado, 6 tomates picados, uns grãos de pimenta do reino e sal. Tampar a panela e deixar cozinhar em fogo brando, mexendo de vez em quando. Depois, passar por uma peneira fina. Pôr na panela 30 grs. de manteiga, juntar igual quantidade de farinha de trigo, mexer muito bem, juntar o caldo dos tomates e um pouco mais de água (a que fôr necessaria).

Molho mousseline — Pôr numa panela sobre fogo muito brando com 20 grs. de manteiga e 10 grs. de farinha de trigo; deixar tomar um pouco de cor; depois desfazer com meio copo de leite fervendo, temperar com sal e bater com o batedor de arame, juntando pouco a pouco 100 grs. de manteiga e pouco a pouco também quatro gemas de ovos. Colocar a panela em banho-maria, e continuar batendo; juntar mais 125 grs. de manteiga e por ultimo o suco de um limão. Quando o molho estiver bem cremoso e liso, juntar então 4 colheres de creme de leiteira, batido.

No caso do molho não ficar bem espesso, juntar duas ou três claras batidas.

PATO RECHEADO

Põem-se para cozinhar os miudos do pato; juntam-se com igual quantidade de carne de vitela e passam-se na máquina de picar. Fazer um refogado com manteiga, salsa ralada e juntar o picado já preparado; tempera-se com sal, pimenta e duas gemas de ovos. Na hora de recheiar o pato, juntam-se á massa algumas azeitonas. Cosem-se bem as duas aberturas. O pato é depois assado na panela.

DOCE DE BANANA EM CALDA

Escolhe-se de preferencia a banana prata, madura, mas não de mais. Descascar, tirar todas as fibras e cortar em rodinhas. Fazer uma calda com açúcar em ponto baixo, juntar as bananas e deixar cozinhar até ficar em bom ponto a calda.

BOLO DE AMENDOAS E CHOCOLATE

Bater muito bem 6 gemas de ovos com 75 grs. de açúcar; depois juntar 50 grs. de chocolate ralado, 75 grs. de amêndoas socadas, quatro ou cinco claras muito bem batidas e por ultimo 30 grs. de farinha de trigo. Untar bem a fôrma com manteiga, peneirar dentro farinha de trigo. Não encher bem a fôrma. Deixar assar em forno moderado, três quartos de hora, pouco mais ou menos.



D. LIDIA NOGUEIRA
diz:

Para ele, só dou o melhor!

QUER ver seu filhinho crescer forte, sadio, sempre com apetite e bem disposto? Inclua, diariamente, Quaker Oats, no seu regime alimentar. Quaker Oats desenvolve o corpo, os ossos, os músculos e enriquece o sangue. Auxilia o crescimento normal das crianças, graças à sua abundância em Thiamin (Vitamina B-1), ferro, fósforo e proteínas. Quaker Oats é, também, de um gosto agradável. Proporcione, diariamente, os seus inúmeros benefícios, ao seu bebê e a toda sua família. Quaker Oats é econômica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Para maior valor — Insista em **QUAKER OATS**

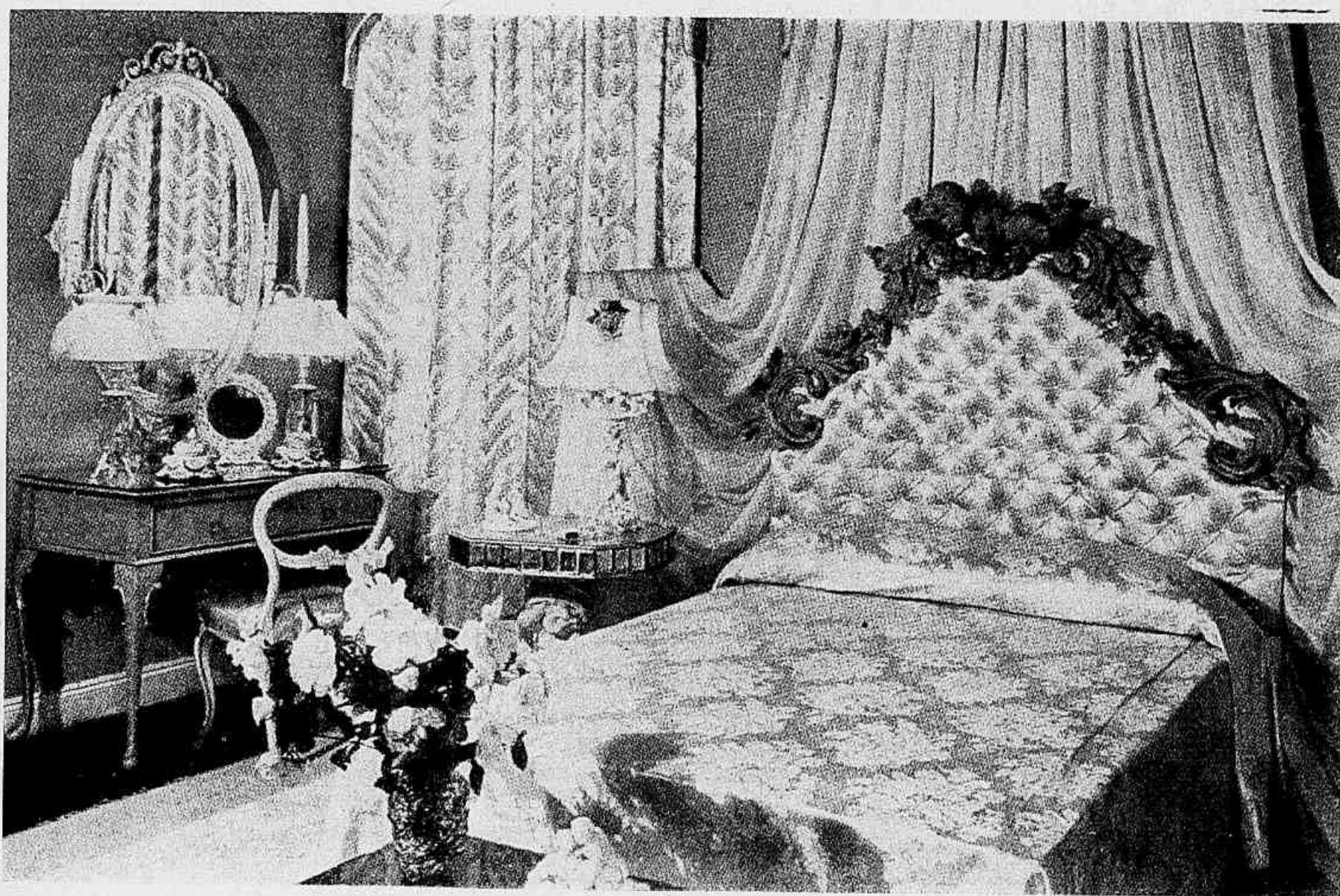
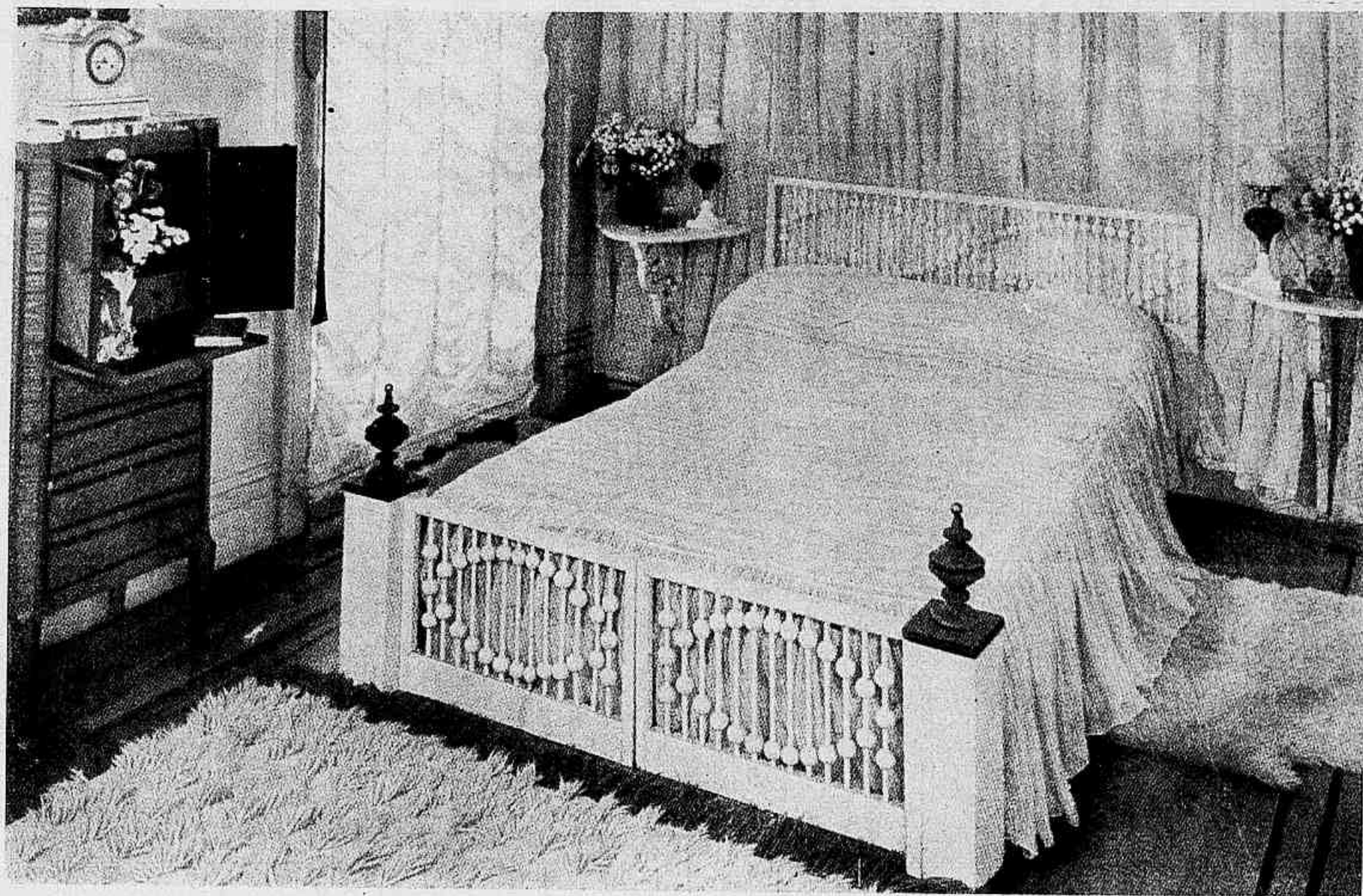
Nem toda aveia é Aveia Quaker. As palavras "Quaker Oats" são a marca registrada que identifica unicamente a original e legítima Aveia Quaker. Ao adquiri-la, veja se a lata traz estas duas palavras e a figura do Quaker. São a garantia da mais alta qualidade e do maior valor nutritivo. Insista na legítima Quaker Oats, em lata hermeticamente fechada.



Ornamentação do Lar

O QUARTO BRANCO E CASTANHO

A cama, laqueada de branco, tem guarnições de bronze nas colunas dos pés. A coberta da cama é de organza franzida e entremeios de renda. Na parede da cabeceira da cama, alta guarnição da mesma organza. De seda branca o estorço. As mesas de cabeceira são laqueadas de branco, com lâmpas simulando lampeões, de louça branca e bronze. Os vasos de louça, marrom. O tapete branco, rodeados por uma barra castanha.



Luxuoso quarto de dormir. — Cama com alta cabeceira de madeira esculpida acolchoada de setim branco; coberta da cama de damassê branco. O cortinado e as cortinas da janela, de filô com desenhos rendados.

O estudo de eminentes professores demonstrou a evidência o erro que é geralmente cometido pelo abuso da carne, sobretudo nos meses do verão.

Devemos comer mais legumes que carnes nesses meses. Em alguns legumes encontra-se o azoto que tem a carne, sem os perigos que esta pôde trazer para o organismo. Os feijões, vagens, ervilhas, guando, espinafres, e tantos outros, alimentam tanto como um pedaço de carne, e não intoxicam o organismo.

PENSAMENTOS

A metafísica é o conhecimento das causas primárias e dos primeiros princípios. É a ciência do absoluto. Estuda o ser, como ser, e não como fenómeno. Estuda a essência e não a manifestação.

G. B.



Só tem direito ao êxito os que entram na luta de cada dia com aptidão para o trabalho a que se dedicam, com confiança na própria capacidade, com coragem e perseverança. Sem aptidão revelada pelas possibilidades pessoais, sem confiança, imprescindível para vencer as dificuldades supervenientes, sem coragem para arrostar as barreiras que se antepõem a cada momento, e, sem tenacidade, só se pode esperar o fracasso ou um milagre.

Preceitos de hygiene

Saber alimentar-se é uma arte

Não é uma coisa assim tão simples, como pôde parecer, o saber alimentar-se com todas as regras, isto é, entreter as forças sem sobrecarregar o organismo com toxinas, nem expô-lo a perigosos deficits. Saber comer é, sob mais de um ponto de vista, saber viver; e, assim encarando, a alimentação é um dos capítulos, e dos mais importantes, da Medicina.

Compreende-se bem que essa quota alimentar, renovada sem cessar, deva exercer uma grande influência sobre o organismo. É tão importante evitar-lhe a espécie de infecção que um excedente de elementos tóxicos infiltra sorrateiramente nas veias, como garantir-lhe todos os elementos necessários para entreter suas forças. Daí a impôr-se necessidade duma regra, para manter esse organismo no perfeito estado de equilíbrio, que constitui a saúde.

Mobiliários,
Tapeçarias e
decorações

CORTINAS
PASSADEIRAS
TECIDOS

ASA UNES

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65-RUA DA CARIOCA-67-RIO

O misterio do iris dos olhos ou a nova ciencia iridologica



O iridologista fazendo o seu exame.

Tomando-se um espelho e examinando os olhos vê-se no centro um ponto preto por onde passa o olhar, é a pupila; no exterior, o branco ou sclerótico. Mas entre estas duas partes que nos são comuns com os outros humanos, estende-se uma zona anular que nos é bem pessoal: azul como o mar, verde como o porfiro, côr de topásio queimado ou castanha da Índia, preto como o vidrilho, pálido como o céu de outono, é o «iris» sinal essencial da nossa fisionomia e verdadeiro espelho da alma.

Os poetas celebraram a beleza dos olhos amados, mas estão longe de ter esgotado todas as maravilhas. A ciencia foi mais longe. Armando-nos de uma lente examinemos o iris de uma outra pessoa, depois de a ter colocado de perfil em relação à luz. Vêem-se erguer na agua clara do olho vivos cristais coloridos, toda uma renda em relevo e retractil, fendida em longas fendas divergentes, perfuradas e estriadas como os mais delicados órgãos de flôres. É o «quadrante» do iris, portador de hieroglifos emera-

Novo... CREME Desodorante que Detém A Transpiração das Axilas sem perigo



1. Não danifica os tecidos, não irrita a pele.
2. Não é preciso esperar que seque.
3. Detém instantaneamente a transpiração de 1 a 3 dias. Remove o odor da transpiração.
4. Um creme evanescente, branco, puro, sem gordura.
5. ARRID traz os Selos de Aprovação dos Institutos Internacionais de Tinturaria, como inofensivo aos tecidos.

ARRID

É usado por mais mulheres do que qualquer outro desodorante.

PREÇO **4\$800** 95500
Distr.: S. V. Mangual & Cia. — Rio
Rua Paulino Fernandes, 55
Preços pelo Correio:
5\$000 resp. 10\$000 (grande)

TOILETTES



1 — Elegante vestido para noiva, de chamalote branco. O corselet subindo na frente até à gola. Botões de perolas. Lencinho de renda no bolso. Véu curto formando ruche sobre a cabeça, o franzido mantido por uma guirlanda de flôres de laranja. 2 — Vestido para noiva, de renda branca guarnecido com crepe. O véu curto mantido por um bouquet de margaridas brancas.

nhados nos quais os medicos sabem hoje ler as preciosas informações sobre todas as partes do corpo, mesmo encontrar o sinal de ferimentos ou operações muito afastadas do olho graças a misteriosas correspondências.

É este um novo metodo que fez suas provas na França e na Alemanha, já havendo entre nós quem se dedique a este sistema para diagnosticar. Quer dizer o estudo do temperamento e a despistagem das doenças.

Abrindo uma enciclopedia científica no artigo «olho», aprenderemos que, neste maravilhoso aparelho fotografico que constitue o olho humano, o iris tem o papel do «diaphragma» que se contrai para restringir a pupila quando o olho

é ofuscado por uma luz muito forte. A experiencia é feita facilmente deante de um espelho. Os animais se beneficiam do mesmo sistema de proteção; no gato, cuja pupila tem a forma duma fenda vertical, o movimento de alargamento é visível nas proximidades da noite, o que permite «ler a hora nos olhos do gato».

Uma tal flexibilidade é realmente admiravel neste delicado tecido que possui vasos sanguíneos, seus musculos circulatórios, seus nervos e mesmo um verdadeiro «cerebro» comandando seus movimentos reflexos, por uma vontade independente.

No ano 1850, um jovem hungaro, chamado Peczely, tinha em sua casa uma coruja amansada. Esta coruja, de tamanho gigantesco, teve um dia um impulso de rajva

e enterrou suas garras no braço do seu jovem dono, tão profundamente que foi preciso cortar uma das patas do animal. No momento em que a pata foi cortada, o jovem verificou no olho dilatado da coruja uma larga fenda que se formava.

Peczely, que era estudante de medicina, tornou-se um grande cirurgião e teve a ocasião de observar nos entes humanos o curioso fenomeno da «repetição sobre o iris». A ablação do pé esquerdo, por exemplo, traduzia-se por uma fenda na parte de baixo do olho esquerdo, enquanto que uma amputação do braço direito fazia aparecer um sinal análogo sobre o lado do iris direito.

Pouco depois, Liljequist, um pastor sueco, fez uma observação interessante. Na

PARA NOIVAS

região em que era pároco, as mães tinham o curioso costume de fazer seus filhos engulirem sementes de papoula para dormir bem. Liljequist observou nos olhos dessas crianças um anel turvo corres-

pondendo à região do estômago e dos intestinos.

Esses primeiros dados foram muito aperfeiçoados graças aos pacientes trabalhos de Thiel, Lane, Schabel, Fortier-Bernoville e foi assim que imaginaram esses admiráveis «mapas do iris» que permitem ler nos olhos dos doentes.

Para ver claro nesta repartição circular do iris, «um sistema comodo» é o do «relógio»: designa-se cada parte do iris, este mostrador natural, pela hora que ocupa o mesmo



1 — Saia e túnica de setim branco. A túnica é guarnecida com plissados. Guirlanda de flôres de laranja mantendo o véu na nuca. Para manequim 44: 5m. $\frac{1}{2}$ de tecido de 94 centímetros de largura. 2 — Saia de crepe e blusa de renda branca. Bouquets de flôres de laranja dos lados da cabeça, o véu partindo do penteado, atrás. Crepe: 3m.75c., renda 1m.85 centímetros. 3 — Vestido de setim branco com frente de renda. O véu é mantido por diadema de setim plissado. Setim de 94 centímetros de largura, 5 m. laize de renda de 90 centímetros de largura, meio metro.



Toilette para noiva, de flexível setim branco. Faixa do próprio tecido, três laços guarnecem a frente. Diadema de renda e flôres de laranja mantendo o longo véu.

em seguida o baço no ponto das 4 horas, o pé e a perna no das 6 horas, o rim, a bexiga no das 7 horas, as costas no das 8 horas (parte esquerda) e a parte esquerda da boca entre o ponto das 9 horas e 10 horas.

No iris direito, encontramos, girando no mesmo sentido: a metade direita da boca, a metade direita das costas no ponto das 4 horas, o rim direito no das 5 horas e meia, o pé e a perna esquerda, o fígado no das 8 horas, o torax, o pulmão entre o das 9 horas e 10 horas, a orelha no das 11 horas.

Certas zonas são circulares, a pele e a circulação sanguínea correspondendo à borda exterior, enquanto que a borda central é reservada para os intestinos.

Um furo, uma fenda, desigualdades notáveis indicam sempre uma fraqueza do órgão correspondente, até mesmo uma amputação ou um ferimento, um aspecto perturbado trai um mau funcionamento do órgão ou uma intoxicação.

Um tecido igual, fino, apertado do iris é uma probabilidade de saúde e de longa vida. O colorido exato do iris pôde provar se a raça é pura ou misturada: os olhos azues indicam uma ascendência nórdica homogênea enquanto que os olhos castanhos provam uma origem misturada, nórdica e mediterrânea.

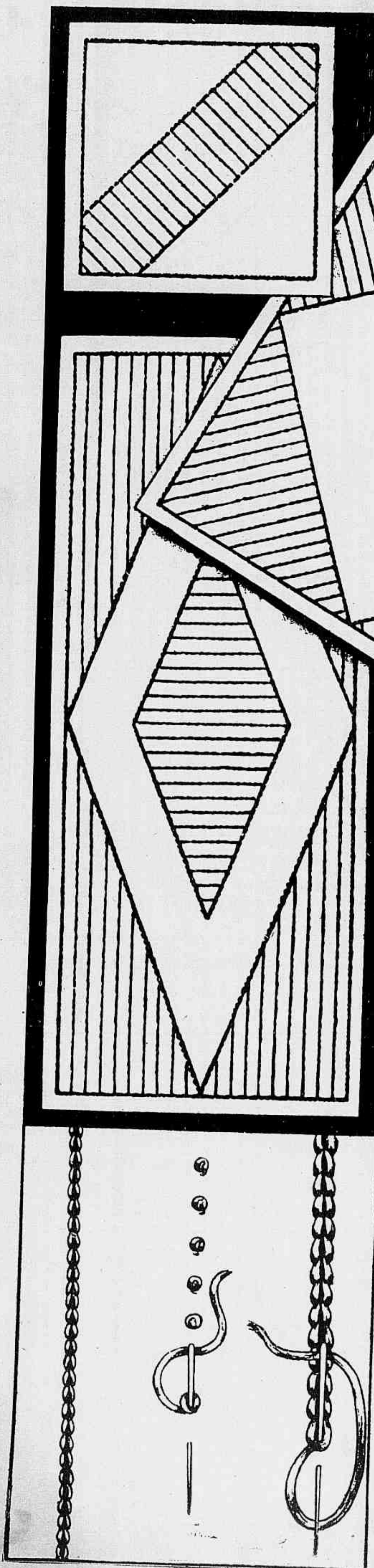
Emfim, uma conquista extraordinária da «iridologia» consiste em uma leitura das secretas tendências da alma. A tendência para a vida mística traduz-se por um achatamento característico da pupila; dizem até que podem discernir a propensão para o suicídio. Portanto, pela lente do iridologista, nosso iris deixa descobrir todos os segredos da nossa alma e do nosso corpo.

lugar sobre o mostrador do relógio. Assim o ponto alto chama-se «meio dia», chamando-se «três horas» a região da direita e «seis horas» a parte inferior.

Damos aqui uma explicação sumária do

«mostrador» do iris que permitirá aos leitores observações interessantes. Nos dois iris, uma larga região rodeando o meio dia (espaço de 11 horas a 1 hora) corresponde ao cérebro. No iris esquerdo,

encontra-se no ponto de 1 hora e meia o setor correspondendo à orelha, depois ao pescoço; o pulmão estende-se até o ponto das 3 horas, a parte vizinha do centro é reservada para o coração. Vêm



PROBLEMAS DO LAR

O ponto de cadeia de nó para a guarnição das toalhas

MOBILIARIOS FINOS EXPOSTOS EM GRANDES MOSTRUARIOS

Convidam-se as distintas familias a visitarem os mostruários junto à fábrica de Moveis "Lamas", nos quais estão expostas as mais recentes criações de mobiliarios nos diversos estilos, dotados de todos os requisitos para satisfazer quem preten- de adquirir moveis de qualidade e de bom desenho.

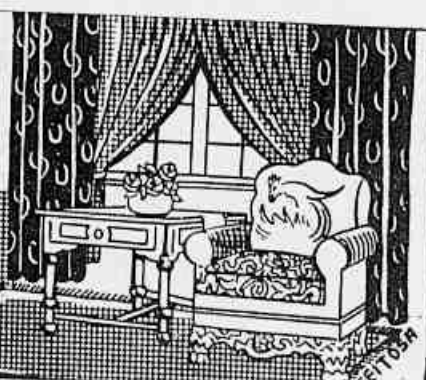
As exposições que a fábrica "Lamas" mantém no Flamengo, Urca e Copacabana, são de simples propaganda, sendo os moveis "Lamas" vendidos exclusivamente nos mostruários anexos à fábrica com facilidade, em certos casos, de pagamento.

O simples ponto de cadeia e o de nó, formam lindas guarnições para toalhas e centros de mesa de todas as especies. Podem ser dispostos com muita fantasia sobre toalhas e centros, enquadrados por uma bainha. As listas podem ser finas, executando-se o ponto de cadeia com um só fio da linha ou grossos, pondo-se o fio duplo. Dão uma nota alegre com os seus coloridos vivos sobre o linho branco, bege, cinza claro ou de tom suave.

LINHOS ESTAMPADOS, ESTOFOS E DECORAÇÕES

CASA BEIRIZ

RUA 7 DE SETEMBRO-82-T.42-6964 JUNTO A AVENIDA

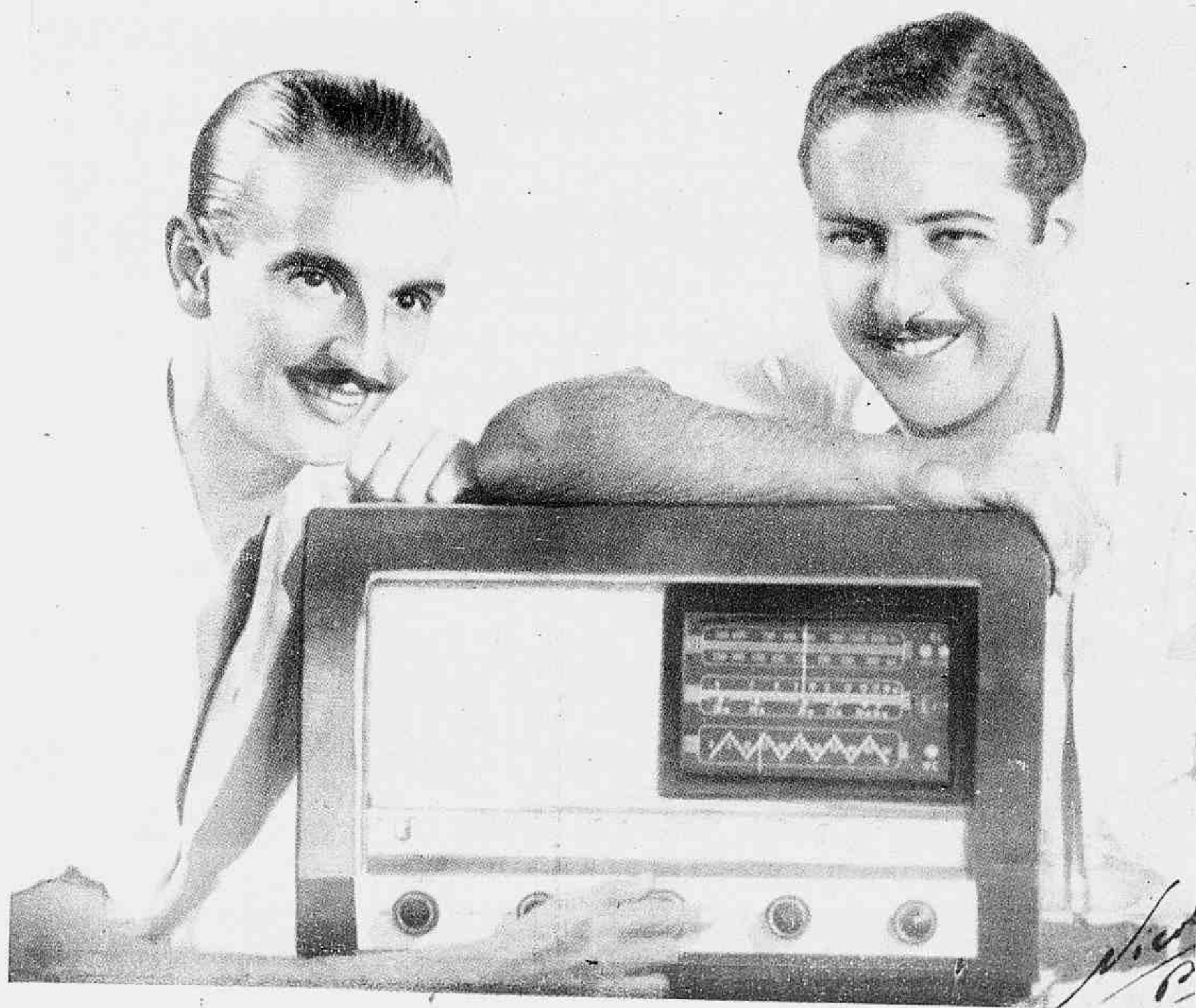


ESPORTE ILUSTRADO é a melhor revista esportiva brasileira

JOEL E GAUCHO ESTREARÃO DIA 17 NA PRA--9



"Os irmãos gêmeos da voz" serão apresentados no "Microfone dos Astros", por Cezar Ladeira, às 21.45 hs.



Mais uma estreia que marcará um acontecimento na vida radiofônica da cidade será a de Joel e Gaucho. A querida dupla retorna assim ao convívio de seus inúmeros fãs brasileiros através da onda mairinkiana com um repertório inteiramente novo e cuidadosamente escolhido. Aliás, um dos segredos do crescente sucesso desse duo vocal reside exatamente na seleção das músicas que compõem a sua bagagem melódica. Joel e Gaucho desta vez irão apresentar composições inéditas e interessantes que nas suas vozes homogêneas e perfeitamente harmônicas adquirem notáveis efeitos sonoros.

Sendo assim, teremos no dia 17, às 21.45 horas, um desfile de ritmos populares brasileiros a cargo de Joel e Gaucho, desfile que contém números interessantes e curiosos como a ranchera de Joel e Pedro Caetano "Na cidade é que se ganha a vida", o samba de Germano Augusto e José Gonçalves "Si eu pudesse..." e a linda valsa de Carvalhinho "Canção do Berço" entre as composições que irão para o ar nesse programa de estreia. Há ainda uma surpresa musical no fim da audição de Joel e Gaucho na PRA-9, uma surpresa que certamente merecerá calorosos aplausos dos radio-ouvintes da Mayrink Veiga, pelo seu imprevisto e pela sua oportunidade.



Cia. de Cigarros Souza Cruz